

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Sorhaya Chediak**

**Narrativa autobiográfica escrita na velhice:  
discurso, memória e identidade**

**DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**São Paulo  
2023**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Sorhaya Chediak**

**Narrativa autobiográfica escrita na velhice:  
discurso, memória e identidade**

Tese apresentada à Banca de Qualificação do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. João Hilton Sayeg Siqueira.

Linha de pesquisa: Texto e discurso nas modalidades oral e escrita.

**São Paulo  
2023**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

*e-mail* \_\_\_\_\_

XXXXx

CHEDIAK, Sorhaya.

**Narrativa autobiográfica escrita na velhice:** discurso, memória e identidade/ Sorhaya Chediak. São Paulo, 2023.

xxxx f.

Orientador: Prof. Dr João Hilton Sayeg Siqueira.

Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Paulista Católica de São Paulo - PUC/SP

1. Narrativa. 2. Autobiografia. 3. Discurso. 4. Memória. 5 Identidade. I. Siqueira, João Hilton Sayeg. II. Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. III. Título

CDD: xxx.x:xx

Bibliotecário Responsável

**SORHAYA CHEDIAK**

**Narrativa autobiográfica escrita na velhice: discurso, memória e identidade**

Tese apresentada à Banca de Qualificação do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Língua Portuguesa.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. João Hilton Sayeg Siqueira  
Presidente e Orientador - PUC/SP

Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira  
Membro Titular Interno - PUC/SP

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sueli Cristina Marquesi  
Membro Titular Interno - PUC/SP

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nair Ferreira Gurgel do Amaral  
Membro Titular Externo - Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Prof. Dr. Lucas Martins Gama Khalil  
Membro Titular Externo - Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

*A minha avó, Luzia Sardinha Rodrigues, in memoriam,  
contadora de causos, que, ao registar a sua história,  
deixou como legado seu discurso,  
sua memória e sua identidade  
e gravou na linha do tempo  
as representações de seus antepassados  
que explicam as construções presentes  
e alimentam as das futuras gerações.*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 - Processo nº 88887.369391/2019-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001 - Process nº 88887.369391/2019-00.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me fortalecer e sustentar, por me dar forças.

Ao meu orientador, João Hilton Sayeg Siqueira, por ter me mostrado e oportunizado realizar esta pesquisa, por me ouvir durante horas, por aguentar as diversas mensagens durante este tempo, por me ter acolhido e acalmado nos momentos de aflição, pelas sábias palavras, humildade e coração gentil.

A professora Nair Ferreira Gurgel do Amaral, por fazer parte da minha trajetória acadêmica.

Ao meu esposo, Nicanor Flores dos Reis Filho, por apoiar e abraçar comigo meu sonho, por me amparar nos momentos de depressão, de crise de ansiedade e por cuidar dos nossos filhos durante minha ausência.

Aos meus filhotes amados, Davi e Isac, por acreditarem sempre em mim e por aguentarem minha fragilidade.

A minha mãe, Maria Lucy, que sempre me trouxe palavras de acolhimento e esperança, por ser meu porto seguro, por me apoiar incondicionalmente, pelos vários chás de cidreira e camomila durante o doutorado, por cuidar de mim e da minha família e por ser referência na determinação.

Ao meu pai, Jorge, que sempre me incentivou a buscar o conhecimento.

A minhas irmãs, Sheylla e Jackeline, pelo amor e apoio, por serem minhas inspirações, companheiras e amigas, por trocarem comigo conhecimentos e percepções da vida, por me ouvirem mesmo após um dia exaustivo de trabalho, por acolherem minha fragilidade e ajudar-me a superar os momentos difíceis.

Aos meus irmãos, Jacobson e Jackson, que me encheram de coragem e força para ingressar no Doutorado, por acreditarem que seria possível, por apoiarem e incentivarem esta jornada.

A minhas cunhadas Paula e Taiane pelo carinho e cuidado. Aos meus cunhados, Jorge e Lenivaldo, pelos cafés, jantares, conversas, carinho e apoio.

A minhas sobrinhas, Thalyta e Hagnes, meus amores, pelo companheirismo, brincadeiras, sorrisos e palavras de encorajamento, minhas eternas filhas do coração.

Aos meus amores, Juliana, Guilherme e Gustavo.

Às crianças da família, meus bebês Bárbara e Tiago, por encherem meu coração de alegria, por me darem a paz, a tranquilidade, a alegria e a força nos momentos em que mais precisei e me fizeram sorrir.

A minhas amigas: Nazian, irmã do coração, que me acompanhou, acolheu e trouxe palavras de conforto quando eu mais precisava, fortalecendo minha fé; Shirlene, que sempre me incentivou e compartilhou ideias incríveis, pelas longas conversas, apoio e conselhos, pelas risadas e momentos de muita troca; Juliana, por insistir e alimentar minha espiritualidade; Beatriz pelo companheirismo e carinho, por me acolher nos momentos difíceis; Cristina, pelas palavras de fé, por acalmar meu coração e me mostrar que eu seria capaz; Olga, uma amiga muito especial, pelas conversas, pelo apoio, companheirismo, carinho e acolhimento; Amanda e Denise, parceiras e companheiras durante o doutorado.

Aos amigos do Grupo ERA, pelos momentos de estudo e risadas, em especial a Márcia e Kathrine, por compartilharem ideias, por todo apoio e acolhimento.

Ao meu amigo Carlos, pelo companheirismo e apoio, por compartilhar tantas ideias para artigos e momentos criativos, pelos cafés e risadas, por me ouvir horas ao telefone.

Às professoras Nair Ferreira Gurgel do Amaral e Maria do Socorro Dias Loura Jorrin, por fazerem parte da minha vida acadêmica e pelas contribuições para a pesquisa e trabalho docente.

Aos professores da PUC São Paulo: Luiz Antonio Ferreira, Jarbas Nascimento, Lilian Maria Ghiuro Passarelli e Regina Célia Paugliuchi da Silveira (*in memoriam*).



*Sou feita de retalhos.*  
*Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.*  
*Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.*  
*Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...*  
*Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...*  
*Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.*  
*E penso que é assim mesmo que a vida se faz:*  
*de pedaços de outras gentes que vão se*  
*tornando parte da gente também.*  
*E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...*  
*Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.*  
*Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem*  
*engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar*  
*pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.*  
*E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia,*  
*um imenso bordado de "nós".*  
*(Cris Pizziment)*

CHEDIAK, Sorhaya. **Narrativa autobiográfica escrita na velhice**: discurso, memória e identidade. 2023. 138f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, 2023.

## RESUMO

Este estudo se insere na linha de pesquisa *Texto e discurso nas modalidades oral e escrita* e tem por apoio teórico básico a Análise do Discurso Crítica, a partir da concepção tridimensional de Fairclough (2016), que é caracterizada por três aspectos: práticas sociais, práticas discursivas e texto. Como objeto de investigação, tomou-se uma narrativa autobiográfica escrita na velhice, com vistas a perceber como as práticas discursivas se interconectam com a memória e a identidade individual e coletiva, bem como as representações sociais explicam a constituição desses elementos e como estes se revelam na linguagem oral ou escrita. Partindo desse entendimento, a questão norteadora da pesquisa foi assim delineada: Como o discurso da narrativa autobiográfica é construído? Tal questionamento se desdobra em outros: a) Como ocorrem as digressões, continuidades e rupturas da memória no discurso da narrativa? b) Como a identidade é revelada na construção da escrita autobiográfica? e c) Como o *ethos* é constituído na narrativa? Em busca de respostas para tais questões, foram estabelecidos os objetivos: geral - analisar o discurso em uma narrativa autobiográfica, considerando a constituição da memória e a construção temporal da identidade; específicos - a) investigar como é construído o discurso de uma narrativa autobiográfica; b) descrever e analisar as continuidades e rupturas narrativas da memória no discurso; c) identificar, no discurso, elementos narrativos de construção da identidade; e d) verificar como o *ethos* é construído na narrativa, com base na análise do discurso, evidenciando a memória e a identidade. Para cumprir o intento, adotou-se uma abordagem qualitativa, a partir do método descritivo, documental e interpretativo, que explora a constituição discursiva, bem como as marcas de memória e de identidade presentes na escrita. Como resultado, constatou-se que a narrativa autobiográfica é uma forma de autorrepresentação que possibilita a compreensão dos processos sociais e culturais e, por isso, tem importância histórica e sociológica. Por meio de tal narrativa, é possível compreender a memória, a identidade, a construção de significados, as representações sociais e a manifestação das concepções ideológicas, bem como a subjetividade construída na relação com o outro.

**Palavras-chave:** Discurso. Identidade. Memória. Narrativa autobiográfica.

CHEDIAK, Sorhaya. **Autobiographical narrative written in old age: discourse, memory and identity**. 2023. 138f. Thesis (Doctorate in Portuguese Language) - Pontifical Catholic University of São Paulo - PUC/SP, São Paulo, 2023.

## ABSTRACT

This investigation is part of the research line *Text and discourse in oral and written modalities* and its theoretically supported by the Critical Discourse Analysis, based on the three-dimensional conception of Fairclough (2016), which is characterized by three aspects: social practices, practical speeches and the text. The investigated object was an autobiographical narrative written in old age, in view to perceive how discursive practices interconnect with memory and individual and collective identity, as well as how social representations explain the constitution of these elements and how they reveal themselves by means of oral or written language. Based on this understanding, the research's guiding question was outlined as follows: How is the discourse of the autobiographical narrative constructed? Such questioning unfolds in others: a) How do digressions, continuities and ruptures of memory occur in the narrative discourse? b) How is identity revealed in the construction of autobiographical writing? and c) How is *ethos* constituted in the narrative? In searching answers to these questions, the objectives were established: general - to analyze the discourse in an autobiographical narrative, considering the constitution of memory and the temporal construction of identity; specific - a) investigate how the discourse of an autobiographical narrative is constructed; b) describe and analyze the narrative continuities and ruptures of memory in discourse; c) identify, in the speech, narrative elements of identity construction; and d) verify how *ethos* is constructed in the narrative, based on discourse analysis, highlighting memory and identity. To fulfill this intention, it was adopted a qualitative approach, based on the descriptive, documentary and interpretative method, which explores the discursive constitution, as well as the marks of memory and identity present in the writing. The results demonstrate that the autobiographical narrative is a form of self-representation that enables the understanding of social and cultural processes and, therefore, it has historical and sociological importance. Through such narrative, it is possible to understand memory, identity, construction of meanings, social representations and tmanifestations of ideological conceptions, as well as the subjectivity built in the relationship with the other.

**Keywords:** Discourse. Identity. Memory. Autobiographical narrative.

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

<b>AD</b>	Análise do Discurso
<b>ADC</b>	Análise do Discurso Crítica
<b>ADTO</b>	Análise do Discurso Textualmente Orientada
<b>FD</b>	Formação discursiva
<b>LC</b>	Linguística Crítica
<b>LSF</b>	Linguística Sistêmica Funcional
<b>MD</b>	Memória Discursiva
<b>RS</b>	Representações Sociais
<b>TSD</b>	Teoria Social do Discurso

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - A biografia na linha do tempo. ....	22
<b>Figura 2</b> - População residente, segundo o sexo e os grupos de idade (%) .....	31
<b>Figura 3</b> - Discurso: efeitos construtivos. ....	37
<b>Figura 4</b> - Concepção tridimensional do discurso. ....	40
<b>Figura 5</b> - Discurso: prática política e ideológica. ....	42
<b>Figura 6</b> - Os cadernos e folhas de registros. ....	75
<b>Figura 7</b> - Luzia e a 4ª geração. ....	75
<b>Figura 8</b> - Elementos para a análise do texto. ....	80
<b>Figura 9</b> - O processo de estabelecimento das categorias de análise. ....	82
<b>Figura 10</b> - Como conheceu José - Parte I. ....	85
<b>Figura 11</b> - Como conheceu José - Parte II. ....	86
<b>Figura 12</b> - Apresentação do pai e da mãe. ....	91
<b>Figura 13</b> - Espaços da ordem do discurso. ....	93
<b>Figura 14</b> - Um exemplo de dona de casa: o papel social da mulher. ....	94
<b>Figura 15</b> - A representação da família. ....	95
<b>Figura 16</b> - O retrato do pai. ....	96
<b>Figura 17</b> - Comemoração das Bodas de Prata. ....	101
<b>Figura 18</b> - Comemoração das Bodas de Ouro. ....	103
<b>Figura 19</b> - Comemoração das Bodas de Diamante. ....	105
<b>Figura 20</b> - Tempo e digressão. ....	107
<b>Figura 21</b> - Mortes e divagações. ....	110
<b>Figura 22</b> - Recordação e dedicatória. ....	111
<b>Figura 23</b> - Reflexão da vida. ....	113
<b>Figura 24</b> - Nascimento dos filhos - Parte I. ....	115
<b>Figura 25</b> - Nascimento dos filhos - Parte II. ....	116
<b>Figura 26</b> - A esposa, mãe, avó e bisavó. ....	118
<b>Figura 27</b> - A velhice. ....	120
<b>Figura 28</b> - Construção temporal das identidades .....	122

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Autobiografia: relato de uma vida, diário pessoal e correspondência .....	21
<b>Quadro 2</b> - Elementos da autobiografia .....	23
<b>Quadro 3</b> - O tempo demarcado.....	29
<b>Quadro 4</b> - Proposta analítica da concepção tridimensional do discurso.....	41
<b>Quadro 5</b> - Conceitos essenciais da ADC .....	43
<b>Quadro 6</b> - Atuação da semiose .....	45
<b>Quadro 7</b> - Referente e referenciação .....	49
<b>Quadro 8</b> - Distinção entre referir, remeter e retomar.....	50
<b>Quadro 9</b> - Ações da progressão referencial .....	52
<b>Quadro 10</b> - Estratégias de progressão.....	52
<b>Quadro 11</b> - A memória em Candau.....	56
<b>Quadro 12</b> - Subsistema na memória .....	58
<b>Quadro 13</b> - Representações sociais .....	62
<b>Quadro 14</b> - As três formas de identidades de Castells.....	66
<b>Quadro 15</b> - Características da pesquisa .....	74
<b>Quadro 16</b> - Categorias de análise .....	84
<b>Quadro 17</b> - Análise textual - Termos de coesão textual .....	87
<b>Quadro 18</b> - Projeções discursivas sobre a mãe e o pai .....	98
<b>Quadro 19</b> - Categorias da Análise TSD (FAIRCLOUGH, 2016) .....	99

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 A AUTOBIOGRAFIA.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 A narrativa autobiográfica .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 A temporalidade na narrativa autobiográfica .....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 Narrativa autobiográfica escrita na velhice .....</b>	<b>30</b>
<b>3 DISCURSO .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 O discurso e o registro textual .....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 A análise da estrutura textual .....</b>	<b>47</b>
3.2.1 Termos da coesão textual .....	50
<b>4 MEMÓRIA, IDENTIDADE E <i>ETHOS</i> .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1 Memória: concepções gerais .....</b>	<b>55</b>
<b>4.2 A memória como construção social do indivíduo .....</b>	<b>59</b>
<b>4.3 A construção da identidade .....</b>	<b>63</b>
4.3.1 O <i>ethos</i> na narrativa autobiográfica.....	67
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>72</b>
<b>5.1 Características gerais e procedimentos da pesquisa .....</b>	<b>72</b>
<b>5.2 Contexto e descrição da narrativa autobiográfica.....</b>	<b>74</b>
<b>5.3 Análise do Discurso Crítica e as representações sociais.....</b>	<b>77</b>
<b>5.4 A Análise do Discurso Textualmente Orientada .....</b>	<b>78</b>
<b>5.5 Procedimentos para tratamento dos dados .....</b>	<b>81</b>
<b>6 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>82</b>
<b>6.1 O processo de estabelecimento das categorias e subcategorias .....</b>	<b>82</b>
<b>6.2 Análise textual.....</b>	<b>84</b>
<b>6.3 Discurso .....</b>	<b>90</b>
6.3.1 Projeção discursiva da família .....	90
6.3.2 Projeção discursiva do matrimônio .....	90
<b>6.4 Memória .....</b>	<b>106</b>
6.4.1 Digressões, continuidades e rupturas da memória .....	106
<b>6.5 Identidade.....</b>	<b>113</b>
6.5.1 Ser coletivo .....	113
6.5.2 Múltiplas identidades .....	121
6.5.3 <i>Ethos</i> solidário e afetivo .....	123

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>126</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>132</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere nos estudos sobre linguagem, mais especificamente na área da Análise do Discurso Crítica (ADC), a partir da concepção tridimensional de Fairclough (2016), que é caracterizada por três aspectos: práticas sociais, práticas discursivas e o texto. O estudo toma como objeto de investigação uma narrativa autobiográfica escrita na velhice, explorando sua constituição discursiva, bem como as marcas de memória e identidade presentes na escrita. Nosso interesse em estudar o tema surgiu da trajetória como pesquisadora da área de Letras e como expectadora de parte da história de vida aqui enfocada e, portanto, coadjuvante da memória e da identidade presentes no objeto de estudo, uma vez que somos neta da narradora.

A narrativa autobiográfica é um gênero textual que registra a história de vida de um indivíduo; entretanto, representa uma história coletiva, uma vez que a identidade individual é constituída no social (VYGOTSKY, 2000; HALBWACHS, 2013). Assim, esse gênero textual se revela como um importante objeto de análise das representações sociais de algum momento na história da humanidade. O estudo da linguagem escrita de narrativas autobiográficas pode evidenciar entendimentos hegemônicos da história e da cultura que moldam os discursos e o comportamento humano e, conseqüentemente, explicam as formações discursivas, as identidades e representações constituídas no imaginário social.

Pensamento e linguagem formam uma unidade dialética, conforme aponta Vygotsky (2000) em seus estudos sobre o desenvolvimento humano. Portanto, entender o discurso produzido na narrativa é também compreender o pensamento, como um indivíduo processa esse pensamento a partir da elaboração de conceitos sociais e individuais e como registra tal pensamento. Também é importante considerar as condições concretas de produção de um discurso, o sujeito e seu contexto social, o que está posto para determinado indivíduo de uma determinada classe social, as ideologias radicadas nas práticas discursivas e a serviço de quem elas estão.

Nessa perspectiva, o registro da narrativa autobiográfica mantém viva não somente a história de um sujeito, mas também como o discurso hegemônico é reverberado no texto. Além disso, a narrativa autobiográfica, enquanto palavra, reflete as transformações sociais e interpreta um ato ideológico (BAKHTIN, 2014) e vem carregadas de um saber histórico que se constrói nas relações inter e intrapessoal.

Nesse sentido, consideramos relevante mencionar que, neste percurso, nossa construção como pesquisadora envolveu uma aproximação cuidadosa e um esforço constante para manter um distanciamento analítico em relação ao objeto de pesquisa, motivado pelo referencial teórico que fundamentou nossa análise. No entanto, reconhecemos nossa participação ativa no contexto de vida relacionado ao objeto de pesquisa, influenciada pela nossa própria identidade. Ao consultar os referenciais teóricos para abordar as questões linguísticas presentes nos excertos da narrativa, percebemos a necessidade de analisar nosso próprio uso da linguagem, incluindo escolhas vocabulares e estilo de escrita. Essa conexão entre a identidade da pesquisadora e o objeto de pesquisa revela os aspectos social e familiar subjacentes à materialidade linguística.

A autobiografia analisada, produzida na velhice, apresenta dois recortes temporais: o primeiro se refere ao período da escrita, ocorrido entre 2002 e 2006; o segundo ao registro das memórias de vida entre 1920 e 2006. Os cenários descritos se reportam a diferentes estados brasileiros, com maior frequência o estado de Goiás. Ao registrar sua história, a autora da narrativa, Luzia Sardinha Rodrigues, expressa um valioso testemunho de suas vivências, experiências e reflexões acerca da vida. Deixa também, na sua escrita, traços de um tempo na história do coletivo que reflete em sua percepção do eu. Escritas na velhice, suas lembranças representam a sabedoria de uma idade, ao interpretar o passado e o presente.

Luzia Sardinha Rodrigues nasceu em Iporá-GO, no ano de 1928, e faleceu em Goiânia-GO, no ano de 2018. Os escritos retratam, portanto, o discurso, a memória e a identidade de uma mulher que viveu nesse período, que muito apreciava ler, contar histórias, recitar poesias, brincar com os netos e netas, caminhar pelas trilhas em meio ao mato e passear. Era uma mulher religiosa, muito dedicada à família e muito convicta de seus papéis sociais como filha, esposa, mãe, avó, tia etc. Luzia representa um discurso produzido nesse período histórico; não é somente o discurso de um ser individual, pois também reúne uma série de características do pensamento coletivo.

Estudar narrativas autobiográficas nem sempre foi visto como algo relevante, haja vista que tais narrativas eram tidas como escritos comuns, produzidos por pessoas comuns. No entanto, dentre tantos fatores peculiares à investigação desse gênero textual, é fundamental problematizar os aspectos relacionados ao discurso, à memória e à identidade. Lejeune (2002), em entrevista com Noronha (2002), menciona que a autobiografia era um gênero literário, mas ele tinha uma percepção limitada e acadêmica, apesar de ter condescendência por indivíduos que não eram escritores e escreviam autobiografias. O autor afirma que era elitista e, por isso, chegou a subestimar os manuscritos do bisavô, levando

tempo e empenho pessoal para entender que “[...] as autobiografias de escritores eram apenas uma pequena província de um país imenso, que o direito de escrever sobre si pertencia a todos e que essa prática tinha suas leis próprias, sem relação com as leis da literatura” (LEJEUNE, em entrevista a NORONHA, 2002, p. 24).

Ao longo da história, observamos que a indústria editorial e os aparelhos midiáticos não demonstraram grandes interesses em promover destaque para discursos produzidos pelas autobiografias de pessoas comuns. Provavelmente por esse motivo tenhamos poucos estudos com foco nesse gênero. Porém, concebemos que a pesquisa sobre discurso, memória e identidade em narrativas autobiográficas pode mostrar como as práticas discursivas se interconectam com a memória e a identidade individual e coletiva, como as representações sociais explicam a constituição desses elementos e como estes se revelam na linguagem oral ou escrita. É por meio do discurso que um indivíduo evoca suas memórias e articula sua(s) identidade(s) e é no processo de produção da escrita autobiográfica que esse mesmo indivíduo pode negociar, refletir e conhecer melhor essa(s) identidade(s) e sua relação com a sociedade.

Partindo desse entendimento, delineamos a questão central desta investigação: Como o discurso da narrativa autobiográfica é construído? Tal questionamento se desdobra em outros: a) Como ocorrem as digressões, continuidades e rupturas da memória no discurso da narrativa? b) Como a identidade é revelada na construção da escrita autobiográfica? e c) Como o *ethos* é constituído na narrativa?

Como objetivo geral, intentamos analisar o discurso em uma narrativa autobiográfica, considerando a constituição da memória e a construção temporal da identidade. Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) investigar como é construído o discurso de uma narrativa autobiográfica; b) descrever e analisar as continuidades e rupturas narrativas da memória no discurso; c) identificar no discurso elementos narrativos de construção da identidade e d) verificar como o *ethos* é construído na narrativa, com base na análise do discurso evidenciando a memória e a identidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa, apoiada pelo método descritivo, documental e interpretativo. Utilizamos a ADC tanto como fundamentação teórica, quanto método para análise dos dados, considerando a teoria tridimensional do discurso proposta por Fairclough (2016), que abrange três aspectos: a) o discurso como prática social; b) prática discursiva; e c) o texto. Vale destacar que a ordem desses aspectos é da maior unidade (social) para a menor (o texto).

O discurso como prática social advém das relações sociais, em um cenário mais amplo, e compreende elementos como a ideologia e a hegemonia; a primeira estabelece e

sustenta o discurso dominante e a segunda se refere à naturalização desse discurso, ou seja, a hegemonia passa pela ideologia. A prática discursiva, esfera inserida na prática social e, portanto, menos ampla, relaciona-se aos elementos de produção, distribuição e consumo do texto narrado. Já o texto - neste caso, a narrativa (escrita) autobiográfica - se relaciona ao vocabulário, à gramática, à coesão e à estrutura textual (FAIRCLOUGH, 2016).

Destacamos que esta pesquisa encontra suporte em estudos acerca da biografia e autobiografia, discurso, memória e identidade. Como sustentação para a discussão sobre biografia e autobiografia, consideramos estudos de autores como Lejeune (2008, 2012), Arfuch (2010, 2013) e Dosse (2015). Em relação à ADC, relacionamos e discutimos, em nosso referencial teórico, pesquisas de Chouliaraki (1999), Fairclough (2004, 2016) e Wodak (2003), bem como de autores brasileiros, como Orlandi (2012), Ramalho e Resende (2011). No que tange à memória, encontramos fundamentos em Castells (2018), Halbwachs (2013), Indursky (2013), Paveau (2013), Ricoeur (1995, 2007). Recorremos a investigações de Candau (2021), Ciampa (1989) Hall (2011, 2014), Jacques (2013) e Silva (2014) acerca da identidade e, por fim, para tratar sobre *ethos*, apoiamo-nos em estudos de Amossy (2016, 2020).

Para a exposição do trabalho desenvolvido, organizamos esta tese em seis capítulos. O primeiro, que é esta introdução, apresenta um panorama geral da pesquisa e contextualiza o leitor quanto ao tema, contexto, justificativa, questões de pesquisa, objetivos, dentre outras informações. Os capítulos 2, 3 e 4 trazem os fundamentos teóricos que sustentam a análise. O capítulo 5 explica os caminhos metodológicos para tratamento e análise dos dados e capítulo 6 traz a análise e a discussão dos dados.

Nessa organização, no segundo capítulo, denominado *A autobiografia*, abordamos a narrativa autobiográfica, a temporalidade na narrativa e considerações sobre a narrativa produzida na velhice.

No terceiro capítulo, intitulado *Discurso*, tratamos do discurso e o registro textual, da análise da estrutura textual e dos termos da coesão textual.

No quarto capítulo, intitulado *Memória, Identidade e Ethos*, abordamos as concepções gerais de memória, a memória como construção social do indivíduo, a construção da identidade e o *ethos* na narrativa autobiográfica.

No quinto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, compreendendo as características gerais, o contexto e descrição da narrativa autobiográfica, a ADC e as representações sociais, a Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) e os procedimentos para tratamento dos dados.

No sexto capítulo, explanamos o processo de estabelecimento das categorias e subcategorias que orientam a análise. Como categorias centrais, trazemos o discurso, a memória e a identidade, a partir das quais delineamos categorias emergidas dos dados, tais como: a análise textual, a projeção discursiva da família e do matrimônio; digressão, continuidade e rupturas da memória; ser coletivo; múltiplas identidades; *ethos* solidário e afetivo.

Por fim, apresentamos as considerações finais, com algumas retomadas e apontamentos, conclusões e perspectivas.

## 2 A AUTOBIOGRAFIA

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si (AMOSSY, 2016, p. 9).

Neste capítulo, apresentamos as principais concepções acerca de narrativa autobiográfica e de biografia, bem como o processo de temporalidade e a escrita na velhice.

### 2.1 A narrativa autobiográfica

De acordo com o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2010, p. 70) “auto é um elemento composto, do grego *auto-*, de *autós* ‘de si mesmo, por si mesmo, espontaneamente’, que se documenta em alguns compostos formados no próprio grego, como *autógrafo* // *autobio-graf-ia*”.

A palavra ‘biografia’ é formada pelo prefixo *bio*, que indica vida, e *grafia*, que representa a ideia de escrever. O gênero ‘biografia’ é um tipo de literatura consagrada por descrever ou narrar a vida de uma pessoa, em geral com certo prestígio social. A linguagem é em prosa e a narrativa se organiza de modo retrospectivo. Conforme Dosse (2015), a sociologia colaborou para o renascimento da receptividade da biografia, devido ao êxito atingido na década de 70, por meio dos relatos de vidas anônimas, devido à modernização acelerada do mundo. Dosse (2015, p. 249) afirma que, “[...] longe de contar uma vida, o relato biográfico mostra uma interação que ocorre por intermédio de uma vida.” Desse modo, biografar não é somente escrever sobre si, mas criar um manifesto de si que revela o *ethos*.

Assim como Lejeune (2012), entendemos que a autobiografia é a manifestação da escrita de vida por uma pessoa, como uma forma de deixar registradas suas percepções, experiências e vivências de um período e uma impressão de si no mundo. Conforme o citado estudioso, a autobiografia se diferencia pelo menos em três aspectos: 1) o relato retrospecto de uma vida, 2) o diário pessoal e a correspondência. As características textuais de cada um podem ser resumidas conforme o Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1 - Autobiografia: relato de uma vida, diário pessoal e correspondência**

<b>Relato retrospectivo de uma vida ou de uma parte significativa da vida</b>	<b>Diário pessoal</b>	<b>Correspondência</b>
Feito por escrito, para fins de comunicação ou transmissão. É um ato raro e difícil, supõe um trabalho de composição, envolve riscos, ainda que seja um ato privado. O objetivo é transmitir uma memória, uma visão de mundo, uma experiência e valores. Ato raro, mas destinado à visibilidade.	Pode ser usado para construir uma memória, para aliviar as emoções, para dar um passo atrás a fim de refletir sobre a vida, à medida que esta avança. É uma atividade muito difundida, sem regras, e que, na maioria das vezes, acaba no lixo.	Dirige-se a uma pessoa de quem se está distante; é um ato recíproco, cujo objetivo é manter uma relação e cuja forma é manifestamente livre.

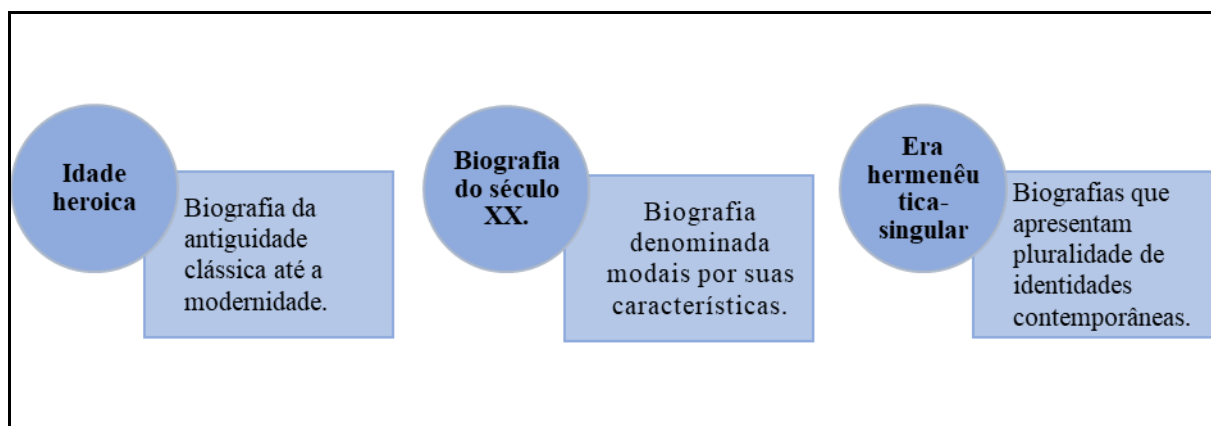
Fonte: Elaborado pela autora, com base em Lejeune (2012).

Lejeune (2008, p. 14) define a autobiografia como “[...] narrativa retrospectiva em prosa, como uma pessoa real, feito de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. O autor aponta, ainda, que não há uma forma ou essência fixa, pois os comportamentos das escritas são influenciados por diversas razões, em parte pelas mudanças nas “[...] ferramentas de comunicação” [...] “Não existe um eu fixo, idêntico ao longo da história, que simplesmente se expressaria de forma diferente de acordo com as ferramentas que lhe seriam oferecidas. Aqui, é a ferramenta que molda o artesão” (LEJEUNE, 2012 p. 1). Não somente a autobiografia é alterada, segundo as estruturas sociais e ferramentas de comunicação, mas também a maneira como conduzimos e pensamos a nossa identidade.

As escritas biográficas comerciáveis são aquelas que narram a história de vida de pessoas importantes, conhecidas socialmente por seu legado, influência, atos históricos, experiências, que ocupam cargos relevantes e/ou aquelas que estão na mídia; o fundamental é ter fatos relevantes e surpreendentes para se contar. Conforme explica Lejeune (2002), a autobiografia nem sempre foi considerada texto relevante para investigação acadêmica e isso pode ter ocorrido porque nem sempre a indústria editorial demonstrou interesse em divulgar escritos de pessoas comuns, o que deve ter levado à pequena produção com o gênero. Outro aspecto se deve ao fato de que a autobiografia tem suas leis próprias e não segue as “leis da literatura”. Nesse sentido, Clandinin e Connelly (2015) argumentam que a escrita autobiográfica é uma representação e uma forma de escrever sobre um determinado contexto de vida. Então, a autobiografia é um construto narrativo, um conto particular e, por esse motivo, uma representação.

De acordo com Arfuch (2010, p. 16), a narração de uma vida “[...]constitui a ordem do relato - da vida - e sua criação narrativa, esse ‘passar a limpo’ a própria história que nunca se termina de contar”. A vontade de manifestar o vivido, transformar a vida em unicidade de sentido, é de natureza comum a todas as narrativas do eu e tem correlação com a mudança de interesse do coletivo para o individual. Ao abordar a biografia, Dosse (2015) apresenta um panorama histórico de como essa temática foi construída com o passar do tempo. Para melhor exemplificar, criamos uma linha do tempo, representada na Figura 1:

**Figura 1 - A biografia na linha do tempo**



Fonte: Elaborada pela autora, com base em Dosse (2015).

De acordo com Dosse (2015), a biografia heroica analisava a história de vidas exemplares e tinha a finalidade pedagógica de destacar as particularidades morais do herói, protagonista da história. O estudioso afirma que essas biografias eram distinguidas pela habilidade do autor em expor um retrato de personagens que caracterizassem valores que precisavam ser seguidos pela sociedade, de maneira mais universalizada, pois procurava-se sentido na tendência moralista do ser humano. Nesse período, houve um rompimento entre a história, relacionada à verdade, e a biografia, considerada um gênero que mesclava ficção e realidade.

No século XX, em virtude do impacto da ciência social - apoiada no estruturalismo sociológico, que universaliza a sociedade e diminuía a importância do indivíduo -, as biografias eram nomeadas de 'modais', já que o modo de viver do indivíduo propiciava a análise dos 'aparelhos mentais' de uma determinada época, sem diferenças e padrões. As biografias buscavam compreender o indivíduo como característico de seu contexto.

A idade hermenêutica, de acordo com o sociólogo, está relacionada à individualidade, à percepção em relação às heterogeneidades, às diversas identificações dos sujeitos com o transcorrer da sua trajetória, que não é mais sequencial, mas contém singularidade. É a



ocasião da biografia existencialista e não causalista, do uso da história oral, do reconhecimento do indivíduo e da narrativa. Nas palavras de Dosse (2012, p. 359),

[...] Os estudos atuais se caracterizam pela variação do enfoque analítico, pela mudança constante da escala, que permitem chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas. O quadro monista, unitário, da biografia foi desfeito, o espelho se quebrou para deixar aflorar mais facilmente a apreensão da unidade pela singularidade e, ao mesmo tempo, a pluralidade das identidades, o plural dos sentidos da vida.

Vivenciamos um momento em que as certezas universais foram abaladas e, com isso, o discurso em relação às produções literárias, artísticas ou midiáticas ganha um sentido subjetivo. O ‘eu’ ocupa o ponto central do discurso, visto que a individualidade tem importância, o coletivo rescinde. Aparecem diversas formas de narrativas que, apesar de divergirem em muitos entendimentos, têm em comum o fato de seu ponto central ser o relato do que foi vivido. É a reconfiguração da subjetividade, em que acontece a mudança na percepção de espaço público e privado. A fronteira entre esses espaços é desfeita e o espaço biográfico passou a ser plural e de muitas vozes.

Lejeune (2008) nomeia de ‘pacto autobiográfico’ o acordo estipulado entre autor e leitor, firmado nas evidências por meio das quais o autor confirma a veracidade da narrativa. A linguagem é em prosa, o assunto principal é a vida íntima de uma pessoa real e a narrativa se dispõe de forma retrospectiva. Segundo o autor, a autobiografia carrega informações pertencentes a quatro categorias distintas: 1) forma de linguagem; 2) assunto tratado; 3) situação do autor; e 4) posição do narrador, conforme ilustra o Quadro 2:

**Quadro 2 - Elementos da autobiografia**

<b>Forma da linguagem</b>	<b>Assunto tratado</b>	<b>Situação do autor</b>	<b>Posição do narrador</b>
a) Narrativa b) Em prosa	a) Vida individual b) História de uma personalidade	Identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.	a) Identidade do narrador e personagem principal b) Perspectiva retrospectiva

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Lejeune (2008, p. 14).

Conforme Lejeune (2008), a autobiografia é um gênero literário que se diferencia dos “gêneros vizinhos”<sup>1</sup> (memórias, biografias, poema autobiográfico, diário, autorretrato ou ensaio) porque, além de conter as quatro categorias elencadas no Quadro 2, é possível identificarmos a inclusão de pontos das narrativas íntimas, como memórias, diário e

<sup>1</sup> Expressão usada por Lejeune (2008).

autorretrato, na criação da autobiografia. O autor explica que essas categorias não são rígidas, que certas situações podem não ser preenchidas e que “[...] o texto deve ser principalmente uma narrativa, mas sabe-se a importância do discurso na narração autobiográfica; a perspectiva principalmente, retrospectiva [...] o assunto deve ser principalmente a vida individual [...]” (LEJEUNE, 2008, p. 15).

A biografia e o romance pessoal, de acordo com Lejeune (2008), se diferenciam de autobiografia porque não contemplam as características de situação do autor e nem a posição do narrador; “[...] para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (LEJEUNE, 2008, p.15). Dessa maneira, o nome do autor é fundamental no texto, pois arca com a incumbência da enunciação. O leitor do romance autobiográfico não associa a identidade do autor com a do narrador ou, ainda, da personagem. Já o leitor da autobiografia eleva a presença do autor, porque a identidade cria o narrador e a personagem. Além disso, a identidade narrador-personagem principal é marcada pelo uso da primeira pessoa.

O que diferencia esses dois tipos de texto é o chamado ‘pacto biográfico’, que, para Lejeune (2008), compõe-se no acordo pactuado entre o autor e leitor, apoiado nas evidências por meio das quais o autor reconhece a veracidade da narrativa. Há maneiras distintas de se compor o pacto biográfico; contudo, o intuito do autor em valorizar sua assinatura é essencial. Esses sinais podem ser vistos no título do livro, no prefácio, em que o autor confirma a autenticidade da narrativa, ou, ainda, na manifestação da identidade autor-narrador-personagem no transcorrer da narrativa.

Arfuch (2010) aborda as diversas formas de narrativas autobiográficas e biográficas e considera a multidisciplinaridade nos mais diversos aspectos, tais como: finalidade, canais, linguagens, formatos e meios que circulam na cultura contemporânea. Essa pluralidade de narrativas autobiográficas a fez refletir sobre o espaço biográfico, o qual pode ser propagado por meio de diferentes mídias. A autora não concorda com a ideia de Lejeune (2008) a respeito de que o pacto biográfico é determinante na produção da narrativa biográfica e nem com a diferença entre narrativa autobiográfica e ficção, pois a complexidade do espaço biográfico da cultura moderna aponta poucos aspectos dos argumentos apresentados pelo referido autor.

A partir dos séculos XIX e XX, conforme Arfuch (2010), os gêneros discursivos como autobiografia, memória, diário, cartas e relatos de viagens foram difundidos. Jean Jacques Rousseau (1781), em sua obra *Confissões*, foi referência para as produções de relatos íntimos. A pós-modernidade alterou o espaço biográfico, pois as noções de verdade, valor, certeza e

isenção são colocadas em evidência, a narrativa íntima, subjetiva e sensível passa a ter valor. Na cultura contemporânea, o espaço biográfico nos remete à ideia de Ciampa (1989), no sentido de que a identidade não é fixa nem intrínseca, mas sim uma construção histórica e discursiva que se transforma ao longo do tempo, tendo em vista a importância dos contextos social, cultural e histórico na formação da identidade.

Em suas pesquisas sobre as formas biográficas, Arfuch (2010) recupera o conceito de ‘espaço biográfico’ proposto por Lejeune (2008), com o objetivo de refletir sobre o diálogo dessas múltiplas formas em volta da figura do ‘eu’ e extrair suas particularidades. Logo, tende-se a integrar ao estudo do biográfico, que antes da época pós-moderna considerava somente as formas canônicas e outras formas de biografia não eram consideradas. Restringir o estudo aos gêneros autobiográficos é correr o risco de excluir outras formas tão importantes quanto as clássicas no estudo da biografia, da narrativa centrada no ‘eu’. Nas palavras da referida autora,

Minha perspectiva de análise é multi ou transdisciplinar, venho do campo de Letras, e está presente aí a linguística, a análise de discurso, a semiótica, as teorias do discurso, toda essa trama de reflexões sobre a linguagem. Também há a teoria da narrativa, que se articula como a literatura, a filosofia, a história, a sociologia e também com a psicanálise. A partir das leituras, o pesquisador pode ir articulando esses diferentes conhecimentos, colocando em diálogo autores que tenham certa possibilidade combinatória, ainda que não concordem plenamente entre si. Eu diria que a chave de uma abordagem transdisciplinar é não ter preconceitos, ter a mente aberta e deixar de patrulhar fronteiras, ou seja, não ficar disputando se algo é psicologia ou sociologia ou outra coisa[...] (ARFUCH, 2013, n/p).

Nessa perspectiva, o conceito de espaço biográfico inclui a pluralidade dos discursos que procuram narrar a vida com diferentes possibilidades de escrita e de leituras. Para a autora, o ponto da análise não deve incidir sobre o assunto da narrativa ou sobre o grau de veracidade de reprodução da vida, mas sim sobre a estratégia discursiva na elaboração narrativa. O que se faz relevante é “[...] o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. É essa a qualidade autorreflexiva [...]” (ARFUCH, 2010, p. 73, grifos da autora). Esse processo é permeado pela linguagem e por seus traços simbólicos, com representações do mundo e experiências vivenciadas.

Toda autobiografia está sujeita a um processo natural de criação, o que possibilita ao indivíduo, na posição de sujeito socio-histórico, compreender situações e fatos de sua experiência, bem como sua formação em sociedade. Por isso, a autobiografia reside em um momento distinto da vida real; é fato que, mesmo se dispondo a falar a verdade, o autor se

encontra distante das situações que menciona no instante em que escreve, porque está sempre se reportando a acontecimentos passados. Desse modo, “[...] a narração de uma vida, longe de vir a ‘representar’ algo já existente, *impõe sua forma (e seu sentido) à vida mesma*” (ARFUCH, 2010, p. 33, grifos da autora).

De acordo com Bruner e Weisser (1995), a criação autobiográfica compõe a narrativa de vida, convertendo-se em texto. Por mais velada ou evidente que seja, “[...] é só pela textualização que podemos “conhecer” a vida de alguém. O processo da textualização é complexo, uma interminável interpretação e reinterpretação” (BRUNER; WEISSER, 1995, p. 149). Dessa forma, quando relatamos, somos compelidos ao reconhecimento daquilo que significamos e de como nos posicionamos nos mais diversos contextos.

Nesta pesquisa, consideramos a autobiografia um gênero flexível, que possibilita analisar os elementos discursivos, os aspectos relacionados à memória e a identidade. Segundo Arfuch (2010),

[...] toda biografia ou **relato de experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade**. É essa a qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas ciências sociais (ARFUCH, 2010, p. 100, grifo nosso).

A autobiografia possibilita ao sujeito representar as etapas da vida, dispondo em diferentes períodos suas experiências pessoais. Ao mesmo tempo, quem escreve compartilha e expressa, ainda que de maneira inconsciente, os valores de pessoa, sociedade, modos de ser, fazer, pensar e concepções sobre cultura e papéis que exerce na sociedade. A narrativa da ‘expressão de uma época’ demonstra o valor e a compreensão do sujeito e do que ele representa no cenário relatado. Desse modo, podemos também perceber a identidade assumida por esse sujeito que descreve sua história por meio da memória. A autobiografia é um recorte do passado pelo filtro da subjetividade, em que o narrador seleciona, em seu modo de existir, aquilo que julga ser mais relevante para a contação da própria história por meio da escrita.

## 2.2 A temporalidade na narrativa autobiográfica

Compreender e explicar o tempo é um desafio. O tempo foi abordado com fundamento em história, filosofia, teologia, física e matemática. O conceito é complexo, numeroso e provocou a discussão de filósofos, sociólogos, teólogos, astrônomos, físicos e matemáticos, dentre os quais podemos citar: Aristóteles (384-322 a.C.), Santo Agostinho (354-430), Isaac

Newton (1643-1727), Immanuel Kant (1724-1804), Albert Einstein (1879-1955), Martin Heidegger (1889-1976), Jean Piaget (1896-1980), Henri Bergson (1859-1941)<sup>2</sup>. Esses são alguns entre os que procuraram compreender o tempo.

Neste trabalho, abordamos o tempo dentro da construção da narrativa autobiográfica. No entanto, para tratar desse tema, não há como separar o tempo biológico da ciência social e da filosofia, pois consideramos que o tempo está relacionado aos períodos do desenvolvimento humano - infância, adolescência, juventude, velhice - e as experiências que ocorrem no mundo histórico e social do qual participamos, abrangendo, dessa maneira, nossas impressões e vivências dos meios vividos, a partir de como percebemos nossa trajetória.

Conforme o pertencimento, papel social, idade, profissão, as pessoas podem passar, de maneira constante e/ou simultaneamente, por vários espaços sociais, familiares, culturais. Assim, optamos por uma abordagem filosófico-linguística e da psicologia social, a fim de nos auxiliar no entendimento de como o tempo ocorre no enunciado da narrativa autobiográfica e na memória. Desse modo, consideramos o tempo não só cronológico, mas também psicológico, histórico e linguístico.

Elias (1998) explica que o entendimento de tempo é obtido pelo grupo social, que se fundamenta no processo de aprendizagem passado de geração para geração. Uma sociedade que não distinguisse a noção de tempo teria dificuldade em elaborar conceitos de continuidade, periodicidade, sem ter aprendido tais conceitos por meio de uma tradição do saber.

De acordo com Jodelet (2017, p. 31),

[...] as representações como formas de saber prático implicam duplamente uma relação indissociável entre um sujeito, que é sempre social: por sua inscrição social e por sua ligação ao outro, e um objeto que, simbolizado pela representação, é construído e interpretado pelo sujeito ao se referir a ele. Por sua orientação prática, essas formas de saber têm efeitos sobre os comportamentos e ações, o que lhes confere uma eficácia social.

Assim, o tempo abordado é ressignificado não só no momento em que a narrativa é construída, mas também a partir da memória seletiva, que cria significados das próprias experiências. Segundo Jodelet (2017), a representação social, enquanto manifestação cognitiva, pode ser e associada à experiência, à linguagem, à ideia de pertencimento, ao vínculo afetivo e social, ao modelo de conduta e ao pensamento socialmente incutido ou apresentado. As representações sociais comandam a relação do sujeito com o mundo e com os

---

<sup>2</sup> Datas consultadas em: <https://www.ebiografia.com> . Acesso em: 18 out. 2022.

outros, indicando e estabelecendo as ações e as referências sociais que o ajudam a atuar no meio.

É na atividade de interação social que o sujeito cria o conhecimento, se socializa e (re)constrói crenças e concepções que circulam na sociedade. Além disso, a linguagem tem uma função essencial no contexto das representações sociais, visto que é a partir dela que o sujeito e grupos sociais constroem os significados dos objetos ao seu redor, considerando sua condição histórica e psicossocial como uma parcela da realidade social.

Com base na Teoria das Representações Sociais (TRS) é possível perguntar como os conhecimentos são (re)construídos e (re)significados. Sob outra perspectiva, podemos perceber o vínculo do sujeito com a sociedade, bem como os significados contribuem com o dia a dia. As Representações Sociais (RS) são concebidas coletivamente, por intermédio da realidade cotidiana; então, é possível compreendermos as concepções de mundo, sociedade, valores, ideias dominantes por meio de tais representações, visto que carregam informações acerca do pensar e agir de grupos sociais, bem como as relações que os sujeitos conservam no cotidiano. Assim, podemos entender como os discursos são conservados ou transformados e, assim, opor-nos às ordens do discurso existentes, visto que, enquanto sujeitos, nos situamos e fazemos o discurso, como também o modificamos conforme nos envolvemos no ato discursivo em que nos posicionamos.

Dessa maneira, o sujeito constrói o mundo e a si mesmo de modo simultâneo. Isso acontece porque as representações sociais são mutáveis, produtos de condições históricas, têm a função básica de instruir os conhecimentos sociais que orientam o sujeito no mundo e, com isso, indicam sua identidade social, isto é, seu jeito de ser, processo-produto de seu ser social histórico. Candau (2021, p. 92) afirma que:

O ato narrativo não se atém a um tempo abstrato expresso em divisões por dia, mês e ano; ele se estrutura em torno de indicadores temporais centrados sobre o narrador, quer se trate de contar o tempo a partir do momento no qual os fatos são produzidos ou tomar como referência os acontecimentos advindos da experiência pessoal.

Conforme Candau (2021), o tempo pode ser definido a partir de acontecimentos relacionados à memória, que cria relação entre o sujeito e a percepção de temporalidade. Assim, o tempo tem relação com a existência do sujeito, como ele se sente e com seus processos identitários. Não é o tempo demarcado que dá existência aos fatos; ao contrário, é a partir dos fatos que o ato narrativo é descrito, vivido e criado. Para Ricoeur (1994, p. 85), “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e

que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”. As narrativas de vida nos possibilitam dar existência própria ao tempo, com base na experiência vivida.

Elias (1998) menciona que, com base na observação de continuidades, é possível estabelecer a presença das noções de tempo presente, passado e futuro e que essas percepções ajudam a orientar a compreensão dos processos sociais. O autor alega que “[...] o tempo faz parte dos símbolos que os homens são capazes de aprender e com os quais, em certa etapa da evolução da sociedade, são obrigados a se familiarizar, como meios de orientação” (ELIAS, 1998, p. 21). O tempo demarcado é uma necessidade que temos para estabelecer as ocupações, marcar o tempo de trabalho, datas e ciclo de vida.

Com isso, podemos estabelecer duas perspectivas: a) o tempo é subjetivo, ligado às experiências individuais e percepções do sujeito e sua duração pode ser irregular e diversa, visto que “[...]o ser humano faz a experiência de si mesmo e do mundo em um tempo que ele relaciona com sua própria existência. A temporalidade biográfica é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem” (MOMBERGER, 2016, p.137); b) o tempo calendário é quantificável e importante, porque estabelece a vida em sociedade e marca as mudanças sociais.

De acordo com Fiorin (2016, p. 140), “[...] a temporalização manifesta-se na linguagem na discursivização das ações, isto é, na narração, que é simulacro da ação do homem no mundo”. Assim, na linguagem, é possível “presentificar” o presente, o passado e o futuro. O estudioso faz distinção do tempo demarcado, classificando-o em físico, crônico e linguístico, conforme sintetizado no Quadro 3:

**Quadro 3 - O tempo demarcado**

<b>Tempo físico</b>	<b>Tempo crônico</b>	<b>Tempo linguístico</b>
É o intervalo entre o início e o fim de um movimento. Por exemplo: o movimento dos astros determina o dia, mês, ano. É o tempo preciso.	É aquele em que marcamos uma determinada situação do tempo físico para definir a sucessão de acontecimentos. Por exemplo: o ano do nascimento de Cristo.	É determinado no momento da enunciação, que é estabelecido no agora, e, a partir disso, localizamos os acontecimentos, que podem ser anteriores, simultâneos ou posteriores à fala (presente, pretérito e futuro).

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Fiorin (2016).

A partir do tempo linguístico é estabelecida a referência temporal no texto, com marcadores que indicam presente, passado ou futuro. O tempo, no texto, é uma marca linguística em que identificamos os acontecimentos e nos auxilia a construir o tempo vivido,

ainda que de modo acelerado, pois marca a duração e a alternância da passagem da infância para a vida adulta. Vivemos o tempo físico, anos marcados, o crônico, o linguístico, mas também vivenciamos o tempo como resultado de nossas vivências.

Das reflexões teóricas tratadas neste capítulo, destacamos que a autobiografia é a impressão do ‘eu’ no mundo, em que o narrador descreve sua vida, destacando vivências e o que experienciou, manifestando sua subjetividade por meio do discurso. Além disso, a autobiografia está relacionada ao registro da memória, à manifestação das identidades e do *ethos* que conduzem à formação de uma versão particular do ‘eu’.

### 2.3 Narrativa autobiográfica escrita na velhice

A velhice é um período do desenvolvimento humano complexo, como qualquer outro, e abrange questões que não estão relacionadas puramente ao aspecto biológico, mas também ao psicológico e ao social. Não se trata, portanto, apenas de definir uma faixa etária para determinar o que é velhice, pois isso pode ser alterado em conformidade com as representações sociais construídas em cada período histórico.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) uma pessoa idosa é o sujeito com 60 anos ou mais. Esse entendimento encontra-se também no *Estatuto do Idoso*, Lei nº 10741, de 1º de outubro de 2003, que assegura os direitos do idoso. No entanto, assim como Reis e Facci (2016), entendemos que esse conceito não abarca a complexidade do que é ser ‘velho’ na sociedade contemporânea. Segundo os citados autores,

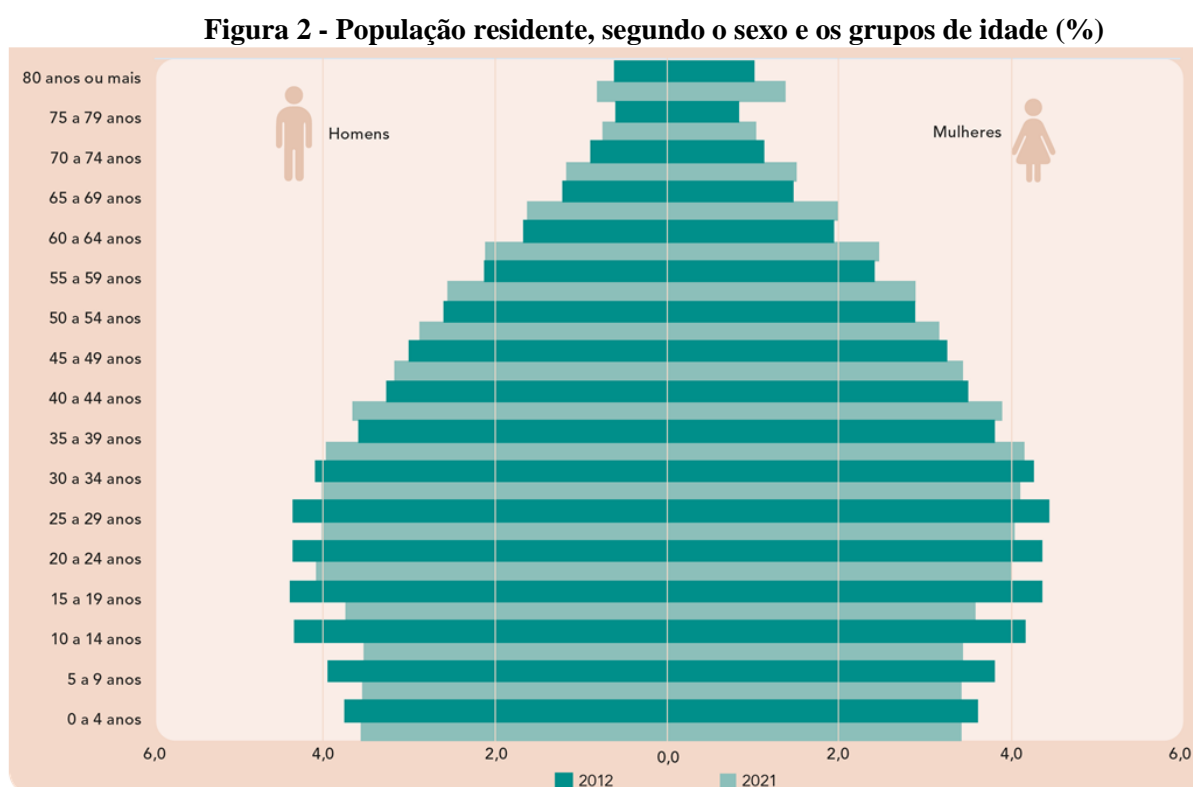
Compreender a velhice parece-nos bastante desafiador, na medida em que lidamos com um período de vida do indivíduo que, ao longo da história da humanidade, sobretudo da história do Ocidente, está envolto em preconceitos e temores. O que podemos observar é que a velhice manifesta-se nas diversas épocas e lugares, fazendo parte da evolução da civilização humana, estando, portanto, presente em nossa vida (REIS; FACCI, 2016, p. 294).

Assim, podemos afirmar que o conceito de velhice depende do momento histórico, da sociedade e das diferentes situações sociais. Além disso, conforme diz Mascaro (2004), a idade pode ser diferente, dependendo de conceitos como: idade cronológica, biológica, social e psicológica. A idade cronológica se refere à data de nascimento. A idade biológica é definida pela herança genética e pelo meio em que a pessoa vive e tem relação com as mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo. A idade social envolve as normas, concepções, eventos sociais e estereótipos que influenciam por meio do fundamento de idade e atuação dos idosos; essas normas, definem o ‘relógio social’ e o que os



indivíduos, numa época determinada da história, podem ou não fazer. Por último, a idade psicológica abrange as alterações de comportamento resultantes das mudanças biológicas do envelhecimento; é afetada pelas normas, pelas perspectivas sociais e pela personalidade de cada indivíduo.

A Figura 2, abaixo, demonstra o crescimento do envelhecimento da população brasileira em 2021, em comparação com 2012. Essa transformação é evidenciada pela diminuição da proporção nos grupos etários mais jovens, na base da pirâmide, em 2021, enquanto houve um aumento no percentual dos grupos de idade que ocupam o topo da pirâmide:



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Pesquisa por Amostra de Domicílio, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua 2012/2021. Nota: Para o período 2012-2019, acumulado de primeiras visitas. Para 2020 e 2021, acumulados de quintas visitas.

Segundo Alves (2022), a descrição demográfica do Brasil passou por transformações expressivas, visto que ocorreu uma diminuição na proporção de jovens, o número de idosos passou a superar a proporção de crianças e adolescentes e o envelhecimento da população se tornou uma característica marcante do novo padrão etário brasileiro. Logo, é essencial valorizar a diversidade de experiências e potencialidades dos idosos, além de reconhecer a importância de respeitar e valorizar suas histórias de vida, conhecimentos e contribuições para a sociedade.

A estudiosa Beauvoir (2018) analisa as experiências e desafios encarados pelos idosos na sociedade, pontuando que a velhice é considerada e vista como uma etapa de decadência e perda de valor. A filósofa critica a maneira como a sociedade marginaliza e discrimina os idosos e aponta a importância de reconhecer a diversidade:

Tanto a etnologia como a biologia apontam a contribuição positiva dos idosos para coletividade é a sua memória e sua experiência que, no campo da repetição, multiplicam suas capacidades de execução e de julgamento. [...]. O papel que os homens de idade representam privadamente. Na família reflete o que o Estado lhes confere. Examinando através do tempo a condição dos velhos, teremos uma confirmação desse esquema (BEAUVOIR, 2018, p. 1672).

O papel e a posição dos idosos na sociedade são definidos pela própria sociedade. Portanto, é importante compreender a velhice, uma vez que ela se manifesta em diversas épocas e contextos, desempenha um papel significativo no desenvolvimento da humanidade e está presente em nossas vidas. No cenário brasileiro, conforme Alves (2022), a velhice é caracterizada por desafios e desigualdades, principalmente para os indivíduos socialmente mais vulneráveis. A carência de políticas públicas apropriadas, a discriminação e a exclusão são pontos que prejudicam a vivência da velhice no país.

As ponderações sobre velhice, nos estudos de Beauvoir (2018), mostram que os preconceitos e discriminações relacionados à idade dificultam a promoção de uma perspectiva mais inclusiva e íntegra do envelhecimento. Assim, o estudo sobre a autobiografia na velhice é uma maneira de refletir sobre as experiências e os saberes acumulados ao longo da vida. Além disso, esse tipo de escrita resgata a memória, fortalece o autoconhecimento, a conexão com os outros e favorece a conservação da memória coletiva, tendo em vista que oportuniza que os idosos recontem suas histórias e sejam ouvidos/lidos. Com isso, a autobiografia contribui, também, com a construção das identidades individual e coletiva, tendo em vista que fortalece o pertencimento e o entendimento da história.

Nesse contexto, Bosi (1994) argumenta sobre a importância de estudos que abordem uma visão social mais ampla e positiva acerca da velhice. Na perspectiva da autora, as narrativas de vida de idosos são fontes valiosas de compreensão do passado não apenas de um indivíduo, mas também de um passado social e visão sobre a sociedade; tais narrativas se relacionam com a construção da identidade e da memória individual e coletiva e, além disso, preservam as memórias e promovem um entendimento comum entre diferentes gerações.

As narrativas produzidas na velhice são formas de registrar histórias, experiências e conhecimentos acumulados pelos idosos e auxiliam na construção de representações sociais

sobre a velhice, com novas visões sobre o que é ser velho. As histórias de vida na velhice, contadas pelos idosos, surgem das suas experiências pessoais, permeadas pelas sociais, considerando a cultura, as normas, as condições econômicas e a estrutura familiar de cada indivíduo (BOSI, 1994). Assim, analisar narrativas autobiográficas escritas na velhice demanda uma análise sensível e bem contextualizada.

Dentre as abordagens teóricas discutidas neste capítulo, destacamos que a narrativa autobiográfica escrita na velhice envolve as experiências, reflexões, perspectivas, memórias e identidade. Assim, tal narrativa é uma maneira de autoexpressão e preservação da memória, na qual o/a autor/a tem a possibilidade de refletir sobre sua vida, dar um novo contexto para suas experiências e transmitir conhecimentos para futuras gerações.

### 3 DISCURSO

A palavra é mesmo uma entidade mágica. Fugidia, ela nos faz perseguir um sentido. Às vezes, se esconde e não nos permite entendê-la em plenitude, mas, ainda assim, nos arrebatava, encanta, envolve e toma conta de nossos corações e mentes [...]. As palavras realmente encantam. E não importa a roupa que usem: se revestidas de pompa, podem esconder enorme simplicidade; outras vezes, sob a veste simples do dia a dia, trazem ensinamentos profundos (FERREIRA, 2017, p. 7-8).

Neste capítulo, discutimos sobre o discurso e a estrutura textual, com fundamentos na ADC. Para tanto, abordamos os efeitos do discurso, a concepção tridimensional do discurso de Fairclough (2016), bem como sua proposta analítica, os conceitos essenciais de ideologia, hegemonia e poder e a atuação da semiose no discurso.

#### 3.1 O discurso e o registro textual

Para tratar do discurso como uma construção social é importante tecermos algumas considerações introdutórias sobre a análise do discurso. A Análise do Discurso (AD) apresenta três vertentes: a Análise do Discurso anglo-saxã ou americana; Análise do Discurso Francesa e a Análise de Discurso Crítica, de vertente britânica (ADC).

Neste trabalho, optamos pela abordagem da ADC, que “[...] caracteriza-se por uma heterogeneidade de abordagens que estabelecem diferentes disciplinas das ciências sociais. Essas relações interdisciplinares foram fundamentais para o surgimento da ADC e são fundamentais para seus avanços” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 20). A ADC considera situações amplas de relações sociais e busca desenvolver os aspectos de análise textual, os processos de produção e compreensão à crítica social das ocorrências discursivas, uma vez que a linguagem é considerada como resultado das interações entre os sujeitos em circunstância socio-histórica.

Dessa maneira, para analisar a relação do sujeito-social e histórico com o discurso, foi necessário ir além dos estudos linguísticos e recorrer também à psicanálise e ao marxismo. Nesse mesmo sentido, Orlandi (2020) argumenta que a AD é proveniente de três áreas do conhecimento: psicanálise, linguística e marxismo. No entanto, o discurso não se reduz ao objeto da linguística, nem se deixa impregnar pela teoria marxista e tampouco equivale à sistematização da psicanálise. A autora indaga à linguística acerca da historicidade, “[...] que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como

materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele” (ORLANDI, 2020, p. 18).

Conforme Wodak (2003), para a consolidação dos estudos da linguagem na contemporaneidade, a ADC teve como marco histórico o simpósio ocorrido na Universidade de Amsterdã, em janeiro de 1991. O evento reuniu teóricos da Linguística Aplicada (LA) e da AD que procuravam agregar a análise linguística às teorias sociais e humanas, uma forma de analisar o discurso considerando os aspectos socioculturais e históricos. No contexto da ADC, a referência à palavra ‘crítica’ se reporta ao compromisso político com o qual se está envolvido. De acordo com Fairclough (2004; 2016) e Wodak (2003), o plano político e genealógico da ADC se interessa por desnaturalizar e deixar transparentes as relações de dominação e controle realizadas no e por meio do discurso de maneira ideológica.

Fairclough (2004; 2016) explica que a ADC tem aspecto de intervenção, visto que propicia meios para a compreensão das relações sociais em diversas culturas, de modo que as identidades e posições do sujeito são (re)elaboradas discursivamente. De acordo com Wodak (2003), a ADC tem a finalidade de pesquisar de que maneira as desigualdades são expostas, geradas e legitimadas pelo uso da linguagem, indagando textos orais ou escritos, a semiose em que há a materialização das opções linguísticas relativas aos processos sociais nos quais seus agentes estão situados. Assim, é possível reconhecermos as ideologias veladas, as relações de poder e suas relações com o discurso.

Além disso, a ADC possibilita apontar as hegemonias ideológica, cultural, política e econômica presentes no contexto analisado, de que maneira são produzidas, pensadas, mantidas e podem ser interpeladas e modificadas mediante o discurso da mudança social. Toda atividade humana envolve a linguagem oral ou escrita, possibilitando a comunicação, na qual interferem aspectos diversos. Desse modo, como o mundo se potencializa pela mediação da linguagem, compreendemos que “[...] os textos são espaços sociais em que ocorrem simultaneamente dois processos sociais fundamentais: cognição e representação do mundo e interação social. Uma visão multifuncional do texto é, portanto, essencial” (FAIRCLOUGH, 1996, p. 6). É por meio do texto que construímos e reconstruímos a história e a cultura. Nesse sentido, a ADC possibilita a análise das práticas sociais. Chouliaraki e Fairclough (1999) nos trazem a seguinte concepção:

Vemos a ADC como teoria e como método de análise das práticas sociais com particular atenção aos seus momentos discursivos na articulação das preocupações teórico-práticas e das esferas públicas a que acabamos de aludir, onde os modos de analisar o 'operacionalismo' - tornam práticos - construções teóricas do discurso na vida social (moderna tardia), e as

análises contribuem para o desenvolvimento e elaboração dessas construções teóricas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 16. Tradução nossa).

Assim, a ADC abrange aspectos da prática social, estruturas sociais, relação de poder e da prática discursiva, no que tange aos processos de produção, distribuição e consumo do texto, os quais podem diferenciar suas características, visto que os discursos são diversos, porque estão relacionados a fatores sociais e contextos específicos de cada sujeito.

Fairclough (2016) afirma que o discurso reflete a linguagem como aspecto da prática social e não como ação individual. Assim, consideramos o discurso como uma maneira de os indivíduos se comportarem em relação ao mundo e aos outros, bem como uma forma de representação da memória e da identidade. Nesse sentido, “[...] a análise do discurso é uma atividade multidisciplinar e não se pode exigir uma grande experiência linguística prévia de seus praticantes, do mesmo modo que não se pode exigir experiência prévia em sociologia, psicologia ou política” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 106).

A Teoria Social do Discurso (TSD), desenvolvida por Fairclough (2016), tem como proposta teórica e metodológica o estudo linguístico a partir do social, a análise das práticas sociais com concepção discursiva e como é organizado e realizado linguisticamente o texto, por isso se caracteriza como Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO). Assim, o estudo da linguagem permite compreender como e se ocorre a transformação criativa e ideológica das práticas sociais, que “[...] são sempre formas de interação social - formas de as pessoas agirem praticamente juntas na produção da vida social, no trabalho, no lazer, em suas casas, na rua e assim por diante” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 38. Tradução nossa). Por conseguinte, a ADTO investiga não só como são realizadas as relações de poder no e por meio do discurso, mas também como elas modelam e transformam as práticas discursivas, institucionais e sociais.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que, enquanto sujeito, mantemos relações dialéticas e podemos influenciar ou ser influenciados, visto que os discursos podem incluir decisão, ação, mudança e/ou outras informações sociais. Segundo Fairclough (2016), a dialética está relacionada à essência da discussão filosófica e sociopolítica fundada nas relações. Dessa forma, a dialética discurso/sociedade favorece o entendimento da prática discursiva social. Por um lado, o discurso é formado e limitado pela estrutura social<sup>3</sup> e alcança todos os níveis da sociedade; por outro, o discurso é característica comum da prática tradicional ou inovadora.

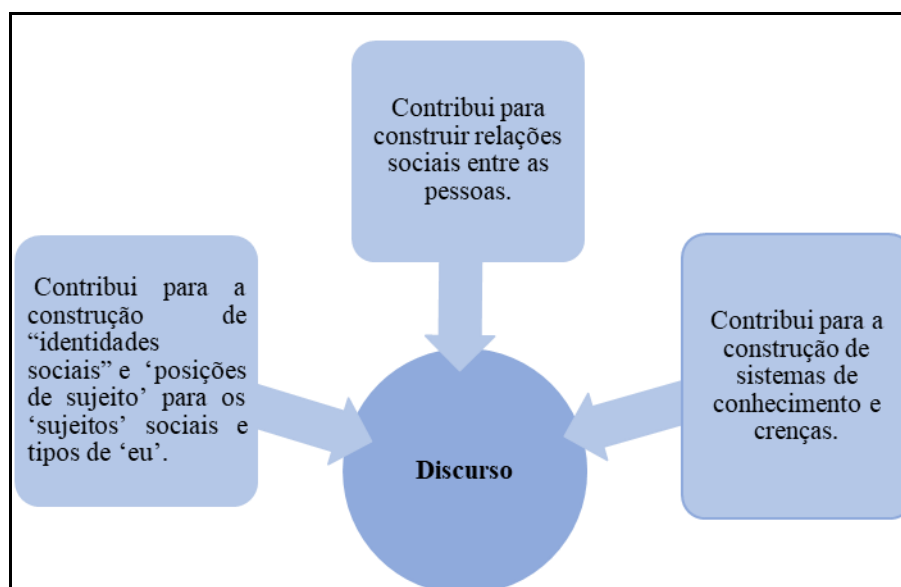
---

<sup>3</sup> Instituições sociais, tais como Estado, família, religião e linguagem.

A palavra ‘discurso’ é usada como referência a declarações políticas, pronunciamentos, fala ou, ainda, como comunicação sistemática de algum assunto. Entendemos que o termo discurso é polissêmico, visto que há diversas possibilidades de definição. Na ADC, o discurso assume duas concepções: “[...] como substantivo mais abstrato, significa o momento irredutível da prática social associado à linguagem; como substantivo mais concreto, significa um modo particular de representar nossa experiência no mundo” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 17). O discurso está associado ao poder, às ideologias, às instituições, à vida social, e pode ser causa, efeito e consequência das relações sociais, uma vez que contribui para legitimar as relações de poder marcadas institucionalmente e articuladas a partir da política e da ideologia.

Por meio do discurso, não só representamos o mundo, como também o significamos de maneiras distintas. Na concepção de Fairclough (2016, p. 95), “[...] o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes”. A partir disso, é possível diferenciar três características dos efeitos que constituem o discurso: a primeira está relacionada às ‘identidades sociais’ e ‘posições do sujeito’; a segunda às relações sociais entre as pessoas; a terceira favorece a produção de sistemas de conhecimentos e de crenças. Para elucidar essas afirmações, elaboramos a Figura 3:

**Figura 3 - Discurso: efeitos construtivos**



Fonte: Elaborada pela autora, com base em Fairclough (2016).

Esses efeitos se relacionam às três funções da linguagem: identitária, relacional e ideacional. Fairclough (2016) afirma que a função identitária está relacionada ao modo como as relações sociais são marcadas no discurso entre os sujeitos, haja vista que o discurso favorece a formação de identidades coletivas e a autoidentidade; a função relacional se refere a como as relações sociais são representadas e negociadas; a função ideacional trata como os textos reproduzem o mundo e seus sistemas, pessoas e convívios, de modo que, nessa função, o discurso favorece a produção de conhecimentos, crenças e ideologias, mediante a representação do mundo.

Conforme Fairclough (2016), a função textual está relacionada ao modo como as informações são organizadas no texto; as pessoas realizam escolhas sobre a disposição de suas orações que, também, são opções sobre o significado de identidades sociais, relações sociais e crenças. Nesse contexto, a prática discursiva favorece tanto a representação da sociedade - isto é, das identidades sociais, relações sociais, conhecimentos e crenças -, quanto a sua transformação, porque a reprodução depende da regularidade e conservação nas relações sociais, mas estas estão sujeitas a mudanças a partir da interação entre os sujeitos, tendo em vista que “[...] o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados de mundo de posições diversas nas relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 98). A compreensão do discurso possibilita a análise dos dilemas sociais, a fim de desnaturalizar os pontos de vista que ajudam na sustentação das estruturas dominantes.

Como objetos de estudo, a ADC propõe a análise e a interpretação textual, pela perspectiva social e dialética, a partir da análise das práticas sociais e/ou do aspecto discursivo de como tais práticas são realizadas e articuladas linguisticamente. Isso justifica sua caracterização investigativa como ADTO, porque parte do texto para a análise, visto que o texto é a tessitura linguística do discurso. Nesse sentido, a ADTO reconhece os estudos linguísticos e seus efeitos, bem como os procedimentos simbólicos de poder utilizados na sociedade e como eles são empregados no discurso construído por uma lógica textual.

A análise textual se refere às unidades de leitura e interpretação em que o texto escrito é organizado, como são produzidas e distribuídos, a fim de demonstrar um determinado tipo de controle interacional. As unidades de interação, leitura e compreensão criam o controle internacional, tendo em vista que é possível fazer julgamentos positivos ou negativos dos modos resultantes do tipo de significado que tem o modo de ser, modo deôntico ou volitivo, e julgamentos negativos a respeito do discurso.

Nessa perspectiva discursiva, o estudo do texto nos possibilita conhecer não só como ele está escrito e organizado, mas também como constitui o controle interacional, o qual



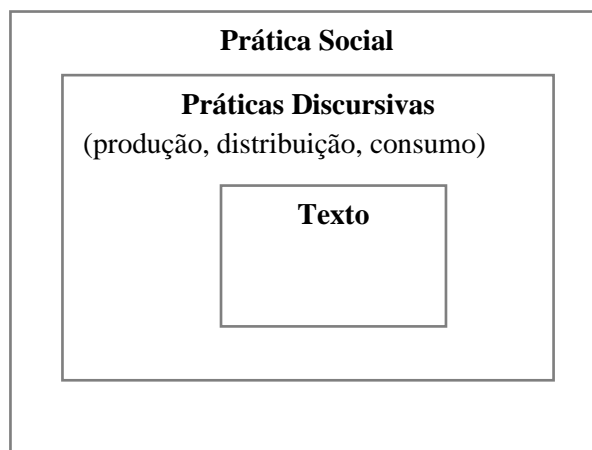
constrói as identidades sociais e compõe a forma de polidez, que pode proteger ou atacar a face do sujeito que fala ou do qual se fala. Assim, podemos fazer julgamentos positivos ou negativos em relação aos modos deônticos (de dever) ou volitivos (de querer), que nos permitem tecer julgamentos em relação ao discurso.

Dessa maneira, o alvo incide não só nas relações de poder realizadas no e por meio do discurso, mas também nas formas como essas relações moldam e modificam as práticas sociais, discursivas e institucionais. A prática discursiva compreende “[...] os processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 111), pois os textos representam acontecimentos sociais e práticas discursivas, por meio da interação social, e podem ser consumidos em contextos e maneiras distintas.

Ao associar a análise linguística e a teoria social, Fairclough (2016) orienta o discurso ao sentido socioteórico, pois considera o texto e a interação na ADTO. Nesse mesmo sentido, Barros (2018) menciona que utiliza a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (2004), “[...] ao ver que ela fornece subsídios para compreensão mais clara da organização dos textos. De acordo com Halliday (2004), as escolhas do falante/escritor operam em todos os níveis do discurso: lexical, sintático e modal” (BARROS, 2018, p. 45-46). Logo, a ADC compreende a linguagem como parte inerente e inseparável da sociedade.

Em vista disso, a concepção de discurso e AD é tridimensional, considerando três aspectos analíticos: o multidimensional, o multifuncional e o histórico, e recorre aos elementos de análise textual, discursiva e social. Nessa linha, a “[...] a ADC objetiva explicitar o que está encoberto no discurso, aquilo que está naturalizado, e, por isso, não é imediatamente notado” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 65). Com base nas marcas deixadas no texto, podemos analisar de que maneira o sujeito representa os discursos ideológicos. Nesse sentido, Fairclough (1995, p. 10) declara que o quadro tridimensional “[...] mostra, para qualquer evento discursivo, como os produtores e intérpretes de texto se valem dos recursos socialmente disponíveis que constituem a ordem do discurso”.

Na Figura 4, a seguir, apresentamos a concepção tridimensional para a análise proposta por Fairclough (2016):

**Figura 4 - Concepção tridimensional do discurso**

Fonte: Fairclough (2016, p. 105).

A proposta tridimensional do discurso é fundamentada na gramática sistêmica de Halliday (1985), que abrange três procedimentos na “[...] análise textual e linguística detalhada na Linguística, a tradição macrosociológica, [...] a tradição interpretativa ou microsociológica [...]” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 104). A prática social é formada pela prática discursiva e está associada às perspectivas ideológicas e hegemônicas na esfera discursiva observada. No nível ideológico, verificam-se, no texto, as características que possam ser empregadas com sentido ideológico, por meio de palavras, metáforas, ditados populares, pressuposições. Na hegemonia, observam-se as referências da prática social mediante indicações econômicas, ideológicas, culturais e políticas. Por isso, analisar o texto proporciona identificar como se incluem os pontos de luta hegemônica, contribuindo no combate à dominação.

A prática discursiva é manifestada na linguística em forma de texto, ou seja, na linguagem falada e escrita. Essa prática contém as etapas de produção, distribuição e consumo do texto, que são atividades referentes aos meios econômicos, políticos e corporativos. Essas etapas são de “[...] natureza parcialmente sociocognitiva, já que envolvem processos cognitivos de produção e interpretação textual que são baseados nas estruturas e nas convenções sociais interiorizadas” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 103-104). A análise contempla, ainda, a força dos enunciados como, por exemplo, a expressão usada na coerência; observam-se as relações e inferências necessárias, bem como a base em princípios ideológicos.

Por fim, temos o estudo intertextual, que trata das conexões dialógicas entre o texto, que é a intertextualidade, e as relações entre ordens do discurso, ou seja, a interdiscursividade. Para Chouliaraki e Fairclough (1999), uma certa prática compreende elementos diferenciados da vida em “[...] formas e relações específicas [...] pessoas particulares com experiências, conhecimentos e disposições particulares em relações sociais particulares, recursos semióticos

particulares e formas de usar a linguagem, e assim por diante” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 22. Tradução nossa). Nesse sentido, consideramos que os discursos se correlacionam uns com os outros e são produtos dessa materialização.

Na ADC, a análise textual considera o controle interacional, a coesão, a gramática e o vocabulário. Já as práticas discursivas se interessam pelos aspectos de produção do texto, sua distribuição, consumo e condições. Por último, temos a análise social, que atenta para a relação do texto com as práticas sociais e trabalha ideologia e hegemonia.

Como acontecimento discursivo, o texto, está relacionado às práticas sociais, o que possibilita particularidades sociais e individuais que lhe deu início e de que fez parte. De acordo com Fairclough (2004, p. 8), “[...] os textos têm efeitos causais e contribuem para mudanças nas pessoas (crenças, atitudes, etc.), ações, relações sociais e no mundo material”.

No Quadro 4, representamos a proposta analítica da concepção tridimensional do discurso:

**Quadro 4 - Proposta analítica na concepção tridimensional do discurso**

Prática social	Prática discursiva	Texto
<b>Ideologia:</b> sentidos, pressuposições e metáforas.  <b>Hegemonia:</b> indicação econômica, política, cultural e ideológica.	Produção, distribuição, consumo textual, intertextualidade dos textos, força dos enunciados, coerência.	Vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Fairclough (2016).

Isto posto, é necessário compreender que o estudo da prática social ocorre pelo texto; é por meio do texto que se busca como são/estão organizadas a dominação, as ações ideológicas e as relações sociais. Conforme Fairclough (2004, p. 9), “[...] um dos efeitos causais dos textos que tem sido de grande preocupação para a análise do discurso crítico são os efeitos ideológicos - os efeitos dos textos na inculcação e sustentação ou mudança de ideologias”. Logo, é importante compreender a linguagem como prática social e histórica, formada socialmente, que constitui identidade, vínculos sociais e elementos de crença e conhecimento.

Nessa perspectiva, a palavra discurso é empregada no sentido de linguagem como prática social e não unicamente como atividade individual ou reprodução de fatores situacionais. Isso tem diversas consequências: a primeira está no modo de ação, isto é, o agir das pessoas em relação ao mundo, aos outros e na forma de representação; a segunda está relacionada ao diálogo entre discurso e a estrutura social.

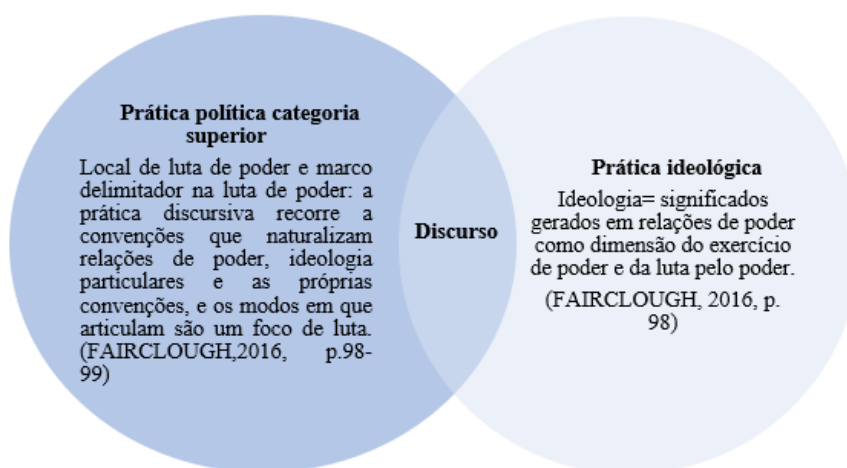
Na concepção de Fairclough (2016),

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo de significados (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

Dessa maneira, é fundamental reconhecer que, como ser social, podemos produzir e transformar, de forma crítica, o discurso, que é investido de uma prática social. Portanto, a análise crítica nos permite entender como realizamos nossas ações e, assim, sermos sujeitos transformadores da realidade. Entendemos que o sujeito crítico e reflexivo tem consciência do seu papel social e político; como sujeitos, exercemos um papel político e podemos contribuir de maneira significativa para a emancipação do Outro, evidenciando a condição social e a estrutura capitalista.

A conscientização dos sujeitos ocorre por meio da ação e da reflexão crítica, ao problematizar a relação entre dominadores e dominados e o papel que cada um exerce na sociedade. Como prática política, o discurso procura manter e transformar as relações de poder e as entidades coletivas entre as quais há essa relação. Como prática ideológica, consiste em naturalizar, manter e modificar as concepções de mundo, de crenças e de posições nas relações de poder. Para melhor exemplificar, ilustramos, na Figura 5, o que aqui estamos tecendo:

**Figura 5 - Discurso: prática política e ideológica**



Fonte: Elaborada pela autora, com base em Fairclough (2016).

Como espaço de relações sociais, o discurso pode favorecer a formação de sujeitos críticos, tendo em vista que o diálogo é investido de prática social capaz de reproduzir ou transformar ou, ainda, promover a emancipação do sujeito. Gonçalves-Segundo (2018, p. 86) afirma que “[...] em relação à articulação entre práticas, é importante ressaltar que ela está

diretamente associada à dinâmica de poder. Nesse sentido, as permanências consistem em resultado de jogo de poder e, uma rede de práticas, em geral, ideologicamente legitimadas.” Assim, nas práticas sociais, a linguagem demonstra a maneira como o sujeito age, representa, interage e percebe a si mesmo e aos outros, visto que entendemos o mundo por meio da linguagem.

Como ciência crítica, a ADC atenta-se aos efeitos ideológicos que os textos possam ter, no que se refere às relações sociais, interações, crenças, identidades e valores: “[...] As ideologias são representações de aspectos do mundo que podem ser mostrados para contribuir com o estabelecimento, manutenção e mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração” (FAIRCLOUGH, 2004, p. 9). Ao iniciar uma reflexão sobre o discurso, na perspectiva da ADC, é preciso conhecer e compreender conceitos como: ideologia, hegemonia, poder. Para tanto, elaboramos o Quadro 5:

**Quadro 5 - Conceitos essenciais da ADC**

Ideologia	Hegemonia	Poder
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem existência material nas práticas das instituições[...] a ideologia ‘interpela os sujeitos’[...]; ‘os aparelhos ideológicos de estado’ são locais e marcos delimitadores na luta de classe [...] (FAIRCLOUGH, 2016, p. 121-122).</li> <li>- São significações/construções da realidade (mundo físico, relações sociais, identidades sociais), construídas em várias dimensões das práticas discursivas e que contribuem para a produção, reprodução ou transformação de dominação (FAIRCLOUGH, 2016, p.122).</li> <li>- [...] as ideologias são principalmente representações; também podem ser "decretadas" em formas de agir socialmente e "inculcadas" nas identidades dos agentes sociais (FAIRCLOUGH, 2004, p.9)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido, senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127).</li> <li>- É um foco constante de luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou interromper alianças e relações de dominação/subordinação [...] (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127).</li> <li>- Uma maneira particular (associada a Gramsci) de conceituar o poder e a luta pelo poder nas sociedades capitalistas, que enfatiza como o poder depende do consentimento ou aquiescência e não apenas da força, e a importância da ideologia (FAIRCLOUGH, 2004, p. 218).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- [...] em sua base na perspectiva da ADC, está o conceito de dominação. Daí porque o poder não emana de um sujeito, mas do conjunto das relações que permeiam o corpo social (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 58).</li> <li>- O conceito de poder traz, atrelado, o de hegemonia, porque essa perspectiva se preocupa com os efeitos ideológicos que os textos possam ter sobre as relações sociais em favor de projetos específicos de dominação (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 58).</li> <li>- Ponto fundamental em ADC: o poder é instável, as relações assimétricas de poder podem ser mudadas, invertidas, superadas, por conta da concepção dialética da relação linguagem e sociedade (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 58).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Fairclough (2004; 2016) e Vieira e Macedo (2018).

Os conceitos de ideologia e hegemonia, na ADC, estão relacionados à terceira dimensão da teoria tridimensional, que é a prática social. Compreender a teoria da ideologia e da hegemonia é fundamental, pois, assim, observamos como o discurso (re)produz ou transforma as relações de poder como luta hegemônica. A base teórica sobre ideologia, de acordo com Fairclough (2016), está nos estudos de Althusser. No entanto, Fairclough (2016, p. 126) menciona que “[...] a teoria althusseriana do sujeito exagera a constituição ideológica dos sujeitos e, conseqüentemente, subestima a capacidade de os sujeitos agirem individual ou coletivamente como agentes [...]”. Para o estudioso, apesar de os sujeitos serem posicionados de maneira ideológica, é possível atuar de maneira criativa, reformulando as práticas e se posicionando em relação às estruturas sociais.

A hegemonia, em concordância com Fairclough (2016), é a parte fundamental do conceito que Gramsci faz do capitalismo, em que há diferentes tipos de domínios das instituições como família, educação e sindicato. O domínio de um grupo sobre o outro é praticado pelo poder, o qual é realizado de maneira temporária e parcial. Isso acontece porque a hegemonia é um evento considerado instável, em que as relações de luta pelo poder assumem uma estratégia de atuação distinta, entrelaçando forças “[...] nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127). Esses domínios conservam e preservam o poder praticado pelas classes dominantes, por meio da mistura da força, da persuasão e do acordo para definição de significados sociais, crenças, valores e diferentes maneiras de construções simbólicas, que, por sua vez, também validam o funcionamento da infraestrutura econômica.

Desse modo, a hegemonia se apoia no processo velado de dominação ideológica, visto que é permitida, acordada, mas nunca imposta; sua eficiência está na naturalização da maneira própria de representação social, identidades e relações, concebidas como verdades, por práticas sociais e discursivas, no decorrer do tempo. Assim, quando os discursos se manifestam contrários, constituem-se pontos de fragilidade, favoráveis à conservação ou a ruptura das relações de poder. Como ato político, o discurso é o lugar em que a luta é realizada, assim como a ferramenta pela qual se realiza. Foucault (2011, p. 10) afirma que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que se traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” e isso confere ao discurso a condição de objeto de desejo.

Além disso, na ADC, “[...] o sujeito é construído pelo discurso e constrói processos discursivos. A relação entre sujeito e discurso é dialética” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 62). A ADC considera os sujeitos em suas relações sociais discursivas e, por isso, é importante

incluir, conforme Vieira e Macedo (2018, p. 63), “[...] a análise textual com a teoria social da linguagem sob as perspectivas políticas ideológicas”, pois a conexão entre discurso e práticas sociais é dialética, ou melhor, os sujeitos são acometidos pelos discursos, mas também atuam de maneira mútua, visto que a Linguística Crítica (LC), as teorias neomarxistas e os conhecimentos da Escola de Frankfurt estão em sua essência.

A ADC integra a língua como unidade do processo social e material. Essa tendência está apoiada em uma concepção de semiose como componente convicto dos processos materiais, considerando-se que “[...] a semiose inclui todas as formas de construção de sentidos [...]. Vemos a vida social como uma rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos [...], todas com um elemento semiótico” (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 308). De acordo com os autores, a semiose pode atuar de três maneiras distintas: a primeira seria na atividade social inscrita em uma prática; a segunda, nas representações; a terceira, nas realizações das concepções específicas das práticas sociais. No Quadro 6, apresentamos cada atuação da semiose:

**Quadro 6 - Atuação da semiose**

Semiose na atividade social	Semiose nas representações	Semiose na identidade
Atua como parte da atividade social inserida em uma prática. (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 309).  Por exemplo, a maneira particular como usamos a língua para abordar um livro.	Atua nas representações. [...] os atores sociais irão produzir representações de modo distinto, dependendo da posição que eles ocupam dentro de suas práticas. A representação é um processo de construção social das práticas incluindo a autoconstrução reflexiva, as representações adentram e modelam os processos e práticas sociais (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 309).	Atua no desempenho de posições particulares. As identidades de pessoas que operam em certas posições são apenas parcialmente determinadas pela prática em si. As pessoas de diferentes classes sociais, sexos, nacionalidades, etnias ou culturas, com experiências de vida diversas, produzem desempenhos distintos (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 309-310).

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Fairclough e Melo (2012).

Assim, como elemento da atividade social, a semiose compõe as diferenças discursivas, que são maneiras distintas de agir, de produzir a vida social, de forma semiótica. Na representação e autorrepresentação das práticas sociais, a semiose estabelece os discursos, os quais são diferenciados, já que são diferentes as representações de vida social e posição que cada sujeito ocupa. Então, podemos afirmar que o sujeito compreende a vida social e reproduz discursos diferentes, o que caracteriza a ordem do discurso, ou seja a diversidade semiótica e a produção de significados.

A partir do exposto, afirmamos que as semioses são maneiras de expressar e de como construímos as significações pelas análises das imagens visuais e verbais, por meio de um diálogo ou, ainda, pelo modo como percebemos e representamos o mundo a nossa volta. A interação com o texto ou com a paisagem semiótica atua na composição de gêneros discursivos, que podem resultar em formas diversas de portar-se, de produzir, de consumir a vida social. A produção, reprodução, recepção e circulação dos significados de um texto são modos semióticos que representam a multimodalidade, o que faz com que cada sujeito tenha pontos de vista diferentes, que dependem dos conhecimentos prévios, das conexões e da interação com o texto.

Ao tecer suas considerações sobre práticas discursivas, Fairclough (2013) emprega os pressupostos de Foucault, no que tange à ordem do discurso. Nas relações discursivas, podemos perceber as práticas contínuas e descontínuas, capazes de retomar ou se distanciar da origem discursiva. Em relação à retomada de sentido discursivo, o discurso “[...] nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si” (FOUCAULT, 2011, p. 49). Assim, os discursos reverberados representam a ideia de continuidade daquilo que se mantém.

Em diferentes relações sociais, podemos observar discursos em que o sujeito retoma outro(s) como verdade, de maneira inconsciente, por ter se constituído como sujeito imerso em discursos que se nomeiam como verdade. Foucault (2011, p. 26) afirma que o “[...] novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Dessa forma, o autor assume as mudanças sociais, porém enfatiza a manutenção dos discursos na perspectiva de reverberação. Por isso, os discursos devem ser percebidos “[...] como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2011, p. 52-53). Em seu método arqueológico, o estudioso envolveu as análises de gêneses e, com isso, mudou os conhecimentos das ciências humanas ao apontar que o discurso tem força essencial em relação à realidade.

A ADC considera a linguagem como prática social, política e ideológica; nessa perspectiva, a narrativa autobiográfica possibilita analisar o discurso e como ele manifesta as relações hegemônicas e culturais. Concordamos com Fairclough (2016) quando este afirma que o discurso gera e reproduz entendimentos e crenças por meio de maneiras distintas de representar a realidade, organiza relações sociais e produz, corrobora ou reconstitui identidades.



### 3.2 A análise da estrutura textual

O foco central na análise textual na ADC, de acordo com Fairclough (2016), refere-se ao aspecto e ao sentido ideacional da linguagem que contemplam os procedimentos linguísticos do texto, tais como: conectivos e argumentação, transitividade e tema, significado das palavras, criação e metáfora. A relevância está na função do discurso, no significado e na “[...] na referência, em que o primeiro compreende o papel do discurso em constituir, reproduzir, desafiar e estruturar os sistemas de conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 219). A função ideacional representa a experiência do indivíduo, está ligada à expressão de conteúdo e seu papel é descrever o conhecimento de mundo e a maneira como se associam as entidades a ele ligadas, por meio de mecanismos específicos, relativos ao sistema da transitividade.

Segundo Fairclough (2016), o aporte da LC hallidayana para a ADC foi o estudo multifuncional da sentença, uma maneira de analisá-la observando as três funções sociais da linguagem existentes nos enunciados: a função ideacional, ou seja, a reprodução social capaz de se dar aos objetos do discurso durante sua produção; a função interpessoal dos atos sociais que se efetuam na ocasião da produção discursiva; e a função textual, isto é, a maneira como se organiza o texto mostra certas ideologias e efeitos de quem o produz. Nesse sentido, a análise textual crítica, para Fairclough (2004), permite-nos perceber não só de que maneira o discurso reverbera o poder, mas também como o poder se mantém ou modifica.

Magalhães (2004) diferencia três pontos da arqueologia na ADTO; a Linguística Crítica (LC), que destaca a relação entre texto, poder e ideologia; a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que estuda a linguagem, a fim de entender outras ocorrências; e a ADC, na análise de textos, eventos discursivos e práticas sociais. Entendemos, assim como Bakhtin (2014), que a palavra está sempre carregada de um conteúdo, de um sentido ideológico ou vivencial; portanto, podemos afirmar que o sentido de um texto é sempre determinado pelo seu contexto. De acordo com Fairclough (2016), a LC foi um pensamento desenvolvido por um grupo de linguistas, na década de 1970, que procuraram unir uma técnica de análise linguística textual com uma “[...] teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à teoria linguística funcionalista associada a Michael Halliday (1978, 1985) conhecida como ‘linguística sistêmica’” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 49).

Por meio de suas análises, esses estudiosos buscaram comprovar que as relações constituídas pelos sujeitos na convivência em sociedade atuam nos modos linguístico e não linguístico, compreendendo sua atividade cognitiva. Desse modo, “[...] a linguagem incorpora

visões de mundo particulares a variedade da mesma língua; os textos particulares incorporam ideologias ou teorias particulares, e o propósito é a ‘interpretação crítica de textos’ (FAIRCLOUGH, 2016, p. 50). A linguagem é investida de uma prática social e por meio dela representamos o mundo, interagimos e nos comunicamos. Dessa forma, a ADC possibilita a compreensão de como as ideologias são difundidas.

De acordo com Bakhtin (2014), a palavra é a maneira mais autêntica e significativa da relação social, é o resultado da interação entre locutor-interlocutor. A palavra compreende dois aspectos: o que decorre de alguém e que se dirige a alguém. Por isso, a palavra não pode ser analisada como simples código a ser decifrado, visto que a ADC compreende a linguagem como parte constitutiva da sociedade.

Fairclough (2004) menciona que a LSF tem aplicações ideacionais, interpessoais e textuais, pois os textos representam, ao mesmo tempo, entendimento do mundo físico, social e mental. O estudioso propôs a relação entre os três níveis sociais: estrutura social, prática social e eventos sociais em três áreas da linguagem: sistema semiótico, ordens do discurso e a linguagem como texto. Logo, o objeto de estudo da ADC não é apenas o sistema semiótico, ou seja, a linguagem como estrutura, e muito menos o texto apenas como evento social, mas também “[...] como prática social, ou seja, análises discursivas críticas privilegiam o espaço das ordens do discurso como espaço da geração de conhecimento sobre o funcionamento social da linguagem” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 41). Logo, é necessário analisar as informações contidas no texto. Cunha e Souza (2011, p. 24) explicam que:

A grande preocupação da LSF<sup>4</sup> é compreender e descrever a linguagem em funcionamento como um sistema de comunicação humana e não como um conjunto de regras gerais, desvinculadas de seu contexto de uso. Para esta corrente teórica, a língua organiza-se em torno de duas possibilidades alternativas: a cadeia (o sintagma) e a escolha (o paradigma). Uma gramática sistêmica é, sobretudo, paradigmática, pois considera as unidades sintagmáticas apenas como realizações linguísticas e as relações paradigmáticas como nível profundo e abstrato da linguagem.

A gramática funcional não é uma combinação de normas gramaticais, mas um meio para descrever, explicar e realizar as representações. Assim, para compreender os fenômenos linguísticos, abordamos o processo de referenciação, compreendido como uma maneira de representar o mundo e, por isso, as formas linguísticas selecionadas precisam ser consideradas. No Quadro 7, a seguir, descrevemos a distinção entre referente e referenciação proposta por Koch (2021), que tomou por base os estudos de Mondada (2005).

---

<sup>4</sup> Linguística Sistêmico-Funcional

**Quadro 7 - Referente e referenciação**

Referente	Referenciação
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objeto mental, unidade cultural</li> <li>- Situado atrás ou antes da linguagem, como evento cognitivo, produto de nossa percepção. (KOCH, 2021, p. 59).</li> <li>- É fabricado pela prática social. (KOCH, 2021, p. 60).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A referenciação constitui uma atividade discursiva.</li> <li>- [...] os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. (KOCH, 2021, p. 67).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Koch (2021).

Mondada (2005) afirma que a referência é o efeito de um procedimento ativo e, em especial, “[...] intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre locutores, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos” (MONDADA, 2005, p. 11). De acordo com a linguista, a referência está relacionada, ao mesmo tempo, à cognição e à maneira com que usamos a linguagem em determinadas ocasiões e em sociedade, ou seja, é uma atividade sociocognitiva e interacional. A referenciação se baseia na produção e reprodução de objetos do discurso, retratados com base nos conhecimentos socialmente compartilhados e discursivamente (re) construídos. A referida autora comenta que:

[...] as escolhas formais podem ser concebidas como reflexos das propriedades do referente, ou, então, como manifestação de estados mentais; ou, ainda, como exploração dos recursos para o estabelecimento de um acordo subjetivo ou de alinhamento, tornando, assim, pertinente, visível e presente um referente que é tratado não como um objeto do mundo, mas como um objeto-de-discurso (MONDADA, 2005, p. 12).

Na elaboração e reelaboração de sentidos do texto, as concepções sociointeracional e cognitiva consideram a língua como meio de interação social e recriação de referentes da superfície textual, ou seja, das palavras e frases que formam um texto, como efeito de um ajuste de sentidos acordado entre os sujeitos envolvidos na situação de interação. Marcuschi (2002, p. 43-44) menciona que “[...] a linguagem não é um simples código nem contém imanente um sistema semântico, mas se caracteriza como um sistema simbólico de grande plasticidade com o qual podemos dizer criativamente o mundo”. Assim, o estudo da referenciação colabora para a compreensão da organização textual, bem como dos tipos de expressões referenciais, suas características e estratégias empregadas no texto.

A discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem, de acordo com Koch (2021), não ocorre como um processo transparente de preparação de ideia, “[...] mas de (re)construção interativa do próprio real” (KOCH, 2021, p. 66). Por isso, é fundamental a

distinção entre os termos ‘referir’, ‘remeter’ e ‘retomar’; muitas vezes essas três palavras são empregadas como sinônimas, porém há um liame de subordinação hierárquica entre elas palavras. Para discorrer sobre essa distinção, elaboramos o Quadro 8.

**Quadro 8 - Distinção entre referir, remeter e retomar**

Referenciação	Remissão	Retomada
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não implica remissão pontualizada nem retomada.</li> <li>- É uma atividade de designação, realizável por meio da língua, sem implicar relação especular língua-mundo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Implica referenciação e não necessariamente retomada.</li> <li>- É uma atividade indexical na contextualidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Implica remissão e referenciação.</li> <li>- É uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Koch (2021, p. 66).

Portanto, as práticas de referir, remeter e retomar se baseiam, de maneira variável, independentemente de os objetos serem usuais ou não. Assim, “[...] todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada (memória discursiva, modelo textual), "publicamente" alimentada pelo próprio discurso (Apothélos & Reichler-Bérguelin, 1995:368)” (KOCH, 2002, p. 31). Logo, um referente pode ser recuperado de forma explícita ou implícita, marcando um encadeamento de correferência ou não-correferência. Em relação a esta última, são os conhecimentos de mundo, históricos, enciclopédicos, sociais e culturais que impulsionam as informações para o referente retomado ou remetido.

### 3.2.1 Termos da coesão textual

De acordo com Mondada e Dubois (1995), citados por Koch e Marcuschi (2019), a referência é uma técnica realizada no discurso por meio da qual ocorre a atribuição e a identificação de referentes. Cabe-nos esclarecer que “[...] referir não é mais atividade de “etiquetar” um mundo existente e inicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos de-discurso e não realidades independentes” (KOCH; MARCUSCHI, 2019, p. 173).

Conforme Koch (2021), no modelo textual, há dois processos para a elaboração de referentes textuais, introdução/ativação; segundo a autora, o termo foi criado por Prince (1981), para compreender que a ativação pode ser “ancorada” e “não-ancorada”. O primeiro caso ocorre quando um novo objeto do discurso é apresentado por meio da associação e/ou

inferenciação; nesse caso, temos anáforas<sup>5</sup> associativas, que exploram as relações metonímicas,<sup>6</sup> e anáforas indiretas. No segundo caso, a não-ancorada, temos a introdução de um novo objeto de discurso no texto, retratado por uma expressão nominal. Nas palavras de Koch (2002, p. 31),

A referenciação constitui, assim, uma atividade discursiva. O sujeito, na interação, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer (Koch, 1999; 2002) Isto é os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer.

Compreendemos que, no texto narrado, as estratégias de referenciação contemplam o tópico social, visto que destacam a importância de analisarmos os referentes linguístico-textuais, incluindo as expressões referenciais, de acordo com os fatores sociais que influenciam no aspecto textual e se encontram para além das condições linguísticas. Ademais, o aspecto cognitivo ressalta que o encadeamento referencial é movido de maneira cognitiva, estratégica, visto que os interlocutores escolhem maneiras de operar em relação à produção e à recepção de textos, ao fazer uso do seu conhecimento de mundo. Conhecer as características da referenciação é, pois, entender como ocorre a organização textual.

Outro recurso importante para a referenciação é a progressão referencial, uma vez que está relacionada ao processo de introduzir, retomar, (re)ativar referentes textuais e produzir as cadeias referenciais. Para Koch (2010, p. 123), “[...] a referenciação, bem como a progressão referencial, consistem na construção e reconstrução de objetos de discurso”, os quais são produzidos de acordo com nossos “óculos sociais”<sup>7</sup>, nossas concepções, propósitos comunicativos e ações. Desse modo, a disposição dos referentes é um recurso variável e decorrente de uma perspectiva com a qual o autor/escritor se conecta ao longo do processamento textual. Koch (2021) sinaliza três ações principais que abrangem a progressão referencial: a) a ativação; b) a reativação; c) de-ativação, conforme sintetizamos no Quadro 9, a seguir:

<sup>5</sup> É o termo usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo, assim, para a continuidade tópica e referencial (MARCUSCHI, 2001, p. 2019).

<sup>6</sup> Metonímia é o emprego de uma palavra fora do contexto semântico usual, em virtude de uma relação objetiva de proximidade ou continuidade de significado com outra palavra (DICIONÁRIO Escolar da Língua Portuguesa - Academia Brasileira de Letras, 2008, p. 855).

<sup>7</sup> Expressão empregada por Blikstein (1986), citado por Koch (2010, p. 123).

Quadro 9 - Ações da progressão referencial

Construção/ativação	Reconstrução/reativação	Desfocalização/desativação
Um “objeto” textual até então não mencionado é <b>introduzido</b> , passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual: a expressão linguística que o representa é posta em foco na memória de trabalho.	Um nóculo já presente na memória discursiva é <b>reintroduzido</b> na memória operacional, por meio de um referencial, de modo que o objeto de discurso permanece saliente (o nóculo continua em foco).	Ocorre quando um novo objeto do discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado do foco, contudo, permanece em estado de <b>ativação parcial</b> ( <i>stand by</i> ), podendo voltar à posição focal a qualquer momento, ou seja, continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Koch (2021, p. 68).

A progressão textual ocorre “[...]com base no já dito, no que será dito e no que é sugerido, que codeterminam progressivamente. Essa codeterminação progressiva estabelece as condições da textualização que, em consequência, vão se alterando progressivamente” (KOCH, 2015, p. 99). Dessa maneira, a progressão textual reinicia as condições textuais e resulta na produção de sentido. O texto é um conjunto de encadeamentos contínuos, mas não lineares. As estratégias de progressão referencial que propiciam a produção no texto, de sequências referenciais mediante a categorização ou a recategorização discursiva dos referentes são: uso de pronomes ou elipses (pronome nulo); uso de expressões nominais definidas; uso de expressões nominais indefinidas. No Quadro 10, elaboramos uma síntese das estratégias de progressão:

Quadro 10 - Estratégias de progressão

Uso de pronomes	Uso de formas nominais definidas	Uso de expressões nominais indefinidas
A referenciação por meio de formas gramaticais que exercem a função de pronome (pronomes propriamente ditos, numerais, advérbios pronominais, cf. Koch, 1988, 1989, 1997). (KOCH, 2015, p. 100-101)	São formas linguísticas constituídas de um determinante (definido ou demonstrativo), seguido de um nome. Dentre elas, constituirão objetos dessa reflexão as descrições definidas, as nominalizações e as rotulações metalinguísticas, bem como aquelas expressões nominais que funcionam no texto como anáforas indiretas. (KOCH, 2015, p. 102)	Com função anafórica (e não, como é mais característico, de introdução de novos referentes textuais). (KOCH, 2010, p. 135)

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Koch (2010; 2015).

De acordo com Koch (2010), as expressões nominais referenciais atuam como funções cognitivas discursivas e têm destaque na construção textual do sentido; dentre elas, temos: a)

ativação/reativação na memória; b) encapsulamento (sumarização) e rotulação; c) organização macroestrutural; d) especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo; e) construção de paráfrases definicionais e didáticas; f) introdução de informações novas e ; g) orientação argumentativa; h) categorização metaenunciativa de um ato de enunciação. Essas funções difundidas conseguem relacionar os processos referenciais, bem como as funções discursivas. A recuperação de um referente pode ocorrer de maneira retrospectiva (anáfora) ou prospectiva (catáfora). A esse respeito, Koch (2005, p. 46) assim explica:

As expressões nominais remissivas funcionam como uma espinha dorsal do texto, que permite o leitor/ouvinte construir, com base na maneira pela qual se encadeiam e remetem umas às outras, um “roteiro” que irá orientá-lo para determinados sentidos implicados no texto e, conseqüentemente, para leituras possíveis que, a partir dele, se projetam.

Conforme a estudiosa, o emprego da expressão nominal serve para recategorizar partes precedentes ou decorrentes do contexto, resumindo-os e encapsulando-os ante um rótulo estabelecido; Schwarz, mencionado por Koch (2005), afirma que essa situação se refere a anáforas complexas, que não indicam um referente particular, mas referentes textuais abstratos, muito amplos e não específicos. A anáfora assegura o suporte temático e o encapsulamento indica a posição do autor do texto mediante suas escolhas semânticas. Esses procedimentos de referenciação são importantes para confirmarmos como o encapsulamento anafórico auxilia para a progressão referencial, por intermédio dos recursos linguísticos empregados pela autora/narradora cujos textos tomamos como objeto de nossa análise.

Além disso, os encapsulamentos anafóricos podem ajudar com a argumentação, por meio de ‘rótulos’ que manifestam a percepção de quem escreve a respeito da narrativa de vida, favorecendo a avaliação dos segmentos textuais, ou seja, dos conectores discursivos, expressões ou palavras responsáveis pela produção de conexões entre as partes do texto. Com isso, é possível, reconhecermos as funções que os encapsuladores anafóricos desempenham dentro do texto, com base na estrutura semântica. Sobre o encapsulamento anafórico, Conte (1996) nos traz a seguinte definição:

O encapsulamento anafórico é um dispositivo coeso pelo qual uma frase nominal funciona como uma paráfrase resumida para uma parte anterior de um texto. A frase nominal anafórica é construída com um substantivo geral como cabeça lexical e uma clara preferência por um determinante demonstrativo. Por encapsulamento anafórico, um novo referente discursivo é criado com base em informações antigas; torna-se o argumento de outras predicções (CONTE, 1996, p. 1. Tradução nossa).

O encapsulamento representa expressões referenciais que mostram os modos como se concebem os objetos, indicando orientações argumentativas e reorientando aqueles objetos guardados na memória. Por essa multiplicidade de funções que podem desempenhar, salientamos a relevância das formas referenciais na progressão textual e na construção de sentidos produzidos nos textos. Esse sentido argumentativo é possível por meio do emprego de expressões ou termos metafóricos; por conseguinte, os encapsuladores funcionam como recursos coesivos, com origem de organização no discurso, visto que o encapsulamento acontece no início de um parágrafo, atuando como início organizador na estrutura discursiva.

Das reflexões teóricas tratadas neste capítulo, é importante enfatizar que o discurso é a linguagem investida de uma prática social que constrói uma identidade do indivíduo, tornando-o sujeito de um discurso atualizado por um texto que tem, na sua constituição, aspectos de lexicalização, transitividade e da estrutura textual. Dessa maneira, podemos analisar os aspectos ideológicos, hegemônicos na narrativa autobiográfica, bem como a prática discursiva relacionada à produção, à distribuição e ao consumo textual e como ocorre o tratamento linguístico a partir da análise crítica.



## 4 MEMÓRIA, IDENTIDADE E *ETHOS*

Só existe uma história e toda história é única. A existência de cada ser humano é a representação singular de uma mesma epopeia: da humanidade que somos, do mistério que encarnamos (CREMA, 1995, p. 13).

Neste capítulo, tratamos da memória e da construção social do indivíduo, que se constitui como sujeito a partir do papel social; abordamos, ainda, os conceitos de identidade e como ocorre a constituição do *ethos* na narrativa autobiográfica.

### 4.1 Memória: concepções gerais

A palavra memória nos reporta lembrança e habilidade de guardar informações e experiências pelas quais passamos. Por intermédio da memória, o sujeito constrói sua história e faz relação entre o tempo presente e o passado. “Muitos caminhos levam [...] à memória; caminhos teológicos, filosóficos, médicos, psicológicos, históricos, sociológicos, caminhos ligados aos ‘estudos da literatura, arte, mídia’” (ASSMANN, 2011, p. 31).

De acordo com Le Goff (2013), o estudo da memória teve início com as ciências humanas, História e Antropologia, e seu estudo esteve mais voltado para a memória coletiva do que para a memória individual. O autor explana que “[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2013, p. 387).

A memória contempla estudos que analisam como os sujeitos compreendem as representações, os costumes e de que maneira se relacionam com a identidade que é construída pela alteridade social. Segundo Candau (2021, p. 21), a memória e a identidade “[...] são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo representações, um conceito operatório no campo das Ciências Humanas e Sociais”. Para o referido estudioso, a memória seria uma maneira de fortalecer a identidade. O antropólogo apresenta uma taxonomia<sup>8</sup> de como a memória pode ser distinta, classificando-a em três níveis: memória de baixo nível ou protomemória, memória propriamente dita ou de alto nível e metamemória. No Quadro 11, a seguir apresentamos o conceito de cada uma delas:

---

<sup>8</sup> Expressão usada por Candau (2021).

**Quadro 11 - A memória em Candau**

<b>Memória de baixo nível ou protomemória</b>	<b>Memória propriamente dita ou de alto nível</b>	<b>Metamemória</b>
É nela que se constituem os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade. [...] memória do hábito.	Memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos)	Representação que cada indivíduo faz de sua memória. [...] é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Candau (2021, p. 23).

Para Candau (2021), a memória de baixo nível ou protomemória e a memória propriamente dita ou de alto nível pertencem às memórias individuais e necessitam da faculdade<sup>9</sup> de memorização, enquanto a metamemória é “[...] uma representação relativa a essa faculdade” (CANDAU, 2021, p. 23). O autor pontua, ainda, que esses conceitos são relevantes, contanto que o estudo seja sobre memórias individuais.

Porém, enquanto seres sociais, também nos apoiamos na memória coletiva, em que trocamos com o outro parte de nossa própria memória. Halbwachs (2003) menciona que somos atravessados por memórias construídas nos espaços sociais, ainda que não estejamos fisicamente próximos ao grupo. Dessa forma, “[...] a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com os outros ambientes” (HALBWACHS, 2003, p. 69). Assim, a memória não seria apenas individual, pois a pessoa está conectada às relações sociais, como família, religião, escola. Essas relações estão ligadas às memórias de cada pessoa e, por isso, a memória individual não pode ser considerada isolada ou pura.

No convívio com outras pessoas, também construímos a memória. No entanto, Ricoeur (2007) entende que a memória individual se caracteriza por ser sobretudo privada e por apresentar três aspectos que pontuam essa característica: a primeira está relacionada ao fato de a memória ser singular; a segunda está na ligação da memória com o passado; por último, a memória propicia a orientação e o sentido da mudança de tempo, seja por projeção do presente, passado ou futuro. Das características pontuadas, a última está relacionada a nossa pesquisa, tendo em vista que o relato de vida por nós analisado foi construído no tempo presente, porém a partir do desdobramento de uma conexão com o passado; daí a importância de tal característica para a narrativa.

<sup>9</sup> Expressão usada por Candau (2021).

Ao apontar a função da narrativa em relação à memória, Ricoeur (2007, p. 108) afirma que “[...] é principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade [...] É sobre esses traços recolhidos pela experiência comum e a linguagem corriqueira que a tradição do olhar interior se construiu”. É por meio da narrativa que as pessoas podem realizar a mudança temporal, tal como relatar a infância com a compreensão de que os acontecimentos ocorreram em outro período. De acordo com o filósofo, as memórias individual e coletiva se fazem a partir da relação entre os três sujeitos da lembrança: eu, os coletivos e os próximos,<sup>10</sup> que “[...] são aqueles que me aprovam por existir e cuja existência aprovo na reciprocidade e na igualdade da estima” (RICOEUR, 2007, p. 142). Nessa perspectiva, entre as memórias individual e a coletiva temos a memória compartilhada, que é formada a partir da ligação com os próximos.

A linguista brasileira Indursky (2000, p. 12) afirma que a memória “[...] é um referencial vivo na construção de identidades, [...] atua por meio de seus processos e efeitos, os quais podem ser tanto de lembranças, de redefinição e de transformação quanto de esquecimento, de ruptura e de negação do vivido e do já dito”. Nessa perspectiva, estudar a memória contribui para a compreensão de como as identidades são formadas e (re) significadas, visto que a narrativa de vida é uma maneira de relacionar as experiências sociais e de grupos. Na concepção de Candau (2021, p. 59-60),

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si.

Na memória individual, na narrativa autobiográfica, o protagonista é quem relata os fatos. Sua narrativa traz não somente a exposição da história, mas também sua apreciação e todo um conteúdo emocional. Sem dúvida, os eventos mais relevantes ganham um lugar distinto na memória individual, pois, “[...] na hora da evocação, se produzirá um nível emocional maior [...] ao evocar aquelas memórias mais “emocionantes” do que outras.” (IZQUIERDO, 2004, p. 4).

A memória é fundamental para a preservação da história, cultura e identidade, tanto de um grupo social como de um indivíduo em particular. Nesse sentido, a memória pode atuar como construção do discurso (PAVEAU, 2013). Com base no Quadro 12, a seguir, discutimos sobre o subsistema na memória proposto por Paveau (2013):

---

<sup>10</sup> Expressão empregada por Ricoeur (2007, p. 134).

Quadro 12 - Subsistema na memória

Registro sensorial	Memória a curto prazo ou memória de trabalho	Memória a longo prazo ou memória de armazenamento
[...] Memória visual breve (PAVEAU, 2013, p. 98).	[...] Memória tipo arquivo que registra somente poucos itens e muito brevemente, alguns segundos apenas, sob forma verbal (PAVEAU, 2013, p. 98).	[...] Parece mais uma enciclopédia. [...] faz-se a distinção entre memória episódica (aquela dos acontecimentos) e <b>memória semântica</b> (aquela dos conhecimentos) de uma parte memória implícita (ou procedural, aquela das competências) e memória explícita (ou declarativa, aquela das informações) de outra parte (PAVEAU, 2013, p. 98).

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Paveau (2013, p. 98).

Na AD, a memória semântica é a essencial, uma vez que registra o que promove sentido às palavras e manifestações. Além disso, abrange o sentido em relação aos significados das expressões e a compreensão a respeito do mundo enquanto histórico, geográfico, social e filosófico. Na visão de Paveau (2013, p.119), “[...] a memória no discurso não pode, com efeito, ser apresentada de forma idealista como um conjunto de itinerários harmoniosos e ela deve dar conta igualmente das rupturas, esquecimentos, escamotagem, revisões e deslizamento de memória”.

Dessa maneira, é possível afirmar que a memória é parte integrante do pertencimento, da identidade, tanto individual como coletiva. A memória individual conserva e reproduz conhecimentos que são garantidos por meio da linguagem. Cada sujeito complexifica, a sua maneira, as narrativas, vivências, inconformidades e entendimentos que decorrem do aprendizado particular que vivenciou. No exercício das recordações afetivas - e, de certa maneira, resignificadas com o tempo, na superação do tormento e/ou perdas a que foi impelida, “[...] a memória mediatiza transformações espaciais. Segundo modo de “momento oportuno” (*kairós*<sup>11</sup>), ela produz uma ruptura instauradora. Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar” (CERTEAU, 2014, p 149).

Em nosso trabalho, percebemos que, a ser confrontada com as lembranças no relatar de sua história, a narradora imerge em si mesma, mas também nos “outros” que fizeram parte da sua vida. A emoção, o tempo e o espaço conservam relações com as situações relatadas, o que a conduz a uma situação de reflexão profunda acerca das histórias narradas, que foram experienciadas na sua própria subjetividade, enquanto sujeito que relata e se insere no relato.

<sup>11</sup> *Kairós* é uma palavra de origem grega, que significa o momento certo.

Segundo Bosi (1994, p. 53), “[...] a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”. A posição social, o lugar de fala, as representações sociais funcionam como testemunha de um período, mas também do discurso que é impregnado no sujeito.

Conforme Paveau (2013), a memória discursiva é marcada de acordo com a percepção de “domínio de memória”<sup>12</sup> que propicia localizar os discursos “[...] no “tempo longo das discursividades” e inscrever conceitualmente a reintrodução da história na análise do discurso” (PAVEAU, 2013, p. 101). A estudiosa aponta três tópicos para a teoria de pré-discursos, envolvendo a percepção de memória: a existência anterior de sequências discursivas; a função da memória na referência nominal; a identificação e/ou recuperação de antecessores pela tendência da ideia de “domínio de formulações-origens”.<sup>13</sup>

A memória discursiva possibilita uma referenciação neutra e deshistoricizada<sup>14</sup> enquanto despolitizada; a informação do “domínio de formulações-origens” possibilita reconhecer um antecessor, do qual se entende ter sido causa de um esquecimento tão completo. Por meio da memória discursiva (MD), as informações pré-construídas conseguem empregar a formação discursiva (FD<sup>15</sup>) de cada sujeito que, ao elaborar novos discursos, constrói conhecimentos com tudo o que já foi dito, com o interdiscurso, com sua memória discursiva. A ação de escrever envolve a adesão do sujeito-narrador, mas também do sujeito leitor, em uma rede de sentidos estabelecidos e definidos socio-historicamente; assim, o que deixa o texto compreensível é a memória discursiva.

## 4.2 A memória como construção social do indivíduo

A memória é o que nos constitui como sujeitos; é por meio dela que construímos nossas histórias, identidades e criamos laços afetivos com as pessoas com quem convivemos e reconstruímos o passado. Candau (2021, p. 71) menciona que “[...] o ato da memória que dá a ver nas narrativas de vida ou autobiografias, coloca em evidência essa aptidão especialmente humana que consiste em dominar o próprio passado para inventariar não o vivido, como supunha Maget,<sup>16</sup> mas o que fica do vivido”. As histórias de vida evocam as experiências

<sup>12</sup> Termo empregado por Courtine (1981, p. 56, *apud* PAVEAU, 2013).

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> FD é aquilo que, em uma dada formação ideológica, determina o que pode e deve ser dito [...] as palavras mudam seu sentido de acordo com as posições de quem as usa (PÊCHEUX, mencionado por FAIRCLOUGH, 2016, p. 55).

<sup>16</sup> Marcel Maget, etnógrafo e professor francês.

individuais, a compreensão de mundo e as relações afetivas. De acordo com Halbwachs (2003, p. 101), “[...] o único modo de preservar as lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e pensamento morrem”. Portanto, as narrativas autobiográficas não só reconstroem, mas também imortalizam um passado.

O passado evocado no presente proporciona uma nova percepção, visto que, com a mudança de idade, somos ressignificados, pois o tempo nos permite rever, repensar ações, ampliar os conhecimentos e ter outro entendimento em relação à vida. Para Halbwachs (2003), a memória coletiva é a restauração do passado, com a finalidade de ordenar o presente e não a reconstrução da identidade de um passado preservado. Ao refletir sobre o passado, construímos uma nova história, em que buscamos não repetir as mesmas ações.

Paveau (2013) afirma que a memória está relacionada a situações sociais, históricas e cognitivas de resultado do discurso, a informações extralinguísticas e, acima de tudo, pré-discursivas, que “[...] participam plenamente da elaboração, da produção, da difusão e circulação de produções verbais de sujeitos em situação” (PAVEAU, 2013, p. 92).

Na relação de alteridade com o mundo e com o outro, construímo-nos enquanto seres sociais e individuais. Assim, o sujeito se constitui na alteridade, que, na narrativa autobiográfica, é marcada pela experiência da memória, da identidade e da mudança constante de como essas relações são descritas. De acordo com Ricoeur (2007), as lembranças coletivas ou divididas nos autorizam a alegar que nunca estamos sozinhos. Nessa linha de pensamento, Halbwachs (2003, p. 30) diz que “[...] não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”. Nós nos compomos e nos completamos nas relações com os outros.

A alteridade pode ser percebida no discurso das vozes sociais, representadas pelas instituições. Silva (2017) explica que somos sujeitos muito mais de memórias do que de presente e portamos mais de passado do que presente. Por isso, aquilo que somos capazes de lembrar, que nos forma a cada instante, é alguma coisa que está na e a cargo memória; até mesmo, a forma como vivenciamos o presente e compreendemos as coisas está relacionada à memória. É por meio da memória que entendemos o presente, demonstrando que ele está subordinado a nossas experiências passadas, preservando e esclarecendo-o. Segundo Silva (2017, n/p),

A memória é uma espécie de guardiã do presente, traz alguma coisa, a mais caso contrário nós não podíamos entender as coisas se fossem todas

instantâneas. Nós temos sempre que fazer articulação com a memória. É por isso que ela é aquilo que nos faz sujeitos humanos, ela é a maior parte da nossa consciência. Assim, do ponto de vista do sujeito é o tempo, a temporalidade e a memória que constituem a realidade.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a memória é também um aspecto significativo de sentimento de perpetuidade e de conexão de uma pessoa ou de um povo em sua reconstrução. Ao tomar o passado, conseguimos entender as histórias dos sujeitos que o fizeram desse modo, a fim de conceber o presente e o futuro. O sujeito e o grupo social podem estabelecer seus desejos e planos para o futuro, mas não podem renegar a lembrança, visto que, sem a memória do passado, não estaríamos preparados para justificar nosso lugar de pertencimento na sociedade.

As situações vivenciadas e imbuídas de sentidos, alegres ou não, podem ser compartilhados pelas gerações e grupos que advêm no tempo. Tais situações conservam, legitimam e expressam as memórias e concepções compartilhadas. Além disso, mantêm vivas a história e nos proporcionam a dimensão da identidade e memória de grupos sociais distintos. Izquierdo (2002) afirma que o acúmulo de nossas memórias constitui, em cada um de nós, um indivíduo único e, por isso, não existe outro idêntico. A narrativa autobiográfica revela o passado que nos representa e “[...] nos permite projetar o futuro; isto é, nos diz quem podemos ser. O passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando, rumo ao futuro, o efêmero presente em que vivemos” (IZQUIERDO, 2002, p. 1).

Conforme Izquierdo (2002), a identidade da sociedade, dos países e das sociedades decorre de suas memórias comuns, às quais chamamos História. Segundo Candau (2021, p. 76), “[...] quando um indivíduo constrói sua história, ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser a totalidade de seu passado para dele se reapropriar e, ao mesmo tempo recompô-lo em uma rapsódia sempre original”. A memória exige uma associação vinculada à vivência do passado e à compreensão do presente. Nesse sentido, a memória possibilita a libertação do passado e das experiências reconstruídas no presente.

Essas experiências resultam das vivências não só pessoais, mas também daquelas que compartilhamos com os outros; as representações sociais resultam desse compartilhamento. De acordo com Moscovici (2015), as representações sociais representam o movimento de todos os conjuntos de especificações, imagens e descrições, até mesmo as científicas. Para esse estudioso, o objetivo das representações é transformar algo não familiar em familiar.

No Quadro 13, dispomos as representações sociais enquanto produto mental individual e coletivo, conforme proposto por Jodelet (2017):

**Quadro 13 - Representações sociais**

Plano individual	Plano coletivo
[...] são tidos como baseados nos pertencimentos sociais, no lugar nas relações sociais, nas trocas intersubjetivas e induzindo a engajamentos ideais e práticos.	[...] correspondem a visões compartilhadas, comuns a uma formação social, e nelas disseminadas por meio das comunicações. O que leva a concentrar a ênfase no pensamento social, como uma construção mental de objetos do mundo e fonte de formas de vida que afetam o devir social.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Jodelet (2017, p. 24).

Para Jodelet (1989), as representações sociais precisam considerar a manifestação de informações afetivas, mentais e sociais e, ao mesmo tempo, incluir - junto da cognição, da linguagem e da comunicação - a relevância das relações sociais que influenciam não só as representações e a realidade material, mas também social e ideal, em relação àquelas em que elas agem. Segundo a autora,

Sempre que necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis o porquê construímos representações. E, da mesma forma que, ante as coisas, pessoas, eventos ou ideias, não somos equipados apenas com automatismos, igualmente não somos isolados em um vazio social: compartilhamos o mundo com os outros, neles nos apoiamos - às vezes convergindo, outras divergindo - para compreender, o gerenciar ou afrontar (JODELET, 1989, p. 1).

As representações sociais refletem as crenças, convicções e ações. Como costumes sociais, envolvem a junção entre o sujeito, que é social, e sua relação de alteridade, que é representada, criada e entendida pelo sujeito. Por isso, a comunicação e o convívio entre as pessoas, nos contextos de vida e dos vínculos, podem impactar os sujeitos sociais.

De acordo com Ricoeur (2007, p. 142), “[...] portanto, não é apenas com a hipótese da polaridade entre memória coletiva e memória individual que se deve entrar no campo da história, mas com a hipótese de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros”. Nesse sentido, a memória é como a marcação dos momentos relevantes no tempo, em que há ligação entre a habilidade de lembrar e, ao mesmo tempo, a autoafirmação da identidade; “[...] é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social. Ora, esse ato de recordação é cada vez mais nosso” (RICOEUR, 2007, p. 133).



Recorrendo a vários estudiosos sobre memória, buscamos dialogar e pontuar como cada autor a percebe. No entanto, é importante destacar que adotamos a concepção de que a memória está relacionada à identidade e à construção do indivíduo. O filósofo Ricoeur (2007) aponta que a memória necessita ser usada não apenas para lembrar o passado, mas para fazer algo em relação a essa lembrança. Acreditamos que, ao registrar nossas memórias, não só deixamos um registro de experiências ou legado para futuras gerações, mas reconstruímos o nosso presente, buscando reconhecer nosso papel social e de que maneira nos relacionamos com o outro.

Logo, a memória se refaz alicerçada em lacunas, que são completadas por aquilo que o indivíduo internalizou por meio de vivências e experiências, as quais constituem um sentido de veracidade; no entanto não é possível refazermos tais vivências/experiências de maneira completa, visto que não lembramos de tudo. O discurso em relação ao passado se organiza de forma fragmentada e com privações de totalidade. Apoiamo-nos na concepção de memória discursiva (PAVEAU, 2013) e em Candau (2021), com relação à memória propriamente dita ou de alto nível e a metamemória, em que cada indivíduo concebe a sua memória.

#### **4.3 A construção da identidade**

Para abordar a concepção de identidade, realizamos uma interlocução entre a sociologia e a psicologia social, a fim de buscar pontos que se associam. Dessa forma, o conceito de identidade por nós abordado se relaciona à concepção sociológica e à psicologia social, considerando a relação dos indivíduos na dimensão pessoal e social. Apoiamo-nos, ainda, na concepção de Aristóteles (2021, p. 26) de que “[...] o homem é por natureza um animal social”.

Assim, consideramos os aspectos socio-históricos, subjetivos e simbólicos das relações sociais em que vivemos, bem como as transformações impostas pelo mundo globalizado. De acordo com Ciampa (1989, p. 61), “[...] podemos imaginar as mais diversas combinações para configurar a identidade como uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto, una. Por mais contraditório, por mais mutável que seja [...] sou uno na multiplicidade e na mudança”. Para o autor, a identidade é construída pela diferença e igualdade, quando nos diferenciarmos e nos igualarmos aos grupos sociais de que fazemos parte, e é como metamorfose, porque passa por mudanças contínuas.

De acordo com o autor, assumimos diferentes posições na sociedade e cada uma se desdobra em diversas determinações a que estamos sujeitos; “[...] dessa forma, estabelece-se

uma intrincada rede de representações que permeia todas as relações, onde cada identidade reflete outra identidade, desaparecendo qualquer possibilidade de estabelecer um fundamento originário para cada uma delas” (CIAMPA, 1989, p. 67). Assim, a identidade representa a estrutura das relações sociais a que somos submetidos e, de maneira simultânea, reagimos em relação a ela, mantendo ou modificando esses desdobramentos.

Hall (2011, p. 13) evidencia que as identidades estão sendo mudadas e (re)criadas; logo, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos [...] Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. Por isso, é possível o sujeito se identificar com o momento histórico ou com as diferentes situações, o que faz com que sua identidade seja “fluida”.

Ora, a globalização suscita modificações contínuas e rápidas na sociedade pós-moderna; portanto, não há como afirmar que identidade é fixa ou única. Para Hall (2011), a modernidade tardia descentralizou o conhecimento e deslocou o sujeito, devido às transformações conceituais na teoria social e nas ciências humanas. A sociedade e as tradições, consideradas estáveis e prontas, passaram a ser vistas como passíveis a mudanças, o que refletiu também na identidade.

Na modernidade tardia, a identidade cultural manifesta a multiplicidade de experiências pessoais, as diversas maneiras de atuar e conceber o mundo. Há um processo constante de comunicação e negociação, pois experienciamos padrões e dinâmicas culturais distintas. As posições que os sujeitos ocupam na sociedade, bem como os princípios e valores, podem gerar posicionamentos e, por conseguinte, identidades distintas. Assim, o sentimento de pertencimento e de identidade não é estável, mas negociável e revogável, pois tudo depende das decisões que o indivíduo considera e da maneira como age e percebe o mundo. Para Hall (2011), a globalização alterou a “compreensão espaço-tempo” e, com isso, a maneira como o homem considera a identidade, a qual está relacionada não só aos lugares e ao que eles representam, mas também ao simbólico e às experiências de cada indivíduo,

Woodward (2014) comenta que os indivíduos convivem em diferentes instituições - nomeadas de “campos sociais”, por Bourdieu – e afirma que “[...] nós participamos dessas instituições ou “campos sociais”, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos” (WOODWARD, 2014, p. 30). De acordo com a estudiosa, as situações e papéis sociais em que estamos inseridos ou exercemos possibilitam-nos assumir diferentes identidades, visto que podemos ocupar ou não os campos sociais em que atuamos.

Na concepção da autora, assumir diferentes identidade, pode gerar conflitos e tensões na vida pessoal, a partir do momento em que aquilo que é imposto por uma identidade interfere na condição da outra, devido às demandas, ou, ainda, às expectativas ou normas sociais. Assim, podemos construir ou negociar nossas identidades conforme a necessidade, “[...] tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições” (WOODWARD, 2014, p. 33). Então, as identidades são construídas mediante a delimitação da diferença, o que acontece tanto por meio de sistemas simbólicos como por meio de formas de exclusão social.

Para Woodward (2014), a identidade é notada mediante a diferença de símbolos, pois “[...] existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa. [...] a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2014, p. 10). Logo, há um esforço para declarar uma ou outra identidade ou as diferenças existentes. A concepção de identidade se incorpora no “círculo da cultura” e correlaciona-se com a representação - entendida como um processo cultural que constitui identidades individuais e coletivas - e com os sistemas simbólicos, que criam significados.

As funções que assumimos e com que nos identificamos formam nossas identidades. A percepção do que somos está relacionada à subjetividade, que compreende nossas vivências pessoais no meio social, em que a linguagem e a cultura contribuem de maneira significativa para a identidade que assumimos. De acordo com Silva (2014, p. 82), “[...] a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. [...] A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’”. Mediante o convívio com o outro, reconhecemos o que não somos e o que somos, ou seja, a identidade é criada na diferença. Conforme Silva (2014), não há como explicar a identidade sem associar a diferença, porque ambas fazem parte do processo de construções sociais e envolvem relações de poder, por meio dos sistemas de representação.

Hall (2014, p. 109) argumenta que as identidades são construídas no discurso e, por esse motivo, necessitamos entendê-las em “[...] locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”. Com isso, a identidade do sujeito pode ser formada, também, a partir de sua exposição aos discursos que circulam no meio social e nas transformações histórico-culturais. Para Indursky e Campos (2000), as identidades decorrem de modelos de subjetividade, em que as representações simbólicas expõem ideologia.

As identidades são exercidas nas determinações históricas da sociedade. Nesse entendimento, elas transitam nas diferenças internas da estrutura social, por meio do processo de transformação ou manutenção dos preceitos reproduzidos pela cultura. Castells (2018) corrobora a ideia sociológica de que a identidade é construída socialmente, em um contexto demarcado por relações de poder, sugerindo uma “[...] distinção entre três formas e origens da construção de identidades: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto” (CASTELLS, 2018, p. 55), cujas características estão resumidas no Quadro 14:

**Quadro 14 - As três formas de identidade de Castells**

Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
Introduzida pelas instituições dominantes da sociedade, com intenção de ampliar sua dominação em relação aos atores sociais.	Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação. Essa identidade cria meios de resistir e ser, a partir de convicções diferentes das que permeiam as instituições da sociedade.	Os atores sociais constroem uma nova identidade, por meio de qualquer material cultural ao seu alcance, capaz de redefinir sua posição na sociedade; representa um ideal a ser alcançado.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Castells (2018, p. 55-56).

Castells (2018) emprega a expressão ‘sociedade em redes’ para definir a organização social do capitalismo industrial, em que a identidade é entendida como “[...] fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 2018, p. 54) e, por isso, é lugar de referência e de construção de significados pelos indivíduos, enquanto local de criação de identidades. O sociólogo destaca a importância de diferenciar as identidades – que são criadas pelos indivíduos - dos papéis sociais - que são definidos pelas instituições.

Nessa perspectiva, Castells (2018) menciona que as identidades organizam significados com identificação simbólica e abrangem processos de autoconstrução e individuação; os papéis sociais, por sua vez, organizam funções estabelecidas por regras emanadas pelas instituições e organizações da sociedade. Assim, as identidades são consideradas múltiplas (gênero, etnia territorial, linguística, religioso) e coletivas, pois estão associadas à necessidade de compartilhar e legitimar os códigos por um grupo.

A identidade é o processo da correlação entre o sujeito e o social, no qual conseguimos perceber aspectos psicológicos e sociológicos que se associam. Dessa forma, a cada momento, a identidade está em (re)construção, dialogando com as mudanças que vivenciamos no meio social, o qual gera diferentes culturas. Segundo Jacques (2013, p. 161-162), “[...] é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem as possibilidades e impossibilidades, os modos e alternativas de sua identidade (como formas

histórico-sociais de individualidade)”. Nesse sentido, a identidade pessoal reflete também a social, porque agimos, simultaneamente, “como personagem e autor<sup>17</sup>” no contexto social. Segundo a autora,

A pluralidade humana tem o duplo aspecto da igualdade e da diferença. Pluralidade que, paradoxalmente, implica também a unicidade pois o indivíduo vai se igualando por totalidades conforme os vários grupos em que se insere (brasileiros ou estrangeiros, homens ou mulheres, etc.) sem pressupor homogeneização: ao mesmo tempo em que o indivíduo se representa semelhante ao outro a partir de sua pertença a grupos e/ou categorias, percebe sua unicidade a partir de sua diferença. Essa diferença é essencial para a tomada de consciência de si e é inerente à própria vida social, pois a diferença só aparece tomando como referência o outro (JACQUES, 2013, p. 163).

A identidade é multifacetada e, o tempo todo, dialoga com as contradições do ser e da essência de como nós nos percebemos, não só na diferença em relação ao outro, mas também na associação do pertencimento constituído ao dividirmos características, experiências, percepções e vivências, mediante a participação do sujeito com o outro no meio social. Além disso, a identidade está ligada à cultura, compreendida como a soma de referências sistematizadas e internalizadas no sistema de socialização.

Na cultura, percebemos as práticas, valores, princípios e saberes com os quais nos sentimos pertencentes ou não a um grupo. Assim, a identidade é fluida, não é fixa e está em constante mudança, visto que dialoga com as alterações que vivenciamos no contexto social de um mundo globalizado; a identidade é construída sempre na alteridade. A relação do que é semelhante é feita em um processo de distinção em que a diferença é sempre o outro, dissímil, a alteridade. O pertencimento sustenta a inserção dos sujeitos nos espaços coletivos; logo, a identidade social está relacionada à sensação de pertencimento, com base em diferentes aspectos sociais, culturais, religiosos e étnicos dos sujeitos, que ensejam a constituição dos papéis sociais, os quais, por sua vez, se relacionam com a construção da identidade e, portanto, do *ethos*, conforme trataremos a seguir.

#### 4.3.1 O *ethos* na narrativa autobiográfica

A verdade pessoal pode ser tão labiríntica quanto a realidade social, formada por pessoas que estão em constante processo de autoconhecimento. A narrativa autobiográfica da escrita de si pode envolver informações imprecisas, repletas de subjetividade, emoções e impressões, já que é escrita pela pessoa sobre quem o enredo versa, na ação de contar a

<sup>17</sup> Expressão empregada por Jacques (2013, n/p).

própria existência. Alguns aspectos podem ser ressaltados, enquanto outros nem são mencionados, uma vez que quem escreve pode selecionar o que e como dizer.

Segundo Ricoeur (1995), a narrativa tem três dimensões, visto que recorda o passado a partir do presente, possibilitando a projeção do futuro, motivo pelo qual o discurso narrativo não busca obedecer a uma lógica sequencial e linear. Ao refletir a respeito do problema da aproximação do ser e da escrita, o autor destaca que, “[...] assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A ideia de narração exhaustiva é uma ideia performaticamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva” (RICOEUR, 2007, p. 455). Nessa concepção, o narrador não apenas reconta os fatos que constituem a narrativa, mas refaz a imagem de como foi e quais informações contribuem para a história contada.

Foucault (2004) menciona que, na Antiguidade Greco-Romana, o ‘eu’ não é só um tema acerca do qual escrever; pelo contrário, a escrita de si colaborou para a formação de si. O autor alega que, de todos os modelos de *askêsis*, tal escrita “[...] deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 146), focada na arte de viver a escrita, para si e para o outro e exerceu um papel importante por muito tempo.

Como escrita pessoal, a autobiografia está relacionada à atividade de pensamento sobre si mesmo; nesse viés, às escolhas de como escrever podem marcar a presença do *ethos* do enunciador, visto que, por meio da narrativa autobiográfica, o *ethos* vai sendo revelado. Essa presença estabelece uma imagem de si, denominada *ethos*, em que o caráter do orador<sup>18</sup> é construído no modo como ele organiza seu discurso, sendo importante ponto de partida de adesão do auditório<sup>19</sup>. Na narrativa autobiográfica, o *ethos* é a manifestação discursiva da identidade que o orador quer construir de si, capaz de exercer certa credibilidade para a narrativa frente ao seu auditório, ou seja, para quem a história é destinada.

O *ethos* se refere ao caráter de quem alega e de sua credibilidade ou, ainda, a ausência dessa credibilidade. Em termos retóricos, podemos afirmar que todo discurso dá oportunidade a certa imagem de si, que não é dissociável da força e efeito do que se profere. De acordo com Reboul (2004, p. 48), “[...] *ethos* é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois sejam quais forem seus argumentos lógicos, elas nada obtêm sem confiança”. A confiança que atrai a imagem de quem argumenta antecede o próprio argumentador e pode ser depreendida em marcas de linguagem deixadas no texto. A

---

<sup>18</sup> Aquele que profere o discurso.

<sup>19</sup> Para quem o orador dirige o seu discurso.

construção da autoimagem pode refletir certas estratégias argumentativas que mobilizam argumentos para criar reações no auditório e conseguir a sua adesão.

Para Meyer (2007, p. 35), “[...] o *ethos* é o orador como princípio (e também como argumento) de autoridade. A ética do orador é seu “saber específico” de homem, e esse humanismo é a sua moralidade que constitui fonte de autoridade. Evidentemente liga-se ao que ele *é* e ao que ele *representa*”. O filósofo menciona que é possível pensar em um “[...] *ethos* imanente, projeção da imagem que deve ter o *ethos* aos olhos do *pathos*, e um *ethos* não-imanente, mais efetivo” (MEYER, 2007, p. 35), porque o sujeito pode fazer uso da diferença entre esses dois *ethos* ou, ainda, da identidade entre eles para influenciar o auditório.

Ferreira (2017), por seu turno, entende que:

No desdobramento contemporâneo do termo, há autores que admitem um *ethos institucional* (a partir de uma perspectiva linguística - como é o caso de Ducrot - e uma outra sociológica - colhida nos estudos de Bourdieu), formado pela *articulação* de um *ethos* puramente *discursivo* e de outro, exterior ao discurso. São posições contemporâneas que ganham corpo nos debates sobre a presença dos sujeitos no discurso (FERREIRA, 2017, p. 91).

Aqui, adotamos a concepção de *ethos* de Amossy (2020): a pessoa que fala apresenta, no discurso, uma variedade de imagens de si que evidenciam traços de sua identidade. Empregamos, também, as percepções linguística e sociológica, pois, ao narrar sua vida, o sujeito se compõe da subjetividade, por meio do modo como conta sua história, nos vínculos afetivos, na maneira como percebe e descreve o meio em que vive. As fases da vida também podem ser descritas a partir de marcações temporais, espaciais, eventos e pelas relações interpessoais.

Conforme Bruner (1997), contar histórias faz parte da natureza humana; relaciona-se à vontade de poder manter a experiência, imprimir ordem, criar continuidade, sentido e ligação à existência, dando a percepção de controle sobre o futuro: “[...] o si-mesmo como narrador não apenas relata, mas justifica. E o si mesmo como protagonista está sempre, por assim dizer, apontando para o futuro” (BRUNER, 1997, p. 104). O autor afirma que as narrativas autobiográficas manifestam os significados concebidos culturalmente pelos sujeitos porque revelam particularidades históricas e culturais incorporadas numa certa época e sociedade.

De acordo com Fairclough (2016, p.217), “[...] o conceito de *ethos* constitui ponto no qual podemos unir as diversas características, não apenas do discurso, mas também do comportamento em geral, que levam a construir uma versão particular do ‘eu’”. Dessa forma, o *ethos* pode ser relacionado à construção de identidade e aos papéis sociais que o sujeito ocupa na sociedade. Nesse mesmo sentido, Ferreira (2019) menciona que nosso discurso

reflete a posição e o lugar ocupado dentro das instituições sociais de que participamos, visto que carregamos as impressões consolidadas; assim, o *ethos* é a soma das características de “[...] personalidades que o orador mostra ao auditório para causar boa impressão de si. Incluem-se nessa construção de um perfil social de si as atitudes, os costumes, a moralidade, elementos que aparecem na disposição do orador e que constituem sua historicidade.” (FERREIRA, 2019, p. 21).

Somos atravessados por tudo o que experienciamos, vivenciamos, lemos, trocamos, convivemos, pela as instituições das quais fazemos parte e/ou do lugar que ocupamos na sociedade. Enquanto sujeitos multifacetados, dialogamos, o tempo todo, com as contradições do ser e da essência do que é ser em sociedade e na individualidade. Mateus (2020 p. 6) nos diz que o “[...] bom orador é aquele que compreende, não apenas como as pessoas são afetadas pelas emoções, como igualmente tem em conta o seu estado de espírito, os objetos pelos quais elas sentem emoção e os motivos que as levam a sentir determinada emoção”.

As emoções podem ser revividas pela memória, que é um meio de lembrar experiências; dessa maneira, o *ethos* se constitui “[...] por meio de uma percepção complexa que mobiliza a afetividade do intérprete, que extrai suas informações do material linguístico e do meio. Além do mais, se o *ethos* é um efeito do discurso, supõe-se possível delimitar o que depende do discurso” (MAGALHÃES, 2019, p. 35-36). O *ethos* é constituído por um conjunto de valores, que podem ou não estarem vinculados com a verdade; no entanto, o orador precisa persuadir o auditório em relação ao que enuncia.

Quando desperta a paixão no auditório, o orador recorre a um recurso eficaz, pois as emoções alteram o julgamento. Assim, o orador constrói um *ethos* “[...] de subjetividade distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, nômade, situada, de subjetividade inscrita na superfície do corpo, produzida pela linguagem, etc.” (DOMÈNECH; TIRADO; GÓMEZ, 2001, p. 113). A esse respeito, Amossy (2020) argumenta que o orador elabora uma imagem de si no discurso, confirma sua posição e valida seu dizer.

Na autobiografia, o *ethos* envolve a afetividade; em nosso caso, por exemplo, a narradora se reporta à história de vida da família. Concordamos com Mateus (2020, p. 17), quando este afirma que o “[...] sentido que damos à palavra “afetos” compreende uma grande variedade de expressões de afeição incluindo humores, paixões, sentimentos, emoções ou disposições”. A narrativa de vida envolve a relação com o outro, visto que relata o vínculo familiar. Dessa forma, o *ethos* pode ser revelado na conexão com o outro, ou seja, ao contar a sua história, o orador revela os valores socialmente construídos e reconhecidos e a percepção que tem em relação ao outro.



Na perspectiva dialógica de Bakhtin (2014), a linguagem carrega um saber a cada instante reconstruído na fala, em um conhecimento já formado, e um saber a ser criado. No meio disso há sempre um lugar em que os sujeitos também se reconstroem, formando a linguagem, a história, presentificando os espaços e suas trajetórias. Com isso, ocorre a manifestação da diversidade de vozes sociais e posições ideológicas que compõem o discurso e o sujeito. As vozes capturam e estabelecem a alteridade, que é um vínculo importante com o outro e resulta da dinâmica discursiva.

Podemos afirmar que as emoções criam maneiras “[...] afetivas de fazer provar uma tese através do emprego cultural de códigos emocionais. Neste caso, as emoções são retóricas porque designam o modo como sistemas de significados são mobilizados através da estimulação ou repressão de estados emocionais” (MATEUS, 2020, p. 23).

Dos aspectos abordados neste capítulo, é relevante destacar que, por meio da memória, produzimos nossas histórias, representações pessoais e coletivas. A partir da memória, é possível analisar como constituímos as identidades - que são moldadas conforme o tempo, o contexto, as vivências e se formam a partir do papel social que o sujeito exerce. Com isso, podemos também verificar de que maneira o *ethos* é construído na narrativa.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

E de repente, os meus olhos abriram: percebi que estou velho. Não, não foi a soma dos anos vividos que fez chegar a esta conclusão. De fato, há uma velhice que é uma entidade do mundo exterior e que pode ser medida por calendários, relógios e decadência do corpo: geriátrica. Mas há uma outra... (ALVES, 2012, p. 61).

Neste capítulo, apresentamos a metodologia adotada para a realização deste estudo. Inicialmente, abordamos as características e procedimentos da pesquisa e, na sequência, o objeto de pesquisa e o contexto de produção da narrativa autobiográfica. Em continuidade, expomos a ADC enquanto referencial metodológico, bem como a ADTO como método de sustentação da análise. Por fim, discorremos sobre os procedimentos utilizados para o tratamento dos dados.

### 5.1 Características gerais e procedimentos da pesquisa

Consideramos esta pesquisa, de maneira geral, como um estudo de abordagem qualitativa, cujo método é interpretativo, tendo em vista que buscamos compreender o significado que os fenômenos apresentam, a partir de seu contexto de produção, para aqueles que produzem as narrativas de suas experiências. Dessa maneira, o significado tem grande relevância, pois o pesquisador que desenvolve uma investigação nessa linha procura conhecer e compreender as vivências do sujeito e suas representações acerca de determinadas experiências de vida.

Acerca da pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994) apontam para a importância de se buscar a compreensão do processo pelo qual as pessoas descrevem e constroem significados, mediante a aplicação de vários procedimentos; em nosso caso, contamos com a análise do discurso em uma narrativa autobiográfica, considerando o discurso, a constituição da memória e a construção temporal da identidade.

Uma pesquisa cujo método é interpretativo busca reconstituir o sentido intencionado e o latente; o primeiro se relaciona ao sentido subjetivamente visado e o segundo se refere ao sentido implícito, conforme explica Rosenthal (2014):

Por sentido subjetivamente visado não se deve compreender processos privados ou psíquicos internos; pelo contrário, os atores do cotidiano atribuem significados as suas ações e à realidade social a partir da apropriação de estoques de conhecimento social ao longo da socialização. Além da reconstrução desses estoques de saber – formados e constantemente modificados na socialização - e do significado conscientemente

intencionado de uma ação (como também de um ato de fala), a interpretação de um texto visa à reconstrução de seu significado social geral (ROSENTHAL, 2014, p. 26).

Em outras palavras, há uma relação estreita entre o indivíduo e o social, o sentido e o significado. Cabe ao pesquisador explorar o texto além de sua materialidade linguística, a partir da compreensão da realidade social e das condições de produção do texto.

O método interpretativo nos possibilita revelar as representações e os significados atribuídos pelo sujeito do discurso, bem como a perspectiva pessoal observada por ele mesmo na linguagem da narrativa autobiográfica. Desse modo, a análise deve considerar não só os aspectos textuais, mas também os significados produzidos e reproduzidos por meio da legitimação de discursos hegemônicos.

O objeto de nossa investigação é constituído por uma narrativa autobiográfica; sendo assim, trata-se de uma pesquisa do tipo documental, cujo instrumento de coleta é denominado de análise documental. Na pesquisa documental, segundo Severino (2016, p. 131),

[...] tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tipo de tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

A narrativa autobiográfica por nós analisada foi produzida entre os anos de 2002 e 2006, registrada em quatro diferentes cadernos e folhas avulsas, nas quais Luzia Sardinha Rodrigues narra sua história de vida entre os anos de 1920 e 2006, contada pela própria narradora e vivida em diferentes estados brasileiros, com maior frequência em Goiás. Luzia nasceu em Iporá-GO, no ano de 1928, e faleceu em Goiânia-GO, no ano de 2018. No total, selecionamos 18 excertos para a análise. O critério inicialmente utilizado para tal seleção considerou as categorias teóricas das quais também trataremos neste capítulo.

Conforme Rosenthal (2014), as pesquisas sobre biografias foram iniciadas em 1920, por psicólogos e sociólogos, nas universidades, quase de maneira simultânea. Na psicologia, a psicanálise foi pioneira na pesquisa biográfica no meio universitário. A autora afirma que Sigmund Freud iniciou a pesquisa baseada em particularidades da história de vida de personalidades históricas. No entanto, seus estudos incluíam aspectos relacionados à infância e não contemplavam a biografia na íntegra. Na sociologia, os pesquisadores acreditavam que os relatos de vida deveriam ser completos, porque retratavam dados ideais da investigação

sociológica, uma vez que os resultados auxiliavam também na procura de esclarecimentos para indagações relacionadas à prática social.

Para analisar a narrativa autobiográfica, utilizamos a ADC como fundamentação teórica e metodológica, com base em Fairclough (2016). Segundo o autor, a ADC é uma teoria e um método e tem relação dialógica com outras teorias e métodos; logo, a ADC precisa adentrar em uma relação transdisciplinar e não manter apenas a interdisciplinaridade. Além disso, utilizamos também ADTO. Posteriormente, detalharemos mais sobre a ADC e ADTO como caminhos metodológicos para a análise e o tratamento dos dados.

A seguir, apresentamos o Quadro 15, com as características gerais quanto aos procedimentos metodológicos adotadas nesta pesquisa:

**Quadro 15 - Características da pesquisa**

Abordagens	Qualitativa
<b>Método de Pesquisa</b> (ou tipo de pesquisa quanto aos fins)	Interpretativa
<b>Tipo de pesquisa</b> (quanto aos procedimentos técnicos)	Pesquisa documental
<b>Instrumentos de coleta de dados</b>	Análise documental
<b>Objeto da pesquisa</b>	Narrativa autobiográfica
<b>Método de análise dos dados</b>	Análise do Discurso Crítica (ADC)
<b>Categorias de análise</b>	Categorias teóricas: - Discurso, memória e identidade. Categorias dos dados: - Análise textual; - Projeção discursiva da família e do matrimônio; - Digressões, continuidade e rupturas da memória; - Ser coletivo; - Múltiplas identidades; - <i>Ethos</i> solidário e afetivo.

Fonte: elaborado pela autora.

Na sequência, descrevemos nosso objeto de pesquisa - a narrativa autobiográfica - e seu contexto de produção.

## 5.2 Contexto e descrição da narrativa autobiográfica

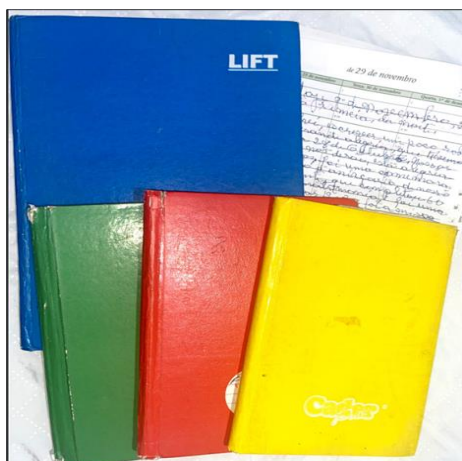
O gênero textual é caracterizado como narrativa autobiográfica porque descreve uma história de vida narrada pela própria autora, em primeira pessoa do singular, por vezes transitando para a primeira pessoa do plural, ecoando vozes do coletivo - a família, ou, ainda, na relação de alteridade. Conforme vimos em nosso referencial teórico, Lejeune (2008) relaciona outras características que se aplicam ao objeto de estudo, tais como: é uma

narrativa, descreve a vida íntima e a história de uma pessoa real, a narradora é personagem principal e a escrita representa uma retrospectiva. Além disso, Arfuch (2010) apontou outras características que também se aplicam ao texto investigado, tais como: o texto reside em um tempo distinto da vida em que a autora se encontra no momento da escrita e atribui um sentido para o que ocorreu, possibilitando a compreensão da sua experiência.

A narrativa autobiográfica de Luzia conta a história de recordação do casamento dos pais, Lauriano Sardinha da Costa e Olímpia Sardinha da Costa, e da sua vida com José da Silva Rodrigues. A história narra a vida na infância, o casamento, o nascimento dos filhos, as mortes dos pais, do filho, dos irmãos e as comemorações de aniversário de casamento. Natural de Iporá-GO, Luzia morava em Goiânia; teve nove filhos (um deles faleceu quando tinha apenas seis anos de idade), 24 netos e sete bisnetos, na época da escrita. Em vida, chegou a conhecer sua trineta.

Os registros ocorreram entre os anos de 2002 e 2006, em cadernos de capa dura, nas cores azul, verde, vermelho, amarelo e em folhas avulsas, de uma agenda, em forma de diário, e descrevem uma jornada de vida entre os anos de 1920 e 2006. A Figura 6, abaixo, mostra os cadernos de capa dura em que ela registrou os acontecimentos de sua vida desde o casamento dos pais, a infância, juventude até a sua velhice. Em alguns momentos, a escrita tinha a finalidade de um diário, em que registrava o dia, a hora e o ocorrido ou a reflexão sobre a vida. Adicionalmente, a Figura 7 ilustra as gerações após Luzia:

**Figura 6 - Os cadernos e folhas de registros**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 7 - Luzia e a 4ª geração**



Fonte: Arquivo pessoal

A narrativa de vida na velhice de Luzia registra muitas memórias. Por muitos anos, a narradora foi tomada pelo desejo de registrar sua história de vida. Muitas vezes, sozinha, se pegava pensando em seu passado e, movida pelo amor e gratidão, registrava cada detalhe, reconstituindo cenas do passado a sua maneira. Em algumas passagens é possível verificar digressões, mas isso não cria rupturas de coerência. Em Goiânia, onde viveu a maior parte de sua vida, Luzia registrou sua história não só como uma maneira de deixar um legado para a família, mas também como recurso de alívio, em alguns momentos, de autorreflexão e como uma forma de escrever suas lembranças desde o casamento dos seus pais, incluindo seu próprio casamento, nascimento dos filhos, netos... Em outros momentos relato como se sentia e acontecimentos ocorridos com ela. A intenção de Luzia era publicar o livro para deixar de herança aos familiares.

A autobiografia foi narrada na velhice. É uma narrativa rica em detalhes históricos e testemunhos de memórias de uma vida simples, que atravessaram dois séculos e retratam muito bem o século XX. As memórias registradas materializam histórias de muitos que já foram e deixaram saudades, muitos ensinamentos e um pouco de Luzia e de seu legado. Para a narradora, o registro da história se constitui como o melhor presente para as futuras gerações, uma vez que deixa valores preservados, exemplo de amor fraterno, de fé e união. Assim, Luzia materializa e imprime seu testemunho das memórias e explica a identidade de uma família. Nesse sentido, em seu livro *Memórias & Sociedade: lembrança de velhos*, Ecléa Bosi (1994) nos esclarece que, na velhice, as pessoas se tornam a memória da família.

Ao versar sobre discurso, apoiamo-nos na ADC, para compreender que, por meio do texto, podemos analisar não só como o discurso ocorreu, mas também de que maneira a memória e a identidade foram reveladas na narrativa autobiográfica. Concebemos que o texto deixa marcas discursivas do desenvolvimento narrativo e tais marcas nos possibilitam entender os valores, as representações sociais e as ideológicas. De acordo com Jodelet (1989, p. 5),

Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais.

O discurso tratado em nossa pesquisa é constituído por meio de representações sociais decorrentes de um resgate da memória em que os fatos são recuperados, as identidades são

construídas e o *ethos* é manifestado discursivamente pela narradora. Dessa forma, as representações sociais estão relacionadas ao conhecimento do senso comum e, ao serem compartilhadas entre os sujeitos, podem se transformar em verdade e, por isso, podem criar uma realidade, uma vez que retratam os valores, crenças e percepções de uma pessoa ou de um grupo. Abordaremos, na sequência, considerações mais amplas dos elementos da ADC que orientam a nossa análise.

### **5.3 Análise do Discurso Crítica e as representações sociais**

A ADC é nosso referencial teórico e metodológico. Não se trata, portanto, apenas de uma teoria para sustentar a análise, mas também do método para realizá-la. Embora esse método não se apresente com uma estrutura fixa, visto que pode ser tratado de diferentes maneiras, conforme o projeto ou suas perspectivas de discurso, Fairclough (2016) apresenta um conceito tridimensional do discurso, visando esquematizar três maneiras de análise a partir da tríade: prática social, prática discursiva e o texto. Aqui, utilizamos essa tríade como percurso metodológico. Vale retomar brevemente cada aspecto que compõe o conceito tridimensional.

A prática social se refere à maneira como o discurso é influenciado pelo social, a eventos discursivos como recursos da prática sociocultural, em um contexto mais amplo, e compreende elementos de ideologia e hegemonia. A ideologia apoia o discurso dominante e controla hegemonias ideológicas, econômicas e políticas. Já a hegemonia está ligada à prevalência do discurso dominante. A análise do texto nos possibilita evidenciar como o discurso de poder é reverberado na construção da memória e da identidade.

A prática discursiva relaciona elementos de produção, distribuição e consumo dos discursos e, por fim, o texto se conecta ao tratamento linguístico e ao processo de referenciação, que, por sua vez, consideram elementos como: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. É por meio do texto que as relações sociais e ideológicas se manifestam, ou seja, o estudo da prática social ocorre pelo texto que, nesta pesquisa, é a narrativa autobiográfica. O efeito ideológico está presente e a investigação busca compreender como a ideologia se torna um discurso hegemônico.

Em nossa análise, consideramos três aspectos das repercussões construtivas do discurso, baseados em Fairclough (2016): a) o primeiro está relacionado às identidades sociais; b) o segundo se relaciona ao discurso que auxilia na construção das relações sociais; c) o terceiro favorece a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Buscamos compreender como a identidade é revelada na construção da escrita autobiográfica e como o *ethos* é constituído na narrativa, uma vez que as posições assumidas e com as quais o sujeito se identifica constituem sua identidade (WOODWARD, 2014). Assim, , por meio do texto, é possível analisar como o sujeito compreende as representações sociais ao longo tempo; tais representações se relacionam com as memórias discursivas e, como estas, fortalecem e criam suas identidades.

No que tange ao conceito de representação social e sua relação com a ADC, consideramos, em nossa análise, o argumento de van Dijk (2003, p. 144): “[...] ADC pode ser realizada em, ou combinada com, qualquer abordagem e subdisciplina das ciências humanas e sociais”; diante disso, incluímos também a teoria da Representação Social (RS), considerando que, conforme dizem Oliveira e Werba (2013, p. 107), um dos principais ganhos é “[...] sua capacidade de descrever, mostrar uma realidade, um fenômeno que existe, do qual muitas vezes não nos damos conta, mas que possui um grande poder mobilizador e explicativo”. Assim, na análise dos dados, consideramos o estudo da RS para delinear a categoria teórica relacionada à memória discursiva, uma vez que o conceito nos permite explorar e, ao mesmo tempo, esclarecer como ela age no estímulo da pessoa ao realizar alguma escolha, seja na área cognitiva, afetiva, simbólica ou religiosa.

#### **5.4 A Análise do Discurso Textualmente Orientada**

A ADTO compreende um campo teórico e metodológico, uma vez que estabelece os elementos de análise e está interconectada à prática social. É por meio da ADTO que o pesquisador busca compreender os recursos linguísticos, a considerar o uso de determinadas palavras, expressões, construções, as estratégias discursivas e sua relação com um contexto social e cultural mais amplo.

A ADC compreende o trabalho com textos. Em relação a isso, Fairclough (2016) apresenta uma estrutura que contempla quatro tópicos para análise textual: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. O vocabulário aborda as palavras típicas; a gramática se relaciona às palavras dispostas em orações, sentenças; a coesão versa sobre a junção entre orações e frases e a estrutura textual se refere às características que constroem o texto, como os articuladores textuais (período, parágrafos, subtópicos, sequências textuais ou parte inteira do texto) que atuam em níveis distintos.

Conforme vimos em nosso referencial teórico, a relação entre linguagem e estrutura social é interdependente. O texto revela indícios de costumes, crenças, valores etc. No



entanto, isso não significa que tal relação é sempre notada. Há um exercício de investigação para identificar e interpretar os fenômenos presentes na materialidade do texto. Vale retomarmos que a Linguística Sistêmico-Funcional inclui no estudo textual a percepção do contexto, ou seja, considera elementos que influenciam na organização e no sentido, tais como a cultura, a história e a ideologia (FAIRCLOUGH, 2016).

Nesse sentido, também é importante destacar a relação que a ADC estabelece entre análise linguística e a crítica social. Os textos são partes de eventos sociais e por meio deles podemos agir e interagir nos eventos sociais. Por esse motivo, a análise deve compreender teorias e disciplinas em um processo aberto de diálogo. A análise linguística está relacionada à teoria social, com ênfase nos processos linguísticos em práticas sociais, fato que permite compreender como ocorre a relação hegemônica, tendo em vista que as escolhas lexicais e sintáticas demonstram as percepções do sujeito em relação à ideologia; a ADC estuda a linguagem nesse viés (FAIRCLOUGH, 2004).

A análise textual detalhada corrobora a AD, pois envolve áreas de estudos diversos. A exemplo, temos a ADTO, que fundamenta a noção da Teoria Social do Discurso (TSD), visto que a ADC procura explorar as conexões entre o discurso e as práticas sociais. A ADTO usa a gramática funcional, a fim de entender as estruturas linguísticas aplicadas como prática de ação em relação ao mundo e às pessoas. A LSF aponta para uma análise além do que se apresenta no texto, considerando também o que pode estar dele omitido (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

A linguagem produz significados de acordo com o contexto social e cultural. Dessa forma, a escolha no discurso reflete a concepção do sujeito em relação a suas experiências e ao modo como é tocado pela ideologia. Por isso, a análise linguística nos ajuda a verificar de que maneira o sujeito percebe o mundo, pois pode revelar os discursos através dos recursos linguísticos empregados no texto, uma vez que os costumes sociais influenciam os sujeitos. Além disso, a análise linguística nos permite compreender como o sistema linguístico atua na reprodução da realidade, na formação de relações e identidades e na organização e oposição de hegemonias. De acordo com Fairclough (2004),

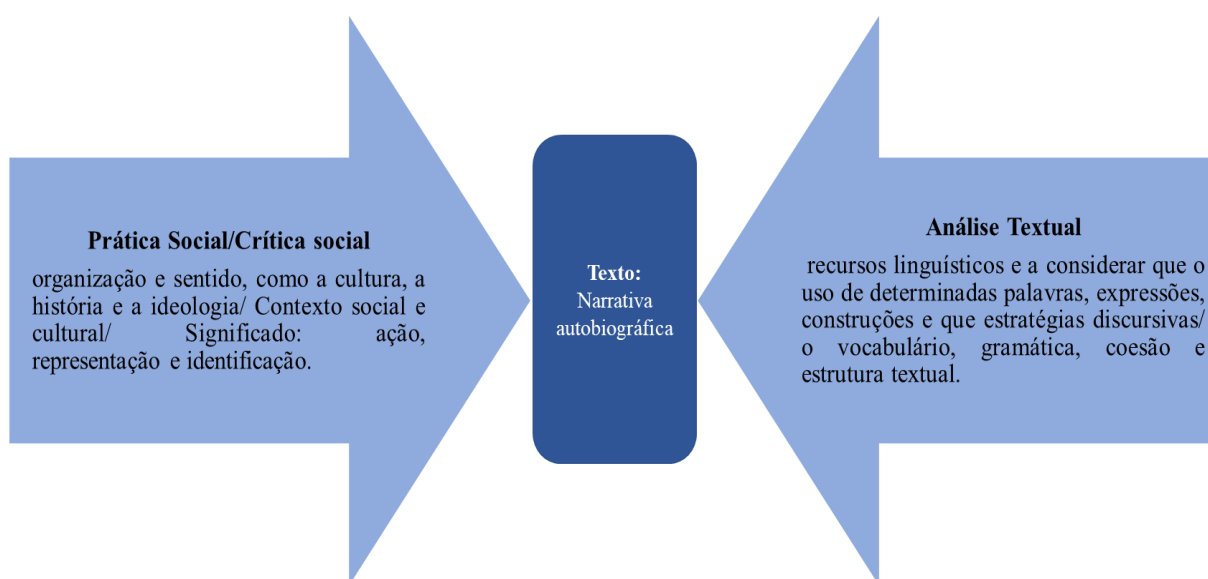
Quando analisamos textos específicos como parte de eventos específicos, estamos fazendo duas coisas interconectadas: (a) olhando para eles em termos dos três aspectos de significado, ação, representação e identificação, e como estes são realizados nas várias características dos textos (seu vocabulário, sua gramática, e assim por diante); fazendo uma conexão entre o evento social concreto e práticas sociais mais abstratas (FAIRCLOUGH, 2004, p. 28. Tradução nossa).

Os textos fornecem informações não só para o entendimento das práticas sociais, já que são produzidos em determinados eventos discursivos, mas também para a realização dessas práticas. Na ADC o texto é compreendido como elemento discursivo baseado na experiência de eventos sociais, pois os sujeitos interagem e se relacionam com as pessoas e o mundo por meio da língua, que é consequência do uso social. Segundo Fairclough (2004), a representação condiz com a função ideacional, proposta por Halliday, que considera a língua não só como um meio de interação, mas também como representação da realidade do sujeito. A ação se aproxima da função interpessoal, porém enfatiza o texto como forma de interação nos eventos sociais e a identificação está na função interpessoal.

Conforme Ramalho e Resende (2011, p. 111), a “[...] ADC, com base sobretudo na LSF, propõe um rico arcabouço de categorias linguístico- discursivas de análise textual. Essas categorias auxiliam o mapeamento de relações dialéticas entre o social e o discursivo”. Assim, o discurso se configura como parte da prática social e as formas de agir, representar e de ser são reveladas no texto. Logo, a análise linguística assume um papel relevante, pois, quando usamos o discurso, temos uma intencionalidade e assumimos uma determinada posição, que está sujeita à ideologia implícita em nossa formação enquanto pessoa.

A Figura 8 demonstra os elementos da linguística textual e da crítica social por nós considerados na análise dos dados:

**Figura 8 - Elementos para a análise do texto**



Fonte: Elaborada pela autora.

## 5.5 Procedimentos para tratamento dos dados

Conforme descrito anteriormente, nosso objeto de pesquisa é uma narrativa autobiográfica produzida na velhice. Dessa forma, o material de análise é a um texto escrito. Os procedimentos para tratamento dos dados ocorreram da seguinte forma:

- Repetidas leituras do material, com vistas a:
  - a) familiarização com a escrita;
  - b) identificar no texto **unidades significativas** para análise, a partir de aspectos relacionados ao **referencial teórico**, tais como: discurso, constituição da memória, identidade e construção do *ethos*. Nesse sentido, o confronto entre a **prática social** e a **análise textual** foram fundamentais;
  - c) buscar, na escrita, excertos relacionados aos **elementos estruturantes** da pesquisa, tais como os objetivos, as perguntas, às problematizações etc.
- Seleção dos excertos para análise: a seleção foi processual, ocorrendo várias mudanças no decorrer desse processo, uma vez que a negociação de sentidos, à luz do referencial teórico, apontou diferentes caminhos.

Para a análise, selecionamos 18 excertos da narrativa autobiográfica, em que a narradora conta a história sobre seus pais, seu esposo e filhos, fala de mortes, apresenta reflexões sobre a vida; consideramos, ainda, a dedicatória apresentada quando Luzia finaliza sua narrativa. Nesses excertos, objetivamos:

- a) investigar como o discurso da narrativa autobiográfica é construído;
- b) descrever e analisar as continuidades e rupturas narrativas da memória no discurso;
- c) identificar, no discurso, elementos narrativos de construção da identidade; e
- d) verificar como o *ethos* é construído na narrativa.

## 6 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

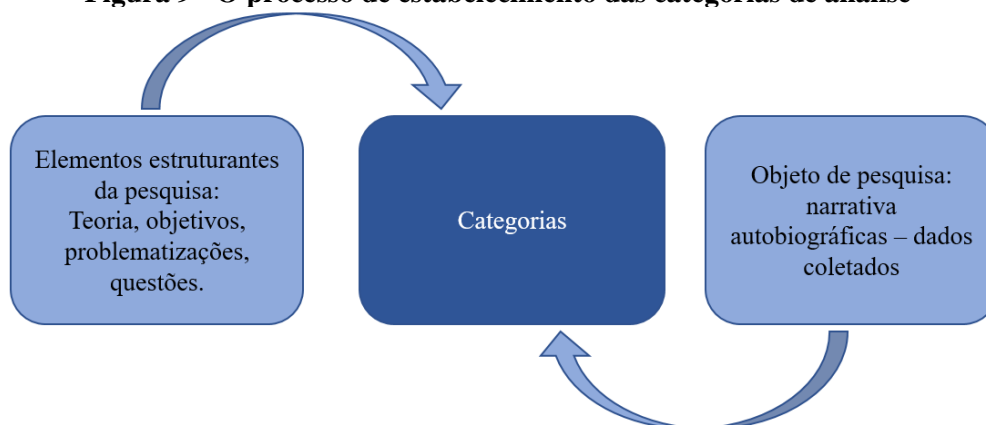
E de repente, os meus olhos abriram: percebi que estou velho. Não, não foi a soma dos anos vividos que fez chegar a esta conclusão. De fato, há uma velhice que é uma entidade do mundo exterior e que pode ser medida por calendários, relógios e decadência do corpo: geriátrica. Mas há uma outra (ALVES, 2012, p. 61).

Neste capítulo, apresentamos o processo de estabelecimento das categorias e subcategorias, analisamos e discutimos os dados da pesquisa. Constituem-se como fontes de dados os excertos selecionados da narrativa autobiográfica de Luzia Sardinha Rodrigues.

### 6.1 O processo de estabelecimento das categorias e subcategorias

Conforme apresentado no capítulo anterior, sobre os procedimentos metodológicos, realizamos a leitura cuidadosa do material, a fim de selecionar os excertos para análise. O processo de criação das categorias e subcategorias foi conduzido por dois movimentos, considerando os elementos estruturantes da pesquisa (teoria, objetivos, problematizações e questões de pesquisa) e o material de análise, ou seja, a narrativa autobiográfica/o texto escrito. A Figura 9, abaixo, ilustra o caminho percorrido para o estabelecimento das categorias:

**Figura 9 - O processo de estabelecimento das categorias de análise**



Fonte: Elaborada pela autora.

Ao relacionar as unidades significativas de análise aos elementos estruturantes, considerando os objetivos, as problematizações, questões da pesquisa, bem como o referencial teórico, chegamos às seguintes categorias teóricas: 1) discurso; 2) memória; 3) identidade.

Do confronto entre a prática social e a análise textual, bem como as categorias teóricas centrais elencadas, estabelecemos como pontos de análise:

- elementos textuais (análise textual);
- representações sociais;
- espaço das ordens do discurso;
- tempo: linguístico, físico e subjetivo;
- tipos de memória: baixo nível, protomemória e memória de alto nível (CANDAU, 2021); memória discursiva e semântica (PAVEAU, 2013);
- construção da identidade;
- identidade legitimadora (CASTELLS, 2018).

A leitura da escrita autobiográfica, analisada à luz da teoria, aponta sentidos manifestados na materialidade linguística e sentidos subentendidos. Nesse movimento, estabelecemos categorias emergidas dos dados, tais como:

- projeção discursiva da família;
- projeção discursiva do matrimônio;
- digressão, continuidade e rupturas da memória;
- ser coletivo;
- múltiplas identidades;
- *ethos* solidário e afetivo.

De maneira geral, as categorias teóricas centrais nos remetem aos pontos de análise. A partir dessa orientação, as categorias emergidas dos dados foram relacionadas às categorias teóricas por aproximação. No entanto, os dados foram analisados interfuncionalmente, uma vez que discurso, identidade e memória estão imbricados. Vale destacar que, como a concepção tridimensional do discurso de Fairclough (2016) orientou nossa análise, partimos da menor unidade para a maior, ou seja: texto, práticas discursivas e práticas sociais. Assim, iniciamos com a análise textual e prosseguimos com a análise das práticas discursivas entrelaçadas às práticas sociais.

Dessa maneira, podemos resumir as categorias teóricas e categorias emergidas dos dados, bem como os pontos de análise, conforme apresenta o Quadro 16, a seguir:

Quadro 16 - Categorias de análise

Categorias teóricas centrais	Categorias emergidas dos dados	Pontos de análise
1. Discurso	<ul style="list-style-type: none"> <li>Análise textual</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Elementos textuais (vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual).</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Projeção discursiva da família.</li> <li>Representação do matrimônio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Representações sociais e o espaço das ordens do discurso.</li> </ul>
2. Memória	<ul style="list-style-type: none"> <li>Digressões, continuidade e rupturas da memória.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tempo: linguístico, físico e subjetivo.</li> <li>Tipos de memória: baixo nível, protomemória e memória de alto nível (CANDAU, 2021); memória discursiva e semântica (PAVEAU, 2013).</li> </ul>
3. Identidade	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Ser coletivo:</b> Identidade plural marcada pelo uso de nós, pela posição coletiva e a voz do outro (esposo) - elemento do texto - uso do pronome e flexão verbal.</li> <li><b>Múltiplas identidades:</b> Identidade de jovem cristã, esposa, irmã, mãe (filhos 13 e 14), avó, bisavó, velhice (diversidade de imagens de si).</li> <li><b>Ethos solidário e afetivo</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Construção da identidade.</li> <li>Identidade legitimadora (CASTELLS, 2018).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

## 6.2 Análise textual

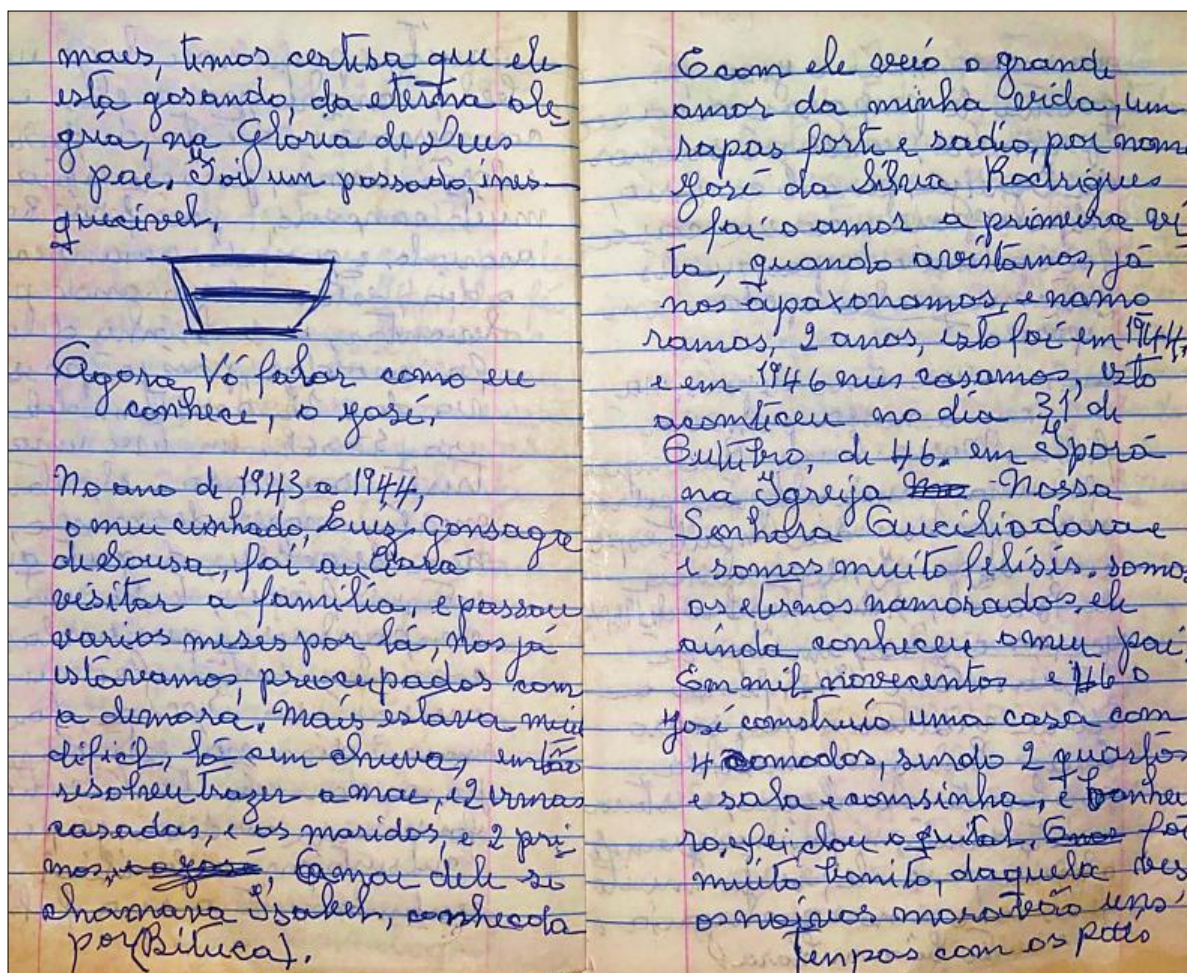
A análise textual efetivada se desdobra em quatro aspectos: a) introdução de referentes; b) progressão referencial; c) estratégias de progressão referencial; d) função das expressões nominais referenciais, em que verificamos como acontece a ativação/reativação na memória do interlocutor, o encapsulamento (sumarização) e a rotulação no texto.

De acordo com Koch (2021, p. 64),

[...] não se entende aqui a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, como simples representação extensional de referentes do mundo extramental, mas, sim, como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos de discurso*, e não como *objetos de mundo*.

Nesse sentido, a referenciação é uma prática discursiva que está relacionada à maneira como construímos e reconstruímos os objetos de discurso, como compreendemos o mundo, as crenças, os valores e ao propósito comunicativo. Para discorrer sobre nossa análise textual, passamos a explorar as narrativas ilustradas nas Figuras 10 e 11, a seguir:

Figura 10 - Como conheceu José - Parte I



Fonte: Arquivo pessoal.

### Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 10

Agora vou falar como eu conheci o José

No ano de 1943 a 1944, o meu cunhado, Luiz Gonzaga de Sousa foi ao Ceará visitar a família e passou vários meses lá. Nós já estávamos preocupados com a demora, mas estava muito difícil lá sem chuva. Então resolveu trazer a mãe e 2 primos. A mãe dele se chamava Isabel, conhecida por (Bituca). E com ele veio o grande amor da minha vida, um rapaz forte e sadio, por nome José da Silva Rodrigues. Foi amor a primeira vista, quando avistamos já nos apaixonamos e namoramos 2 anos foi em 1944 e em 1946 nos casamos. Isto aconteceu no dia 31 de outubro de 46 em Iporá na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e somos muito felizes, somos os eternos namorados. Ele ainda conheceu o meu pai. Em mil novecentos e 46 o José construiu uma casa com 4 cômodos, sendo 2 quartos, sala e cozinha, e banheiro e fechou o quintal, foi muito bonito, daquela vez os noivos moravam uns tempos com os pais.



Figura 11 - Como conheceu José - Parte II

meu pai contratou, um professor. Um Itajuba, continuaram os estudos, e até eu já podia estudar, e ~~assim~~ assim passou uns anos, e a minha irmã mais velha morreu, no ano de 1940, ela se chamava Osvaldina e tinha o apelido de Filhinha deixando um casal de filhos por nome de Iló Sardinha de Sousa, e Olímpia Sardinha de Sousa, ~~chamamos~~ chamamos ela por Santinha. O esposo dela logo casou-se de novo, no ano de 1940 Itajuba, emancipou, e passou a cidade de Iporá que enfim melhorou muito para nós. O nosso primeiro prefeito foi o senhor Israel de Amorim, que foi muito respeitado, e logo inaugurou o Grupo Escolas, Israel Amorim, e também levou ótimos professores

e ótima diretora Milca Sousa Santos. Em 1944 o José chegou do Ceará, um rapaz forte sadio e decidido, foi o amor a primeira vista, e como gostávamos um do outro, com 2 anos de namoro nos casamos, isto foi no dia 31 de outubro de 1946, na Igreja, Nossa Senhora Auxiliadora, na mesma cidade. E ainda somos os eternos namorados, mais em 1944, também tivemos uma triste notícia, que meu pai tinha morrido, em Palmeiras de Goiás, o José ainda conheceu ele, pois chegou em abril de 1944 e meu pai morreu em julho do mesmo ano. Em 1946, o José construiu uma casa, com 4 cômodos e um banheiro, o nosso noivado, saiu da Igreja já, para a casa foi uma casinha linda. E em 1947 no dia 7 de setembro, nasceu a nossa primeira filha, Maria Lucy Rodrigues.

Fonte: Arquivo pessoal.

### Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 11

Meu pai contratou um professor em Itajuba, continuaram os estudos e até eu já podia estudar e assim passou uns anos e minha irmã mais velha morreu no ano de 1940, ela se chamava Osvaldina e tinha o apelido de Filhinha deixando um casal de filhos por nome de Iló Sardinha de Sousa e Olímpia Sardinha de Sousa, chamamos ela por Santinha. O esposo dela logo se casou de novo no ano de 1940. Itajuba emancipou e passou a cidade de Iporá que enfim melhorou muito para nós. O nosso primeiro prefeito foi o senhor Israel de Amorim que foi muito respeitado e logo inaugurou o grupo de escolas Israel Amorim e também levou ótimos professores e Diretora Milca Sousa Santos. Em 1940 o José chegou do Ceará, um rapaz forte e sadio e decidido, foi amor a primeira vista, e como gostávamos um do outro, com 2 anos de namoro nos casamos, isto foi no dia 31 de outubro de 1946 na igreja Nossa Senhora Auxiliadora, na mesma cidade. E ainda somos os eternos namorados mais em 1944 também tivemos uma triste notícia que meu pai tinha morrido em Palmeiras de Goiás, o José ainda conheceu ele, pois chegou em abril de 1944 e meu pai morreu em julho do mesmo ano. Em 1946, o José construiu uma casa, com 4 cômodos e um banheiro, o nosso noivado saiu da igreja para a casa foi uma casa linda. E em 1947 no dia 7 de setembro nasceu nossa primeira filha, Maria Lucy Rodrigues.



No Quadro 17, demonstramos a análise, considerando termos de coesão textual:

**Quadro 17 - Análise textual - Termos de coesão textual**

Aspectos referenciais	Abordagens conceituais		Excertos exemplificativos das Figuras 10 e 11
Introdução de referentes	Não-ancorada: ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto. Representada por uma expressão nominal.		[...] O nosso <b><u>primeiro prefeito</u></b> foi o senhor Israel Amorim. (Figura 11)
	Ancorada: ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto.	Anáfora associativa: introduz um novo referente no texto.	[...] A mãe <b><u>dele</u></b> se chamava Isabel, conhecida por Bituca. (Figura 10)
		Anáfora indireta: não há um antecedente explícito, mas um que pode intitular de âncora.	[...] e com ele veio o grande <b><u>amor da minha vida, um rapaz forte e sadio</u></b> [...]. (Figura 10)
Progressão referencial	Construção/ ativação		[...] <b><u>um</u></b> rapaz forte e sadio, por nome [...]. (Figura 10)
	Reconstrução/reativação		[...] Em 1940 o <b><u>José</u></b> chegou do Ceará, um <b><u>rapaz</u></b> forte, sadio e decidido [...]. (Figura 11)
	Desfocalização/desativação		[...] e a minha <b><u>irmã</u></b> mais velha morreu no ano de 1940, ela se chamava <b><u>Osvaldina</u></b> e tinha o apelido de filhinha [...]. (Figura 11)
Estratégias de progressão referencial	Uso de pronomes ou de outras formas de valor pronominal.		E com <b><u>ele</u></b> veio o grande amor da minha vida [...]. (Figura 10)
	Uso de expressões nominais definidas.		[...] resolveu trazer <b><u>a mãe</u></b> e 2 primos [...]. (Figura 10)
	Uso de expressões nominais indefinidas.		[...] <b><u>um rapaz</u></b> forte e sadio, por nome [...]. (Figura 10)
Funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais	Ativação/reativação na memória: apresenta informação dada e nova.		[...] O nosso primeiro prefeito, foi o senhor Israel Amorim, que foi muito respeitado e logo inaugurou o grupo <b><u>escolas</u></b> . Israel Amorim, e também levou ótimo <b><u>professores</u></b> e ótima <b><u>diretora</u></b> Milca Sousa de Santos. (Figura 11)
	Encapsulamento (sumarização) e rotulação: anáforas complexas que não indicam um referente específico, mas referentes textuais abstratos.		[...] Em 1944 o José chegou do Ceará [...] com 2 anos de namoro nos casamos, isto foi no dia 31 de outubro de 1946, na igreja [...] mais em 1944, também tivemos uma triste notícia que meu pai tinha morrido [...]. (Figura 11)

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Koch (2010; 2021).

A referenciação é uma estratégia de construção textual por meio da qual organizamos as sequências textuais e associamos argumentos e explicações. De acordo com Koch (2021), a compreensão de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, não significa identificar um segmento linguístico ou um objeto particular no mundo, mas estipular uma associação com algum tipo de conhecimento existente na Memória Discursiva (MD), a qual possibilita que os sujeitos reconstruam e movam conhecimentos linguísticos, contextuais, culturais e sociais importantes, a fim de entender e elaborar de maneira coerente e efetiva.

Nos excertos analisados, na introdução de referentes (anáfora não-ancorada e ancorada), podemos observar que as anáforas associativas e indiretas são empregadas conforme o projeto de dizer<sup>20</sup> da narradora e se relacionam ao objetivo, que é contar a história de como conheceu o grande amor da sua vida. Ao mesmo tempo, o uso desses referentes endossa a coerência textual, orientam e ressignificam as representações discursivas, manifestando uma versatilidade que colabora para a argumentação e fundamento da percepção da narradora em relação a sua história.

Na progressão referencial, construção/ativação, a expressão “[...] **um** rapaz forte e sadio, por nome [...]” introduz uma informação que passa a ser ressaltada: “[...] grande amor da sua vida”. Na reconstrução/reativação, o elemento presente na MD é reintroduzido; podemos observar que a narradora menciona quando conheceu José: “[...] Em 1940 o José chegou do Ceará” e retoma, em seguida - “[...] **um rapaz** forte, sadio e decidido” -, por meio da forma referencial (**rapaz**), efetivando que esse objeto do discurso prossiga em foco. Por último, por meio da desfocalização/desativação, uma nova informação é inserida - “[...] e a minha **irmã** mais velha morreu no ano de 1940, ela se chamava **Osvaldina** e tinha o apelido de filhinha [...]” - e passa a preencher a posição central na MD; no entanto, o elemento retirado de foco continua em *stand by*<sup>21</sup>, visto que volta à posição central, já que a história principal é como Luzia conheceu o esposo.

A estratégia de progressão referencial, ou seja, o uso de pronomes ou expressões nominais definidas/indefinidas, é uma prática discursiva realizada pela seleção que a narradora fez entre as várias alternativas que a linguagem possibilita. Koch (2015) afirma que a progressão textual ocorre a partir do que foi mencionado, no que será ou ainda no que é insinuado. Podemos verificar que o texto é escrito em uma linguagem simples, com um vocabulário conhecido e acessível, e que a narradora fez escolhas para garantir o

<sup>20</sup> Expressão usada por Koch (2021).

<sup>21</sup> Idem.

entendimento, por parte do leitor, do seu objetivo, que era contar a história de como conheceu seu esposo.

Em relação às funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais sobre ativação/reativação na memória, as expressões destacadas (**professores/diretora**) encontram-se ancoradas em um segmento anterior: “[...] inaugurou o grupo de **escolas**”; assim, a introdução dessas informações novas não gera surpresa no leitor. No momento em que palavra ‘**diretora**’ (objeto do discurso) aparece pela primeira vez no texto, não é uma informação substancialmente nova, visto que já havia sido ativada na memória do leitor por meio da palavra ‘**escolas**’.

O pronome ‘**isto**’ retoma a informação sobre o casamento, pois sintetiza e explica o que foi dito anteriormente: “[...] nos casamos”. Na sequência, das palavras destacadas, ‘**notícia/morrido**’, observamos que o pronome aponta para a justificativa da ‘**triste notícia**’, que foi a morte do pai, e, ao mesmo tempo, organiza e explica a informação anterior (que no ano de 1944 conheceu José e perdeu o pai). Dessa forma, o encapsulamento organiza a sequência argumentativa e conduz o leitor à compreensão das sequências textuais.

Assim como Koch (2015), compreendemos que a referência decorre da atividade que efetuamos quando, para nomear, representar ou indicar algo, utilizamos um termo ou produzimos uma situação discursiva. Dessa maneira, as estratégias de referenciação indicam a construção e a reconstrução de objetos de discurso que obtêm significado dentro das relações sociais e discursivas pelos sujeitos. Assim, podemos nos referir ao mesmo objeto referenciando-o de modos distintos, visto que cada texto tem uma intenção particular e, por isso, pode ser determinado a partir da interação entre os sujeitos.

A função da linguagem não é apresentar uma realidade de maneira exata, feita e completa, mas a de criar uma interpretação dos fatos vivenciados, dos eventos, das situações ocorridas, das vivências no mundo, que não são iguais nem fixas; ao contrário, são reinventadas, com o objetivo de fazer sentido para cada sujeito. Desse modo, as expressões referenciais auxiliam na construção e na reconstrução dos sentidos, incluindo informações significativas, opiniões e perspectivas da situação relatada.

A análise textual envolvendo os termos de coesão textual representa um importante papel na ADC, uma vez que relaciona a maneira como são estruturados os elementos linguísticos que organizam as relações de sentido e continuidade no texto. Ela tem por finalidade mostrar as estratégias discursivas usadas para conservar relações de poder, ideologias e hegemonias presentes no texto. Nos excertos: “Agora vou falar como eu conheci o José [...] Em mil novecentos e 46 o José construiu uma casa com 4 cômodos, [...] daquela

vez os noivos moravam uns tempos com os pais”, podemos observar o destaque para a figura masculina e a ênfase que narradora dá ao fato de o esposo ter construído a casa, de eles se casarem e irem morar em um local próprio.

Por meio dos recursos de introdução de referentes, progressão referencial, estratégias de progressão referencial e funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais, é possível compreendermos como os discursos são estruturados e de que maneira atuam na construção de significados e identidades, uma vez que podemos observar a identidade da mulher/esposa. Há, no discurso, a concepção da sociedade patriarcal, em que a relação de poder da figura masculina se sobrepõe à figura da mulher. É o esposo que constrói uma casa, sem precisar ir morar com os sogros.

A construção da realidade produzida pela narradora retrata o conhecimento e a crença em relação à figura masculina, apontando para o que Fairclough (2016) nomeia de significado representacional. Os elementos de coesão textual nos fornecem informações sobre a argumentação usada para justificar a atitude do companheiro. No excerto: “[...] **foi muito bonito**, daquela vez os noivos moravam uns tempos com os pais”, a expressão destacada (“foi muito bonito”) é justificada na frase seguinte, pois fica subentendido que era comum os recém-casados morarem um tempo com os sogros. O argumento apresentado constrói um tipo de identidade social da figura masculina na narrativa, em particular a do esposo.

## 6.3 Discurso

### 6.3.1 Projeção discursiva da família

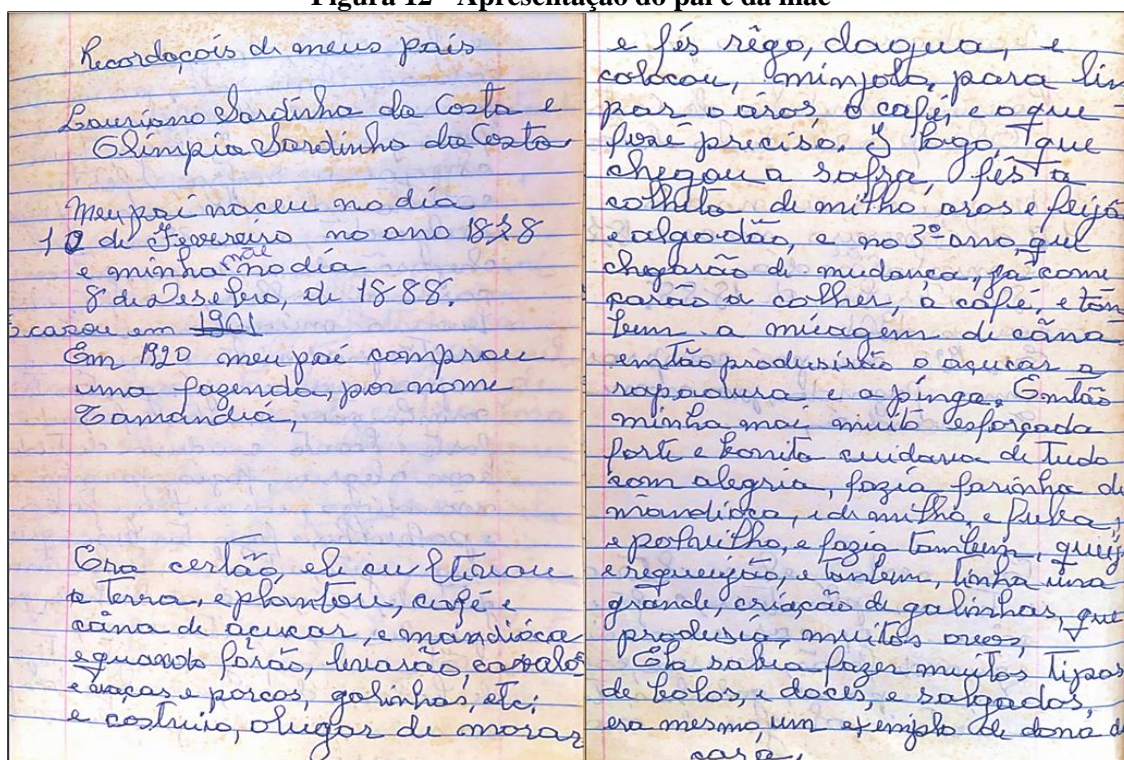
A representação dos papéis sociais é modificada ao longo da história e se relaciona principalmente com o modelo econômico e o avanço das tecnologias; como exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho. Assim, se, em determinado momento da história o papel da mulher estava mais ligado a cuidar da casa e da família, com o desenvolvimento da indústria, as mulheres e as crianças foram inseridas nos modos produtivos. Dessa maneira, como podemos notar, a construção das representações dos papéis sociais passou a se alternar e a se modificar conforme os costumes locais, os modos de sobrevivência da região etc.

A teoria hegemônica nas relações, conforme Fairclough (1996), têm o poder de limitar e controlar a capacidade de produção e criatividade nas práticas discursivas, uma vez que a estrutura estabelecida torna um domínio de hegemonia. Com isso, é possível compreendermos de que maneira a narradora retrata, na autobiografia, o papel social da constituição familiar, da mulher/esposa/mãe/filha, do homem/pai/esposo/filho, bem como de que modo esses papéis

refletem o discurso ideológico e hegemônico. Dessa forma, podemos analisar a prática social à qual pertence o discurso em relação ao poder e como reproduz, reestrutura ou desafia as hegemonias presentes.

A escrita autobiográfica analisada nesta pesquisa se refere a um momento histórico entre o período temporal de 1920 (ano em que a narradora menciona que os pais casaram) e 2006 (ano de registro), de uma família brasileira residente na região centro-oeste do Brasil. Na Figura 12, temos um novo fragmento do texto, no qual a narradora apresenta seus pais:

**Figura 12 - Apresentação do pai e da mãe**



Fonte: Arquivo pessoal.

### Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 12

Recordações de meus pais

Lauriano Sardinha da Costa e Olimpia Sardinha da Costa

Meu pai nasceu no dia 10 de fevereiro no ano de 1878 e minha mãe n8 de dezembro de 1888 e se casou em 1901.

Em 1920 meu pai comprou uma fazenda por nome Tamanduá.

Era sertão", ele cultivou a terra e plantou café, cana- de- açúcar e mandioca. Quando foram levaram cavalos, vacas, porcos e galinhas e construiu o lugar de morar e fez rego d'água e colocou monjolo para limpar arroz, o café e o que fosse preciso. E logo que chegou a safra, a festa da colheita de milho, arroz, feijão e algodão, e no 3º ano que chegaram de mudança já começaram a colher o café e também a moagem de cana., então produziram o açúcar, a rapadura e a pinga. Então minha mãe muito esforçada, forte e bonita cuidava de tudo com alegria, fazia farinha de mandioca, milho, fubá e polvilho e fazia também queijo e requeijão, e também tinha uma grande criação de galinhas que produzia muitos ovos. Ela sabia fazer muitos tipos de bolos, doces e salgados, era mesmo um exemplo de dona de casa.

Em “[...] Era **sertão**”, ele cultivou a terra e plantou café, cana- de- açúcar e mandioca. Quando foram levaram cavalos, vacas, porcos e galinhas e construiu o lugar de morar”, o substantivo sertão faz alusão a uma área de clima tropical semiárido, com chuvas irregulares e longos períodos de estiagem. Jodelet (1989) afirma que a representação social cria uma configuração de conhecimento socialmente produzido e compartilhado, que colabora para a criação da realidade coletiva do grupo social, sendo diferente do conhecimento científico. A representação social abrange a ideia de pertencimento social das pessoas e estabelece regras, preceitos, com incorporação de exemplos de conduta e pensamento a serem “seguidos”.

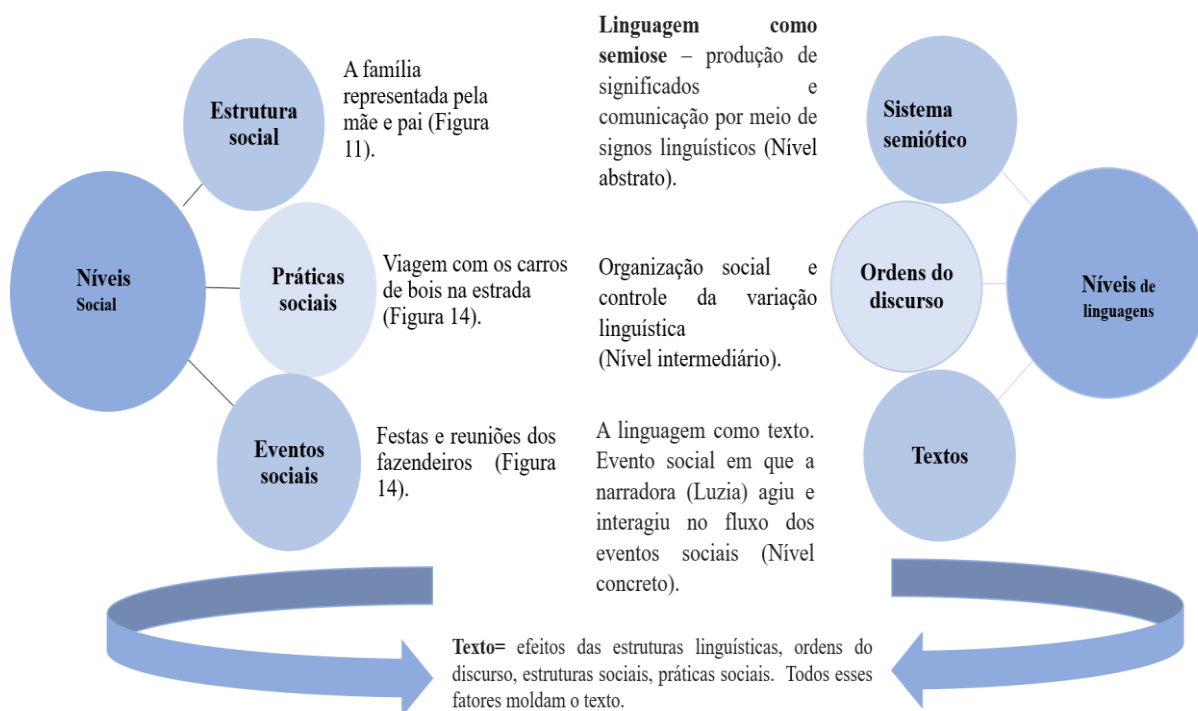
Nesse contexto, o pai representa o provedor da família que compra a fazenda e produz seu próprio sustento na terra adquirida, apesar de ser no sertão:

[...] e fez rego d’água e colocou monjolo para limpar o arroz, o café e o que fosse preciso. E logo que chegou a safra, festa colheita de milho, arroz, feijão e algodão. E no 3º ano que chegaram de mudança, já começaram a colher o café e também a moagem de cana, então produziram o açúcar, a rapadura e a pinga (LUZIA).

No excerto em destaque, a narradora afirma que, em três anos, a produção aumentou, chegando à produção de açúcar, rapadura e pinga; aqui, subentende-se que o pai trabalhou muito para conseguir essa produção. A expressão “Vou falar em meu pai era uma pessoa muito importante, ele não perdia a hora, quando descansava carregava pedra” valida e reforça o trabalho do pai.

A linguagem é parte constitutiva e irredutível do social, por isso a estrutura social; logo, as práticas e eventos sociais estão ligadas a ela (FAIRCLOUGH, 2004). Desse modo, a ordem do discurso pode ser manifestada em espaços distintos, uma vez que cada um tem a sua própria regra e maneira de interatividade discursiva que moldam e refletem as relações de poder e ideologias.

Para discorrer sobre os espaços da ordem do discurso na narrativa, elaboramos a Figura 13, a seguir em que exemplificamos como o nível social se relaciona com o nível de linguagem, considerando o sistema semiótico, a ordem do discurso e o texto. Nela, analisamos a representação social de filha, mãe, mulher, pai, esposo, família e como ocorrem as práticas e eventos reportados pela narradora:

**Figura 13 - Espaços da ordem do discurso**

Fonte: Elaborada pela autora, com base em Fairclough (2004).

As estruturas linguísticas são movidas pelas relações de poder e, por isso, podem conservar desigualdades sociais. A análise da ordem do discurso, de acordo com Fairclough (2016), envolve as ligações entre discurso, ideologia e práticas sociais, com o propósito de entender como alguns discursos são ressaltados na sociedade enquanto outros são desvalorizados.

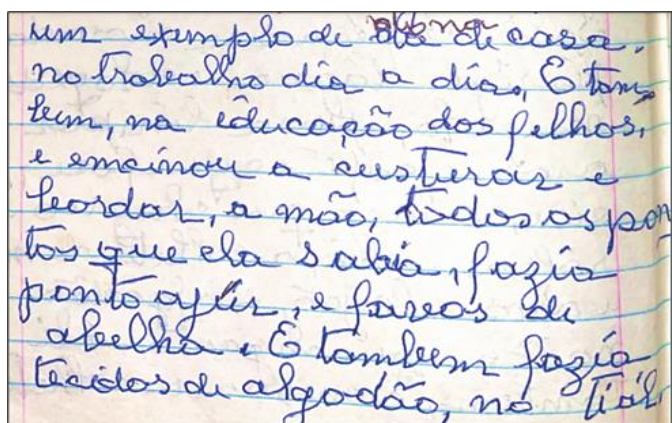
Na narrativa de Luzia, a prática social está ligada aos meios sociais, como as relações sociais da família, da viagem com os carros de bois e da festa e reunião dos fazendeiros, as quais estão relacionadas dialeticamente. No nível social, os significados são formados na estrutura, na prática e no evento, a partir de práticas discursivas e sociais compartilhadas socialmente. A semiose, como parte do nível de linguagens, compõe gênero discursivo que atua na representação da posição social que o sujeito ocupa: mãe, pai, viajante, fazendeiro. Com isso, a maneira de ser depende da identidade e da posição social de cada um.

No excerto “meu pai nasceu no dia [...] e minha mãe no dia [...] e se casou em [...]”, temos a marcação da temporalidade por meio das datas em que se situam os acontecimentos; essas separações, de acordo com Halbwachs (2003), convertem-se na ordem em que ocorrem as diferentes etapas da vida social. A representação do tempo é configurada como coletiva, porque compartilhamos da compreensão de duração em dia, semana, mês e ano.



Na passagem “[...] minha mãe muito esforçada, forte e bonita cuidava de tudo com alegria”, observamos o uso do advérbio ‘muito’ e dos adjetivos ‘esforçada, forte e bonita’ para qualificar a mãe e o papel que exerce enquanto esposa e dona de casa. Isso também pode ser observado em sequência, com as expressões “[...] era mesmo um exemplo de dona de casa, no trabalho do dia a dia”. E “na educação dos filhos, ensinou a costurar e bordar” (Figura 14, abaixo). O emprego do advérbio também reforça a percepção de que uma “boa dona de casa” cuida de tudo e educa e ensina os filhos. O discurso reflete a concepção do ideal de uma dona de casa, um exemplo a ser seguido. Esse discurso, por sua vez, reproduz a ideologia de uma sociedade patriarcal em que cabia à mulher/mãe ser uma ‘boa dona de casa’, ou seja, desempenhar os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos e o esposo.

**Figura 14 - Um exemplo de dona de casa: o papel social da mulher**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 14**

Um exemplo de dona de casa, no trabalho dia a dia. E também na educação dos filhos, e ensinou a costurar e bordar a mão, todos os pontos que ela sabia, fazia pontos ajour, e favas de abelha. E também fazia tecidos de algodão, no tear.

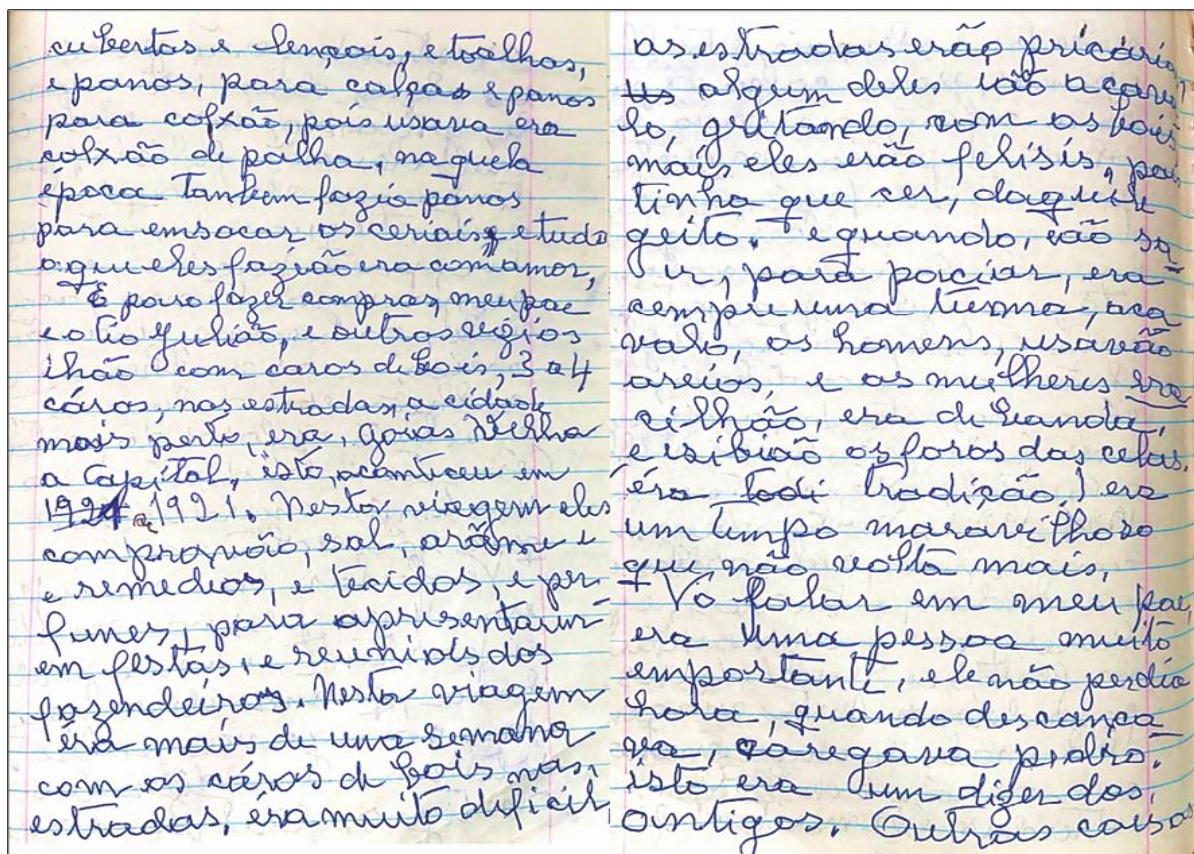
O discurso favorece a produção de uma identidade social daquilo que significa ser mãe e dona de casa. A memória individual, por mais pessoal que seja, expressa características da memória coletiva; nesse sentido, Halbwachs (2003) menciona que a lembrança individual serve como uma forma de nos conscientizarmos da representação coletiva das mesmas experiências. Nesse contexto, na imagem da mulher, enquanto mãe e esposa, há uma representação do que foi instituído socialmente pelo patriarcalismo, visto que nossos entendimentos nascem também do que aprendemos em uma sociedade.

A hegemonia está na legitimação da ideologia dominante, que sustenta a relação de supremacia do homem em relação a mulher. Por meio do que a narradora menciona sobre a mãe, observamos que o discurso gera um senso comum em relação ao que é estabelecido sobre ser mulher na sociedade e, ao mesmo tempo, favorece a conservação do poder dominante e/ou hegemônico.



Nas Figuras 15 e 16, a seguir, observamos a afetividade na representação paterna e descrição da cultura:

**Figura 15 - A representação da família**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 15**

cobertas, lençóis, toalhas, panos para calças e panos para colchão, pois usava era colchão de palha naquela época, também faziam panos para ensacar os cereais e tudo o que eles faziam era com amor. E para fazer compras meu pai e o tio Julião, e outros vizinhos iam com carros de bois 3 a 4 carros nas estradas. A cidade mais perto era Goiás Velho a capital. Isto aconteceu em 1921. Nesta viagem eles compraram sal, arame, remédios, tecidos e perfumes para apresentarem em festas e reuniões dos fazendeiros. Nesta viagem era mais de uma semana com os carros de bois nas estradas, era muito difícil as estradas eram, precárias, alguns deles iam a cavalo gritando com os bois, mas eles eram felizes, pois tinha que ser daquele jeito. E quando iam sair para passear era uma turma a cavalo. Os homens usavam arreios e as mulheres cilhão, era de banda e exibiam os forros de celas, era tradição um tempo maravilhoso que não volta mais.

Vou falar em meu pai era uma pessoa muito importante, ele não perdia a hora, quando descansava carregava pedra. Isto era um dizer dos antigos. Outras coisas [...]

Figura 16 - O retrato do pai

que ele costumava comprar, e chapéu para a minha mãe, é diferente dos outros, era todo enfeitado de rosas, os forros do cilhão, era cochinil ou pelego e capa de chuva e para proteger, na época das chuvas, e sombrinhas para tampar do sol. enfim ele pensava em tudo e o carinho com que ele tratava a família, e os empregados, sentiam em casa. Meu pai era carpinteiro, ferreiro e sapateiro, ele mesmo é quem preparava os couros, para as selas e colchões, e todos os serviços de madeira ele fazia, por exemplo, currais, casas de, mesmo alguns móveis, para casa.

Fonte: Arquivo pessoal.

#### Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 16

que ele costumava comprar chapéu para a minha mãe, é diferente dos outros era todo enfeitado de rosas, os forros do cilhão era cochinil ou pelego e capa de chuva para proteger na época das chuvas e sombrinhas para tampar do sol, enfim ele pensava em tudo e o carinho com que ele tratava a família e os empregados sentiam em casa. Meu pai era carpinteiro, ferreiro e sapateiro, ele mesmo é quem preparava os couros para as selas, calçados e todos os serviços de madeira ele fazia, por exemplo currais, casas, até mesmo alguns móveis para casa.

O trecho “[...] e tudo o que eles faziam era com amor” reforça a ideia de que, apesar de trabalharem muito, os pais eram felizes com o que faziam. Vivemos em uma sociedade com diferentes papéis, funções e classes sociais; assim, compreender como o sujeito se percebe diante do meio em que vive é uma maneira de reconhecer como as representações influenciam as vidas cotidianas. Moscovici (2015) afirma que as representações sociais se entrelaçam e se cristalizam de maneira contínua, por meio da palavra, de gestos, carregam a maior parte de nossas afinidades escolhidas, os objetos que criamos ou consumimos e os diálogos que organizamos. A narradora sintetizou o que pensava sobre os pais e a realidade que a cercava e, com isso, projetou a representação social de sua família, construindo uma imagem positiva e feliz.

Conforme Moscovici (2015), as representações sociais atuam como sistemas em que os valores, conceitos e costumes desempenham o papel de indicar ordem, o que permite às pessoas se nortear no mundo social e estabelecer comunicação. Com isso, as representações surgem não somente como meio de perceber, mas também de desempenhar um papel na capacidade de autodefinição do sujeito, seja individual ou coletivo, fornecendo uma função identitária que expressa um valor simbólico.

Isso pode ser observado na passagem: “[...] isto aconteceu em 1921. [...] Nesta viagem era mais de uma semana com os carros de bois nas estradas [...]”, em que a narradora descreve o período temporal como maneira de argumentar as dificuldades da época de locomoção.

No excerto “[...] as estradas eram precárias e alguns deles iam a cavalo [...] mas eles eram felizes, pois tinha que ser daquele jeito”, verificamos que, embora as representações sociais não sejam notadas de maneira consciente, muitas vezes elas estão subentendidas em nossa forma de perceber os outros e o mundo ao nosso redor; a expressão “pois tinha que ser daquele jeito” reforça a ideia de felicidade e, ao mesmo tempo, traz implícita uma percepção conformista da vida.

Na expressão “[...] e exibiam os forros das selas (era tradição) era um **tempo maravilhoso**”, o adjetivo (maravilhoso) enaltece o ‘tempo’, que é subjetivo; observamos um tempo efêmero, reforçado no segmento “não volta mais”. Candau (2021) menciona que representações de identidade estão intrinsecamente ligadas à sensação de continuidade temporal, por meio de elementos como permanência e mobilização de descrições históricas dos grupos de pertencimento.

Na passagem “[...] vou falar do meu pai, era uma pessoa muito importante, ele não perdia a hora, quando descansava carregava pedra. Isso era um dizer dos antigos”, a afetividade é retomada e a importância da figura paterna é enfatizada pelo advérbio ‘muito’ que reforça o adjetivo ‘importante’. Podemos observar as projeções discursivas sobre o pai por meio dessas classes de palavras. De certa maneira, segundo Mateus (2020), nos comunicamos por meio da experiência afetiva. O afeto exerce um papel importante na identificação da identidade coletiva, uma vez que as emoções nos possibilitam reconhecer e nos unir de maneira expressiva com a identidade compartilhada. As representações sociais são importantes para a criação de valores sociais, já que se referem a padrões simbólicos da realidade; neste caso, a figura paterna.

A expressão “[...] quando descansava carregava pedra” é um provérbio<sup>22</sup> que pode remeter a vários significados. Na narrativa, traz a ideia de que o pai não descansava, pois trabalhava muito para manter a família. Esse gênero discursivo se mostra como uma adequada materialização do discurso popular, que atinge força, por meio da linguagem e dos indivíduos e provém de várias práticas discursivas que abrangem aspectos socialmente institucionalizados. Fairclough (2016) afirma que o suporte à hegemonia está nas instituições particulares, como família, escola, igreja, visto que a repetição de práticas discursivas

---

<sup>22</sup> Máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens (CUNHA, 2010, p. 528).



hegemônicas ocorre na esfera micro da sociedade e é desempenhada por indivíduos que não fazem parte da macroestrutura do poder hegemônico. Além disso, verificamos, mais uma vez, que a figura masculina é enaltecida.

No excerto “[...] outras coisas que ele costumava comprar e chapéu para minha mãe, é diferente dos outros, era todo enfeitado de rosas, os forros dos cilhões era cochinil ou pelego e para proteger na época das chuvas sombrinhas para tapar o sol. Enfim, ele pensava em tudo e o carinho com que ele tratava a família”, observamos que a descrição das ações paternas reforça a ideia e o porquê de o pai ser importante e de como cuidava da família e da mãe. Nesse sentido, Mateus (2020) alega que entender e concordar com a argumentação do orador requer disposição para experimentar e aceitar as emoções que ela evoca no auditório.

No Quadro 18, destacamos como a narradora faz projeções discursivas do pai e da mãe:

**Quadro 18 - Projeções discursivas sobre a mãe e o pai**

<b>Campo lexical e semântico</b>	<b>Projeções discursivas sobre a mãe projetadas na narrativa</b>	<b>Projeções discursivas sobre o pai projetadas na narrativa</b>
	esforçada, forte, bonita; cuidava de tudo com alegria; sabia fazer muitos tipos de bolos, doces, salgados; exemplo de dona de casa e na educação dos filhos.	carpinteiro, ferreiro, sapateiro; provedor da família; pessoa importante; quando descansava carregava pedra; carinhoso com a família.
	Valor social: positivo - natureza semântica dos pais	

Fonte: Elaborado pela autora.

As palavras usadas pela narradora para se referir à mãe e ao pai sustentam o discurso e movem cargas semânticas que reforçam as características de *ethos* afetivo, por meio de projeções realizadas discursivamente sobre o pai e sobre a mãe e que fazem emergir, na relação com o enunciatário, dadas disposições afetivas. A maneira como a narradora projeta cada um indica particularidades das identidades materna e paterna, que nos permitem compreender o porquê de a mãe ser “[...] um exemplo de dona de casa” e de o pai ser uma “[...] uma pessoa importante”. De maneira geral, os recursos linguísticos apresentam carga semântica positiva em relação aos pais. Segundo Amossy (2020), as maneiras de proferir e de se apresentar interferem nos rituais que as trocas verbais socializadas representam.

Na sequência, apresentamos o Quadro 19, em que trazemos excertos da autobiografia com as categorias da análise a partir da TSD proposta por Fairclough (2004), que inclui a análise textual e a discursiva:

Quadro 19 - Categorias da análise TSD (FAIRCLOUGH, 2016)

Instância analítica	Categorias	Excertos/vocábulos analisados
Análise textual	<b>Vocabulário:</b> trata das palavras individuais. [...] Implicam processo de lexicalização (significação) do mundo, que ocorrem diferentemente em tempos e épocas diferentes para grupos de pessoas diferentes.	Figura 12 - monjolo, moagem de cana. Figura 14 - ponto ajour, tear. Figura 16 - cilhão. No vocabulário, as palavras destacadas pertencem à classe dos substantivos e aludem à vida no campo e ao trabalho que a mãe realizava; o discurso, segundo Fairclough (2016) compõe o social e os elementos dos sujeitos sociais.
	<b>Gramática:</b> trata das palavras organizadas em orações e frases. A unidade principal é a oração. Toda oração é multifuncional e combina significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais.	Figura 12 - [...] já começaram a <b>colher</b> o café e também a moagem de cana [...]. O verbo pode ser transitivo e intransitivo. Neste caso, o verbo colher é transitivo e representa a ação do pai e da mãe como sujeitos agentes sobre o ato de colher o café. (OBS: na qualidade de verbo intransitivo, só o agente é identificado; não apresenta o objeto paciente).
	<b>Coesão:</b> como as orações são ligadas em frases e como as frases são relacionadas para formar elementos maiores nos textos.	Figura 16 - [...] ele costumava comprar chapéu para minha mãe, é diferente dos <b>outros</b> , era todo enfeitado de rosas [...] O termo ‘outros’ funciona como uma elipse nominal que retoma a palavra chapéu.
	<b>Estrutura textual</b>	Trata da organização e padrões linguísticos da narrativa.
Análise Discursiva  (Produção, distribuição e consumo)	<b>Força dos enunciados:</b> tipos de atos de fala.	Figura 15 - [...] <b>quando descansava carregava pedra</b> . Isto era um <u>dizer dos antigos</u> [...] Na expressão destacada há a metáfora que, de acordo com Fairclough (2016), constrói uma realidade possível. Neste caso, Luzia destaca o fato de o pai ser um trabalhador. Observa-se ainda o distanciamento em relação à expressão “[...] dizer dos antigos”, pois ela não se inclui como pessoa antiga, ainda que, no momento da escrita, seja uma idosa.
	<b>Coerência:</b> a construção de sentidos.	Figura 12 - [...] Era sertão <b>ele</b> cultivou a terra [...] e construiu o lugar de morar [...]. Esse excerto expressa reconhecimento e sentimento em relação ao pai. Contempla, ainda, os fatores de contextualização que, de acordo com Koch e Travaglia (2021, p. 81) “[...] ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada.” Nesse cenário acrescentamos a situacionalidade e a informatividade como fatores responsáveis pela coerência.
	<b>Intertextualidade:</b> a propriedade constitutiva de um texto a partir de fragmentos e partes de outros.	Hibridização dos gêneros autobiografia e diário. (Figuras 12 e 26).

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Fairclough (2016).

De acordo com Fairclough (2018), a maneira como o texto é planejado e a ordem em que os elementos são construídos conseguem expandir a percepção dos sistemas de conhecimentos e crenças e das pressuposições acerca das relações e identidades sociais em que são induzidas as convenções dos tipos de texto. O excerto “[...] meu pai era carpinteiro”, mais uma vez, ressalta o pai e a argumentação confirma a polivalência dos vários trabalhos que ele executava. A palavra ‘carpinteiro’ é uma característica atribuída ao núcleo do sujeito (pai) e, sintaticamente, funciona como um complemento nominal (ou sintagma adjetival) em relação ao substantivo ‘pai’.

A estrutura textual está relacionada à maneira como as informações são apresentadas, as conexões entre as ideias, a sequência de argumentos e como a narrativa é estruturada para contar a história. Nesse sentido, percebemos a ênfase dada ao trabalho que o pai exercia, sua importância como provedor da família e ao cuidado que ele tinha com todos. No momento em que compreendemos a característica semiótica do texto, estabelecido como evento social, o discurso indica maneiras de representar.

Segundo Fairclough (2004), o discurso se configura de três modos essenciais na prática social: a) o gênero, que se relaciona às formas de agir; b) os discursos, que são maneiras de representar; c) os estilos, que correspondem ao modo de ser e reconhecer. Quanto à representação, a autora afirma que:

A representação é claramente uma questão discursiva, e podemos distinguir diferentes discursos, que podem representar a mesma área do mundo a partir de diferentes perspectivas ou posições. Observe que o "discurso" está sendo usado aqui em dois sentidos: abstratamente, como substantivo abstrato, linguagem de significado e outros tipos de semiose como elementos da vida social; mais concretamente, como um substantivo de contagem, o que significa formas particulares de representar parte do mundo. (FAIRCLOUGH, 2004, p. 26).

Por meio da análise textual, podemos abordar o evento social existente (no caso em análise, a família, representada pelo pai e pela mãe), e explorar os gêneros, os discursos e os estilos proferidos no texto. Para Fairclough (2004), a projeção discursiva acontece quando as representações e o discurso são empregados como instrumentos para influenciar e fortalecer as relações sociais de poder e dominação. Então, é importante que a análise textual esteja conectada à análise social, levando em consideração como o texto representa as relações de poder.

Na sequência, discutimos como o matrimônio é descrito na narrativa. Fairclough (2004) menciona que os eventos sociais agregam elementos como formas de atividades e pessoas, com suas crenças, valores, desejos e histórias. Dessa maneira, os textos nos permitem

a percepção de como as informações sobre esses eventos são incluídos ou excluídos e/ou ganham maior ou menor destaque ao serem relatados.

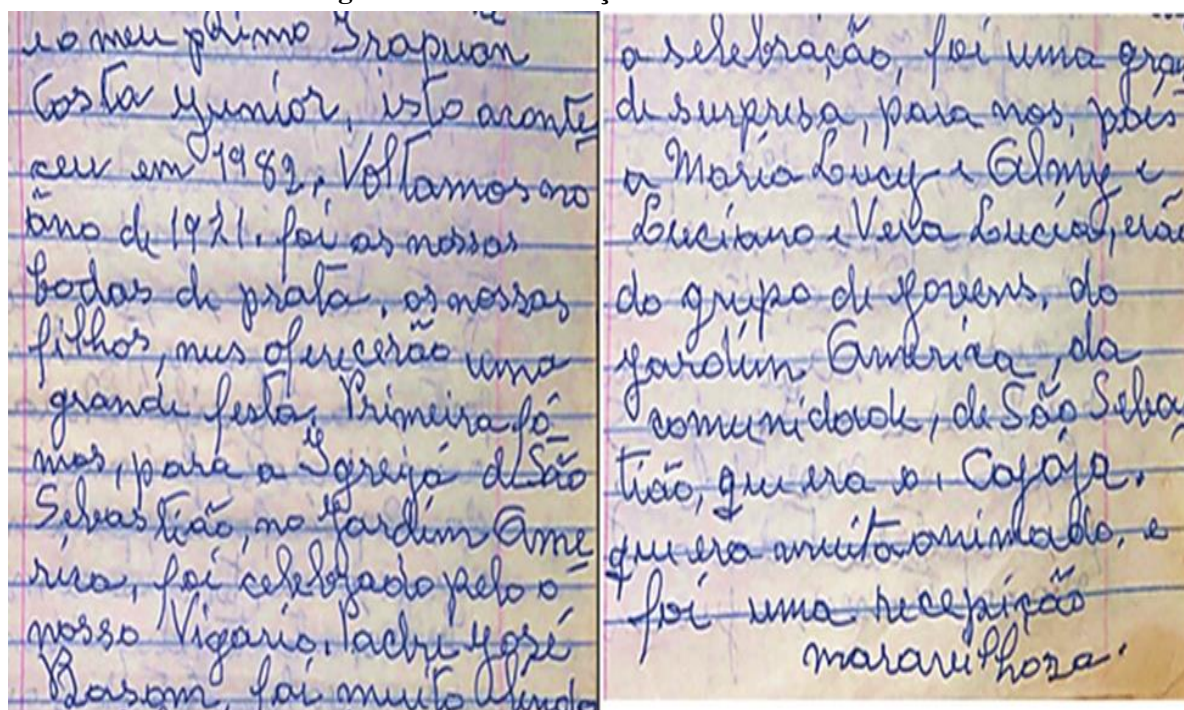
### 6.3.3 Projeção discursiva do matrimônio

Analizamos a representação social do matrimônio, enquanto prática social, buscando compreender como as práticas discursivas constroem e representam as concepções e valores em relação a esse evento social e como as ideologias estão implícitas nessas concepções.

Os discursos são elaborados de maneira específica e, por isso, se diferenciam na maneira como os eventos sociais são retratados, “[...] no que é excluído ou incluído, como são representados eventos abstratos ou concretamente e como mais especificamente os processos e relações, atores sociais, tempo e local dos eventos são representados” (FAIRCLOUGH, 2004, p. 17). Isso ocorre porque cada sujeito é marcado, de forma singular, pelos discursos dominantes e nas relações sociais.

Nas Figuras 17, 18 e 19, a seguir, analisamos as celebrações das bodas de prata, ouro e diamante, conforme descritas pela narradora, e analisamos quais pistas os textos propiciam para abordarmos o casamento como representação social na preservação ou reproduções de relações hegemônicas. Para Fairclough (2016), os discursos contêm representações de como as coisas são e foram, ou ainda como poderiam ou deveriam ser.

**Figura 17 - Comemoração das Bodas de Prata**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 17**

[...] e o meu primo Irapuã Costa Júnior, isto aconteceu em 1982. Voltamos no ano de 1971, foi as nossas bodas de prata. Os nossos filhos nos ofereceram uma grande festa. Primeiro fomos para a igreja de São Sebastião, no Jardim América, foi celebrado pelo nosso vigário, Padre José Basan foi muito lindo a celebração para nós, pois a Maria Luc, Almir, Luciano e Vera Lúcia eram do grupo de jovens do Jardim América da comunidade de São Sebastião que era o Cajaja que era muito animado e foi uma recepção maravilhosa.

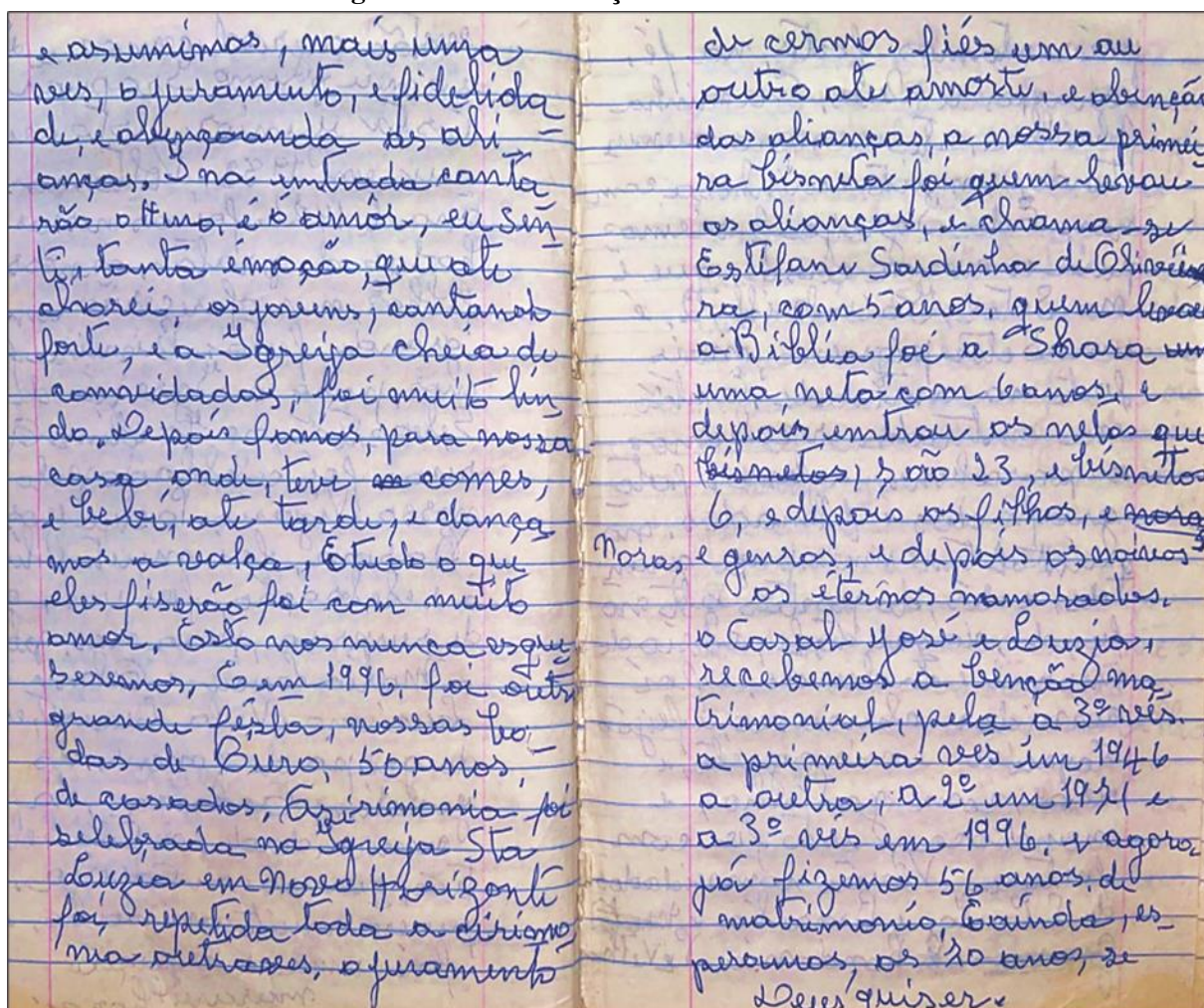
Aos 25 anos de casados, foram celebradas as bodas de prata. A narradora demonstrou a importância de renovar os votos na igreja e ressalta o valor da relação familiar, visto que os filhos organizaram o evento para a comemoração: “[...] nossos filhos nos ofereceram uma grande festa. Primeiro fomos para a igreja São Sebastião [...] foi celebrado pelo vigário Padre José Basan”. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 14. Tradução nossa) declaram que “[...]as pessoas também estabelecem suas identidades e suas diferenças por meio das diversas maneiras pelas quais os textos interpretam e, de maneira mais geral, os incorporam em suas próprias práticas”.

A legitimidade da renovação dos votos ocorreu por intermédio de um padre dentro da igreja. Nesse caso, a igreja também é uma representação social. Segundo Fairclough (2016, p. 128), “[...] isso sugere um foco sobre os processos por meio dos quais os complexos ideológicos são estruturados e reestruturados, articulados e rearticulados”. No discurso da narradora, a crença e os valores são marcados pela referência à igreja e ao padre e pelo fato de os filhos fazerem parte do grupo de jovens.

Observemos a Figura 18, a seguir, acerca da comemoração das bodas de ouro:



Figura 18 - Comemoração das Bodas de Ouro



Fonte: Arquivo pessoal.

### Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 18

[...] e assumimos mais uma vez o juramento de fidelidade, abençoando as alianças. E na entrada cantaram o hino é o amor. Eu senti tanta emoção que até chorei, os jovens cantando forte e a igreja cheia de convidados foi muito lindo. Depois fomos para a nossa casa, onde teve comer e beber até tarde, dançamos valsa. E tudo que eles fizeram foi com muito amor. Esta nós nunca esqueceremos, e em 1996 foi outra grande festa nossas bodas de ouro, 50 anos de casados. A cerimônia foi celebrada na igreja Santa Luzia no Novo Horizonte foi repetida toda a cerimônia, outra vez o juramento de sermos fies um ao outro até a morte e a bênção das alianças nossa primeira bisneta foi quem levou as alianças e chama-se Estefania Sardinha de Oliveira com 5 anos, quem levou a bíblia foi a Sara uma neta com 6 anos e depois entraram os 23 netos e os 6 bisnetos e depois os filhos, noras e genros e depois os noivos, os eternos namorados, o casal José e Luzia, recebemos a bênção matrimonial pela 3ª vez. A primeira vez foi em 1946, a outra, a 2ª em 1971 e a 3ª vez em 1996 e agora já fizemos 56 anos de matrimônio. E ainda esperamos os 70 anos, se Deus quiser.

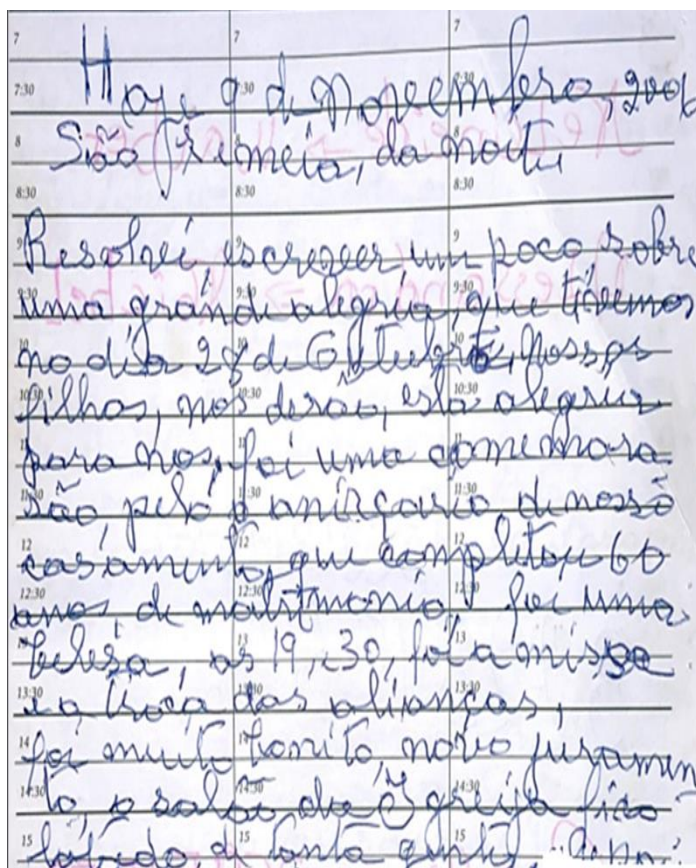
Em “[...] assumimos mais uma vez o juramento de fidelidade, abençoando as alianças[...] nossa primeira bisneta foi quem levou as alianças”, a comemoração das bodas de ouro destaca o compromisso reafirmado, a participação da terceira geração como testemunha e a família é enaltecida. No excerto “[...] e depois os noivos, os eternos namorados, o casal José e Luzia”, a palavra ‘eternos’ expressa o quanto o casamento é duradouro e ao mesmo tempo denota o amor infinito de um pelo outro.

Segundo Fairclough (2004), os discursos são maneiras de significar as perspectivas do mundo, assim como “[...] os processos, relações e estruturas do mundo material, o 'mundo mental' dos pensamentos, sentimentos, crenças e assim por diante, e o mundo social. Aspectos particulares do mundo podem ser representados de forma diferente [...] (FAIRCLOUGH, 2004, p. 124). As experiências pessoais são únicas; ainda que duas pessoas vivenciem a mesma situação, cada uma representará seu próprio entendimento a respeito da situação vivida. O autor menciona, ainda, que, ao se descrever uma representação, alguns eventos sociais podem ganhar maior ou menor destaque, fator que influencia a maneira como os eventos sociais são descritos, se de maneira abstrata ou concreta, como são considerados, apresentados e justificados.

Na Figura 18, observamos as representações da igreja, da família, do amor familiar e conjugal. Jodelet (1989, p. 5) aponta as representações sociais como “[...] fenômenos cognitivos, associam o pertencimento social dos indivíduos às implicações afetivas e normativas, às interiorizações das experiências, das práticas, dos modelos de conduta e de pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social”. No texto de Luzia, a representação está não só na renovação do voto matrimonial, mas também na afetividade que envolve a família, constituída pelos filhos, filhas, netos, netas e a primeira bisneta.

Na sequência, a narradora descreve a comemoração das bodas de diamante e, nessa rememoração, alinhava, cerze o passado no presente, formando argumentos e entrecruzando novas experiências de vida, ao relatar a comemoração de 60 anos de casados, conforme ilustrado na Figura 19, a seguir:

**Figura 19 - Comemoração das Bodas de Diamante**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 19**

Hoje 9 de novembro de 2006  
São 7 e meia da noite.

Resolvi descrever um pouco sobre uma grande alegria que tivemos no dia 28 de outubro. Nossos filhos nos deram esta alegria, uma comemoração pelo aniversário de nosso casamento que completou 60 anos de matrimônio. Foi uma beleza, as 19h e 30 min foi a missa e a troca de alianças, foi muito bonito, novo juramento, o salão da igreja ficou lotado de tanta gente.

No excerto “Resolvi descrever um pouco sobre uma grande alegria que tivemos no dia 28 de outubro. Nossos filhos nos deram esta alegria [...]”, o passado descrito é recordado e reconstituído no presente. Assim, a memória não resulta apenas das experiências, mas de um meio que se faz no presente, a fim de servir às conveniências do presente, neste caso, o relato da comemoração. As representações sociais têm a finalidade de instaurar a comunicação e a relação social, para que os sujeitos possam se entender dentro de uma organização de valores e, além disso, contribuem com o sistema de socialização, uma vez que ajuda na concepção da identidade social.

A representação social não está só nas comemorações do casamento e daquilo que ele representa no meio social, mas também podemos considerar a figura simbólica da igreja associada à renovação de votos. De acordo com Jodelet (2017), as representações sociais são encarregadas de manifestar os valores, as crenças, as regras, isto é, o sistema simbólico de uma comunidade e, assim, esclarecer e legitimar as práticas sociais. Isso pode ser verificado na passagem: “[...] as 19h30 foi a missa e a troca das alianças, foi muito bonito, novo juramento, o salão da igreja ficou lotado de tanta gente”. A confirmação e a renovação dos votos na igreja, diante de várias testemunhas, demonstram a importância desses eventos para a



narradora e, ao mesmo tempo, agrega a concepção dos valores religiosos. De acordo com Cunha (2010), a palavra ‘bodas’ é proveniente do latim *vota*, plural *votum*, e tem sentido de promessa, compromisso. Ao reafirmar os votos, a narradora revela que o casamento tem uma representação social positiva e a família atua como uma referência ou um padrão cultural, pois é o primeiro grupo social de que fazemos parte e é com base na família que passamos a compreender a vida em sociedade.

## 6.4 Memória

### 6.4.1 Digressões, continuidades e rupturas da memória

A palavra ‘memória’ evoca o passado, que se relaciona ao tempo que pode ser demarcado (físico, crônico e linguístico) ou subjetivo. Ao abordar a memória, Halbwachs (2003) afirma que não lembrar de uma época da vida é esquecer das pessoas que nos cercavam. Para o estudioso, quando um grupo termina, o único jeito de resguardar as lembranças é fixá-las por meio da escrita, uma vez que esta permanece, enquanto as palavras e pensamento passam. Nesse sentido, a narrativa autobiográfica preserva a memória de uma vida e, ao mesmo tempo, possibilita-nos analisar e descrever as continuidades e rupturas no discurso narrado.

A memória se movimenta pelo tempo: passado, presente, futuro e se baseia nos sujeitos para entender suas explicações em relação a fatos do passado por eles preservados. Quando isso não é praticável, utilizamos documentos para realizar essa função. Há muitas digressões, continuidades e rupturas nas sequências temporais. Bosi (1994, 419) explica que “[...] uns e outros sofrem um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais”. Quando cada indivíduo parte, há uma ‘desfiguração’ da memória grupal. No entanto, a autobiografia dá existência às memórias.

Nesse sentido, Le Goff (2013) alega que a memória é uma parte primordial do que habitualmente chamamos de identidade (individual ou coletiva), cuja busca é uma das atividades principais dos sujeitos. Na narrativa autobiográfica, o tempo é cronológico e subjetivo e podemos observar a dimensão afetiva que o sujeito estabelece com o fato narrado.

Silva (2017) relata que:

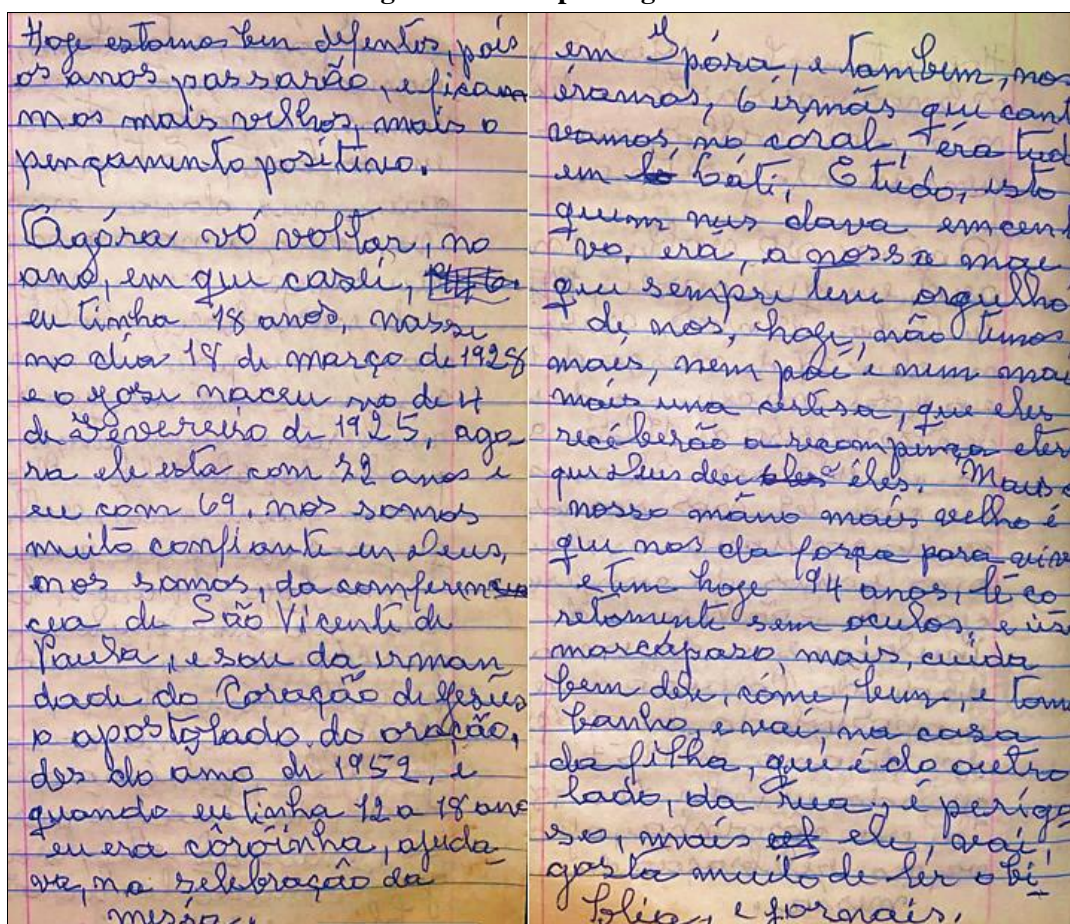
Desde a antiguidade grega o tempo foi sempre o calcanhar de Aquiles. Sempre se bolaram estratégias para que fizessem com que nós pudéssemos escapar do caráter transitório do tempo. **Nós somos seres muito mais de memória do que do presente. Nós temos muito mais passado do que**

**presente. Portanto, aquilo que nos constitui é sempre alguma coisa que está na memória.** Até mesmo a maneira como nós vivemos o presente e percebemos as coisas tem muito a ver com a memória. Porque ela é que articula e nos auxilia a entender o presente mostrando que ele afinal de contas depende muito mais de nossas vivências passadas (SILVA, 2017, n/p. Grifos nossos).

Na narrativa autobiográfica, a memória consiste nos registros de uma representação de si. De acordo com Gagnebin (2009), a memória convive com a tensão entre a presença e a ausência, a existência do presente que se recorda do passado perdido e o aparecimento do passado sumido, que faz sua “invasão” em um presente instável. Dessa forma, observamos como a narradora situa seu passado, desdobrando-se em autora e personagem do relato que escreve. Nessa ação, a narradora estabelece relação com suas lembranças do passado, consigo mesma, e intercala os papéis entre o ‘eu’ do presente e o ‘eu’ do passado.

Passamos, agora, à análise da Figura 20, em que tratamos de como o tempo é descrito e de que maneira ocorre a digressão na narrativa:

**Figura 20 - Tempo e digressão**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 20**

Hoje estamos bem diferentes, pois os anos passaram e ficamos mais velhos, mais o pensamento positivo.

Agora vou voltar no ano em que casei eu tinha 18 anos, nasci no dia 18 de março de 1928 e o José nasceu no dia 4 de fevereiro de 1925, agora ele está com 72 anos. Nós somos muito confiantes em Deus, nós somos da confederação de São Vicente de Paula e sou da irmandade do Coração de Jesus apostolado do coração, desde o ano de 1952 e quando eu tinha 12 a 18 anos eu era coroinha, ajudava na celebração da missa em Iporá, e também nós éramos 6 irmãos que cantávamos no coral, era tudo em latim. E tudo isto quem nos dava incentivo era a nossa mãe que sempre teve orgulho de nós. Hoje não temos mais mãe, nem pai mais uma certeza que eles receberam a recompensa eterna que Deus deu a eles. Mais o nosso mano mais velho é quem nos dá força para viver e tem hoje 94 anos, Lê corretamente sem óculos e usa marcapasso, mais cuida bem dele, come bem e toma banho e vai na casa da filha que fica do outro lado da rua, é perigoso, mais ele vai, gosta muito de ler a bíblia e jornais

Na passagem “[...] **hoje** estamos bem diferentes, pois **os anos passaram** e ficamos mais velhos, mas o pensamento positivo”, o tempo linguístico é demarcado por meio do advérbio ‘hoje’, que expressa concomitância ao tempo presente no momento da escrita. A expressão “**os anos passaram**” também indica tempo decorrido, mas denota passado em relação ao instante da escrita. No excerto “[...] **agora vou voltar** no ano que me **casei**, eu **tinha** 18 anos, **nasci** no dia 18 de março de 1928 e o José **nasceu** no dia 4 de fevereiro de 1925. **Agora** ele **está** com 72 anos e eu com 69 anos”, há uma ruptura da história, marcada pela expressão “**vou voltar**”. Por meio dessa estratégia, a narradora mostra ao leitor que fez uma pausa e transitou entre o presente e o passado, visto que a “[...] natureza alternante desse ‘eu’, falando no presente mesmo quando personifica a si mesmo no passado” (EAKIN, 2019, p. 75). A digressão temporal está relacionada ao momento presente da narração, em que a narradora expõe uma representação de si e do ‘outro’, manifestada na expressão “[...] ficamos mais velhos”.

Nessa mesma passagem, o emprego do advérbio ‘agora’ indica neste momento, ou seja, o presente, assim como verbo estar (**está**), que mostra um estado transitório, e os verbos ir (**vou**), casar (**casei**), ter (**tinha**) e nascer (**nasceu**) marcam o passado. Além disso, percebemos as três manifestações de memória apontadas por Candau (2021): a memória de baixo nível ou protomemória, relacionada aos saberes e experiências; a memória propriamente dita ou de alto nível, que é da recordação; e a metamemória, tendo em vista que a narradora relatar seus saberes, recordações e retrata a própria memória por meio da escrita. Conforme Candau (2021), cada sujeito tem um entendimento da sua própria memória e está apto a tratar sobre ela para ressaltar particularidade, relevância, profundidade ou lacuna. A

memória é a vida repleta de vivências e representação de um passado que propicia um significado único para cada sujeito.

A narradora se aproxima dos fatos vivenciados na juventude e justifica, no presente, sua devoção e participação no movimento religioso a partir das ações do passado e indica fatos que fundamentam sua explicação. Podemos confirmar isso no fragmento: “[...] nós somos da conferência de São Vicente de Paula e **eu sou da irmandade do Coração de Jesus**, o apostolado do coração<sup>23</sup> desde o ano de 1952 e quando eu tinha 12 a 18 anos eu era **coroinha**, ajudava na **celebração da missa** em Iporá”. A memória incorporou os acontecimentos que marcaram a vida da narradora. Em sua autobiografia, é notório o valor atribuído à religião a partir das expressões: irmandade do coração de Jesus, coroinha, celebração da missa que é declarado, ‘eu **sou**’, mediante o uso do verbo ser, que indica estado permanente.

Em outra passagem, as lembranças reforçam a importância da religião para a família, o que pode ser verificado no trecho: “[...] e também nós éramos 6 irmãos que **cantávamos no coral**, era tudo em latim. E tudo isto quem nos dava incentivo era a nossa mãe, **que sempre teve orgulho de nós**. Hoje não temos mais nem pai e nem mãe, mas uma certeza que eles receberam a recompensa eterna que Deus deu a eles”. A relevância é ressaltada no fato de a mãe incentivar os filhos e ter orgulho deles, ao mesmo tempo que destaca a importância do seu papel na família como mãe. Paveau (2013) afirma que a memória semântica é a que aponta o que dá significado às palavras e expressões, visto que ela envolve conhecimentos em relação à sentença de palavras e entendimentos sobre o mundo.

No trecho “[...] mas nosso irmão mais velho é que **nos dá força** para viver e tem **hoje** 94 anos, **lê** corretamente sem óculos e **usa** marcapasso, mais cuida bem dele, **come** bem e **toma** banho e **vai** na casa da filha, que é do outro lado da rua, é perigoso, mas ele **vai, gosta muito de ler a bíblia** e jornais”, mais uma vez o valor da religião é destacado na expressão “gosta muito de ler a bíblia”. Na história do irmão mais velho, a frase “nos dá força” se reporta ao presente e não ao passado. Assim, a narradora interrompe a digressão para retomar o presente, o que é notado pelo emprego do advérbio **hoje** e pelas formas verbais **lê, usa, come, vai, é, gosta**. Na movimentação entre fatos descritos no presente e no passado, verificamos continuidades e rupturas da memória na narrativa.

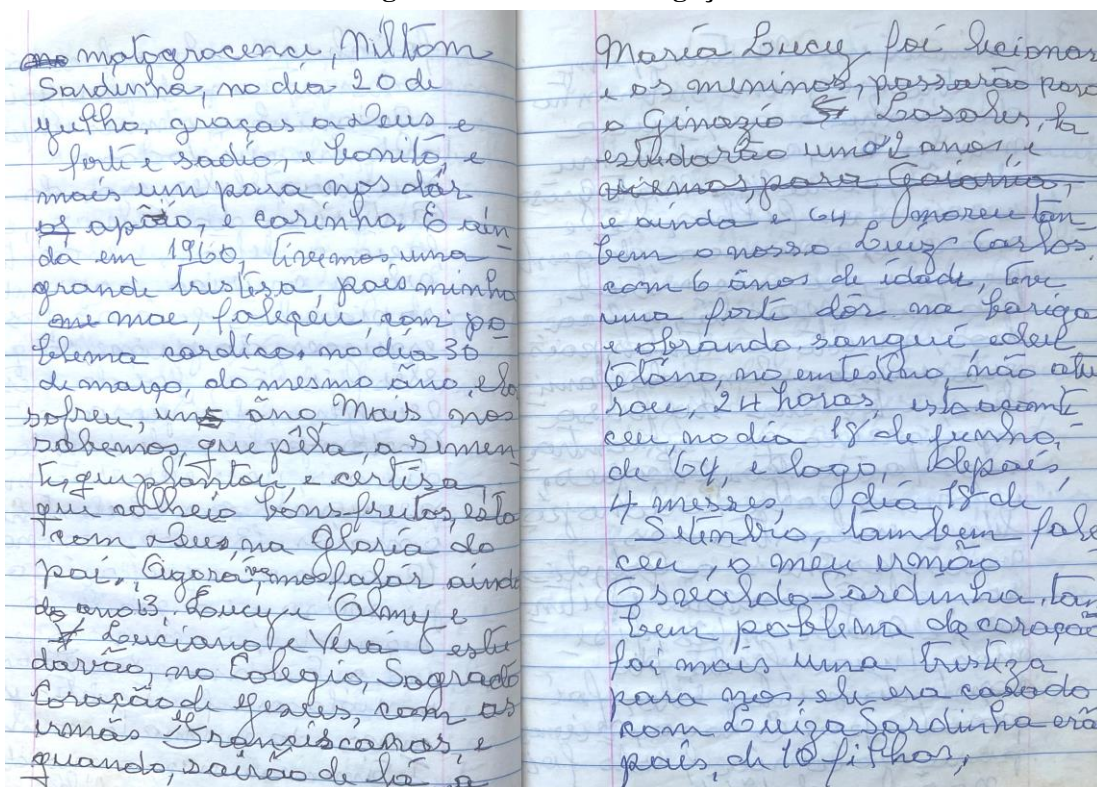
---

<sup>23</sup> O Apostolado da Oração é um movimento religioso composto por leigos católicos. A finalidade é a santificação pessoal e a evangelização das famílias com especial devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Disponível em: <https://paroquiasaogeraldo.com.br/> Acesso em abr. de 2023.



Vejamos a Figura 21:

**Figura 21 - Mortes e divagações**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 21**

[...] E ainda em 1960 tivemos uma grande tristeza, pois minha mãe faleceu e com problema cardíaco no dia 30 de março do mesmo ano, ela sofreu um ano, mas nós sabemos que pela semente que plantou e certeza que colheu bons frutos está com Deus na Glória do pai. Agora vamos falar ainda do ano de 63 Lucy e Almy, Luciano e Vera estavam no colégio Sagrado Coração de Jesus com as irmãs Franciscanas e quando saíram de lá a Maria Lucy foi lecionar e os meninos passaram para o ginásio Lasoles, lá estudaram uns 2 anos e viemos para Goiânia e ainda em 64 morreu também nosso Luiz Carlos com 6 anos de idade teve uma forte dor na barriga e obrando sangue deu tétano no intestino não aturou 24 horas, isto aconteceu no dia 18 de junho de 64 e logo depois 4 meses dia 18 de setembro também faleceu o meu irmão Osvaldo Sardinha também problema de coração, foi mais uma tristeza para nós, ele era casado com Luiza Sardinha eram pais de 10 filhos. (Transcrição da autobiografia de Luzia)

Observemos o trecho em destaque:

[...] E ainda em **1960** tivemos uma grande tristeza, pois minha mãe **faleceu** com um problema cardíaco no **dia 30** de **março** do mesmo **ano**, ela **sofreu** uns **anos**, mas **nós sabemos** que pela semente que **plantou**, e certeza que **colheu** bons frutos. Está com Deus na glória do pai. Agora vamos falar ainda

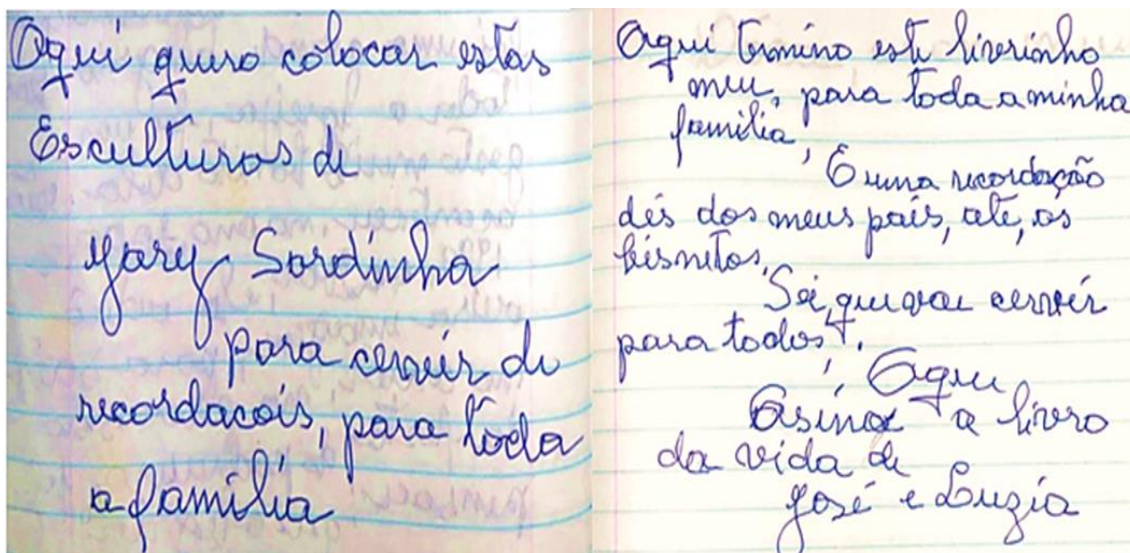


do ano de 63, Lucy, Almir, Luciano e Vera **estudavam** no colégio Sagrado Coração de Jesus [...] estudaram uns 2 anos (LUZIA).

Nesse trecho, a narradora falava da morte da mãe e introduziu um novo assunto, mudando inclusive o ano. Aqui, observamos a digressão, que implica na substituição de um tópico para outro e coloca em foco um novo tema. Há também a marcação do tempo físico como podemos verificar nas palavras **dia**, **mês** e **ano**, e do tempo linguístico, por meio dos verbos no passado - **tivemos**, **sofreu**, **plantou**, **colheu**, **estudavam** - e do verbo no presente: **sabemos**.

Em outro trecho, “[...] e **ainda** e 64 morreu também nosso Luiz Carlos com 6 anos de idade [...] não aturou 24 horas, isto aconteceu no dia 18 de junho de 64 e logo, depois, 4 meses dia 18 de setembro, também faleceu meu irmão” o advérbio ‘ainda’, que expressa tempo, indica uma nova digressão, visto que o novo assunto não tem relação direta com o que foi dito anteriormente. Embora a digressão não esteja relacionada ao tópico discursivo precedente, ela não cria uma ruptura da coerência, uma vez que é decorrente de conexões de importância para a narradora em relação a sua história. Nesse excerto, também há o tempo físico e linguístico. Isso ocorre igualmente no trecho ilustrado na Figura 22:

**Figura 22 - Recordação e dedicatória**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 22**

Aqui quero colocar estas esculturas de Jary Sardinha para servir de recordações para toda família. Aqui termino este livrinho meu para toda família, é uma recordação desde dos meus pais até os bisnetos. Sei que vai servir para todos. Aqui assino o livro de vida de José e Luzia.

No trecho ilustrado na Figura 22, a narradora tece o comentário sobre o que pretendia fazer na finalização da sua autobiografia: “[...] aqui quero colocar estas esculturas da Jary Sardinha para servir de recordações para toda a família. Aqui termino este livrinho meu, para toda minha família. É uma recordação desde dos meus pais até os bisnetos. Aqui assino o livro da vida de José e Luzia”. Com isso, ela não só descreve o que pretendia fazer, mas também orienta o leitor em relação ao término e, ao mesmo tempo, estabelece um novo tópico discursivo.

Aguiar (1998) explica que:

[...] o memorialismo exige a presença de um narrador apresentando os acontecimentos e os personagens neles envolvidos, e pressupõe sempre dois tempos: o presente em que se narra e o passado em que ocorrem os eventos narrados. [...] A busca do passado, porém, nunca o reencontra de modo inteiriço, porque **todo ato de recordar transfigura as coisas vividas. Na épica, como na memória, o passado se reconstrói de maneira alinear com idas e voltas repentinas, com superposição de planos temporais, com digressões e análises.** Naturalmente o que retorna não é o passado propriamente dito, mas suas imagens gravadas na memória e ativadas por ela num determinado presente (AGUIAR, 1998, p. 25. Grifo nosso).

Podemos dizer que a digressão foi uma estratégia usada pela narradora com a intenção de reforçar um argumento, exemplificar e esclarecer um fato, resultando na oportunidade para manifestar, na narrativa, algo que estava latente no momento da escrita. Além disso, a digressão tornou-se um desvio momentâneo, dada sua regularidade na narrativa, em que a narradora aponta um sentido argumentativo para o fato narrado, visando à compreensão e ao esclarecimento para o leitor.

Em nossa análise, verificamos que a narradora não revelou a identidade de resistência e nem a de projeto, porém a identidade legitimadora pode ser verificada. Do mesmo modo que Castells (2018), entendemos a identidade como um modo de produção de significado, a partir da característica culturais. Concordamos com o estudioso quanto à concepção de que toda identidade é construída, no entanto a construção social da identidade decorre em uma situação marcada por poder. Em outras palavras, podemos afirmar que as identidades sociais são inseridas pelas instituições da sociedade, com o objetivo de consolidar a dominação em relação aos sujeitos, bem como legitimar as ações que organizam e retratam o acesso dos sujeitos aos meios e às formas de participação. A identidade legitimadora pode ser apontada pela maneira como a narradora é atravessada pelas instituições, família, igreja (congregação a que pertencia), escola dos filhos, que ganham um valor ético e político e consolidam elementos da produção ideológica.

Um outro aspecto observado foi ao emprego da primeira pessoa do plural: o que ecoa não é um relato centrado no 'eu', mas no 'nós'. Durante a narrativa, a conexão com o outro evidencia a construção de uma identidade resultante das relações sociais. Dessa maneira, a semiose atuou na atividade social, na maneira como a história foi contada, nas representações por meio das instituições e na identidade, porque abordou as experiências pessoais.

No próximo tópico, buscamos identificar, no discurso narrado, elementos de construção temporal da identidade e verificar de que maneira o *ethos* é construído na narrativa autobiográfica, a partir da AD, da análise textual, da memória e da identidade.

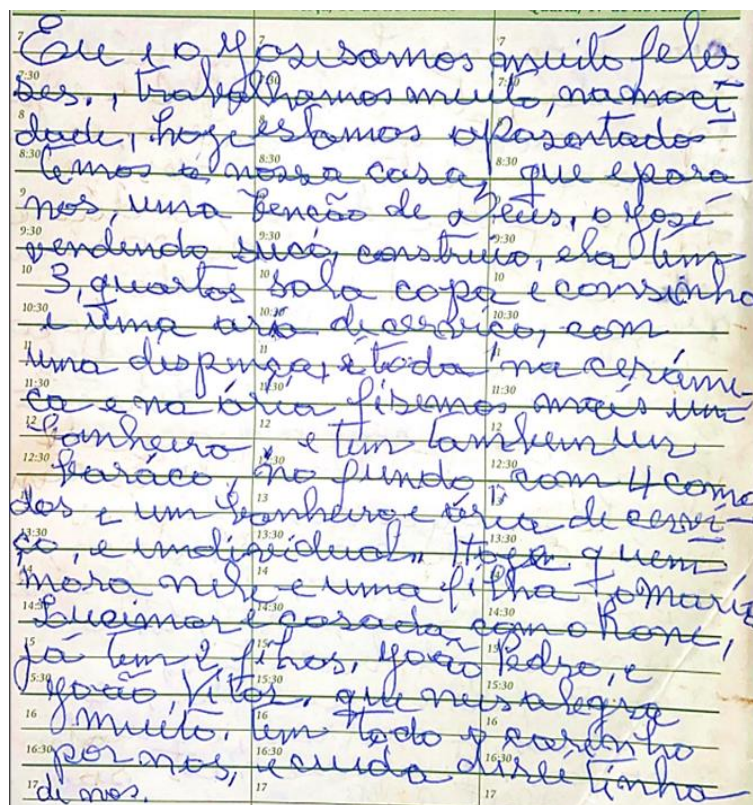
## 6.5 Identidade

### 6.5.1 Ser coletivo

A memória se relaciona ao processo de construção da identidade, visto que as histórias e experiências contribuem na construção da identidade. Não concebemos uma identidade fixa e imutável, uma vez que ela reflete o papel que assumimos e o contexto em que vivemos.

Observemos o trecho em destaque na Figura 23:

**Figura 23 - Reflexão da vida**



Fonte: Arquivo pessoal.

### Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 23

Eu e o José somos muito felizes, trabalhamos muito na mocidade, hoje estamos aposentados, temos a nossa casa que é para nós uma benção de Deus. O José vendendo suco construiu, ela tem 3 quartos, sala, copa e cozinha e tem área de serviço com uma dispensa, é toda na cerâmica e na área fizemos mais um banheiro e tem também um barracão e individual. Hoje quem mora nele é uma filha a Maria Lucimar é casada com o Roni, já tem 2 filhos, João Pedro e João Vitor, que nos alegra muito, tem todo o carinho por nós e cuida direitinho de nós.

Ao contar a sua história, a narradora expõe, no discurso narrado, uma diversidade de imagens de si, que demonstram características de sua identidade, como podemos observar no excerto: “[...] eu e o José **somos** muito felizes. Trabalhamos muito na mocidade, **hoje estamos** aposentados [...]”]; aqui, é possível perceber que há diversas vozes no seu eu. Nesse mesmo excerto, o tempo marcado se refere ao presente, indicado pelos verbos ser (somos) e estar (estamos) e pelo advérbio ‘hoje’, em que a narradora descreve como está na velhice.

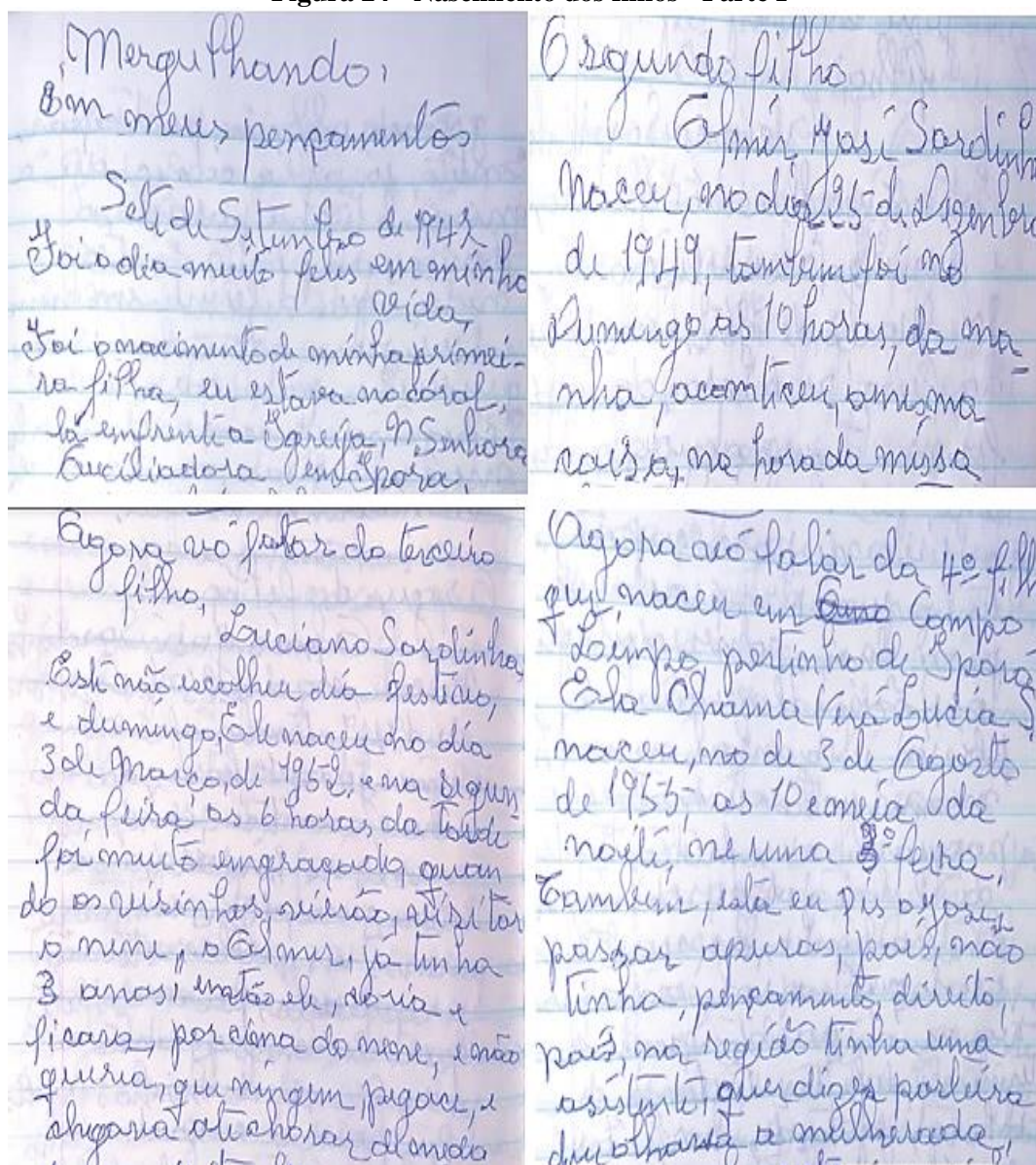
Em uma outra passagem constatamos a projeção do outro por meio das expressões destacadas (nos alegra, carinho por nós): “[...] Hoje quem mora nela é uma filha, a Maria Lucimar é casada com o Rone, já tem dois filhos, João Pedro e João Vitor, que **nos alegra** muito, tem todo **carinho por nós**, e cuida direitinho de nós”. O outro assume um valor importante, visto que é a partir dele que o ‘eu’ se constrói, uma vez que as pessoas permanecem conectadas ao mundo dos outros e reconhecem que fazem parte de uma coletividade: na família, nas histórias compartilhadas, na humanidade (MATOS. 2015).

O emprego da primeira pessoa do singular certifica a identidade da narradora como personagem principal do que é relatado, mas, ao optar pelo uso da primeira pessoa do plural, ela constrói uma identidade plural, assumindo uma posição coletiva, e se põe como uma porta-voz (que podemos subentender ser a voz do esposo).

Nas Figuras 24 e 25, a seguir, verificamos a identidade materna, que a narradora constrói ao abordar o nascimento dos filhos (Parte I e II). Além disso, observamos o tempo físico - descrito por meio do dia, mês e ano dos nascimentos - e o tempo linguístico, mediante o uso do verbo no passado (foi, nasceu, aconteceu, escolheu).



Figura 24 - Nascimento dos filhos - Parte I



Fonte: Arquivo pessoal.

#### Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 24

Mergulhando em meus pensamentos. Sete de Setembro de 1947 foi um dia muito feliz em minha vida. Foi o nascimento da minha primeira filha, eu estava no coral, lá em frete a igreja Nossa Senhora auxiliadora em Iporá.

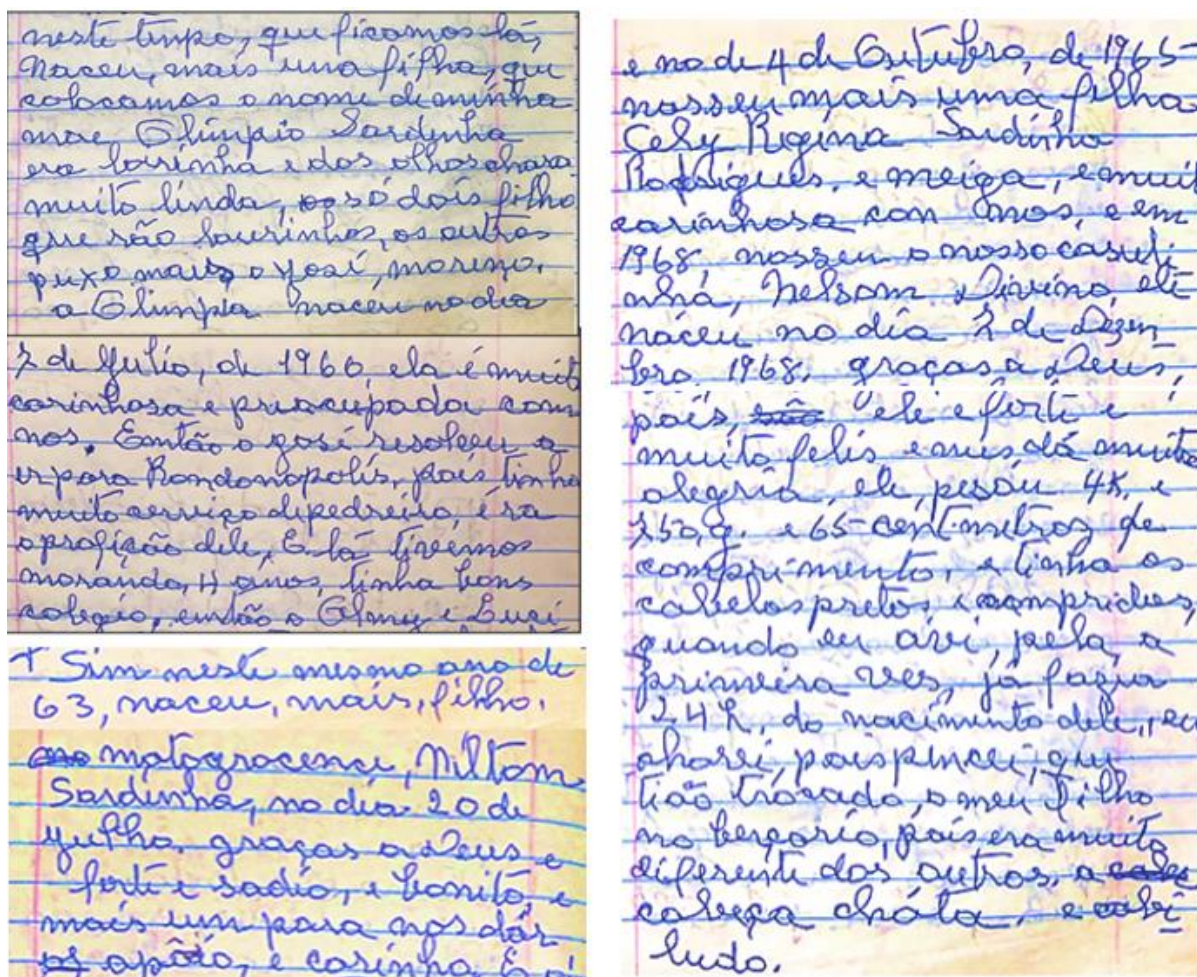
O segundo filho Almir Sardinha nasceu no dia 25 de dezembro de 1949, também foi domingo as 10 horas da manhã, aconteceu a mesma coisa na hora da missa.

Agora vou falar do terceiro filho, Luciano Sardinha, este não escolheu dia festivo e domingo. Ele nasceu no dia 3 de março de 1952 e na segunda-feira as 6 horas da tarde foi muito engraçado quando os vizinhos vieram visitar o nenê, o Almir já tinha 3 anos, então ele corria e ficava por cima do nenê e não queria que ninguém pegasse e chegava até chorar de medo.

Agora vou falar da 4ª filha que nasceu em Campo Limpo pertinho de Iporá. Ela chama Vera Lúcia nasceu no dia 3 de agosto de 1955, as 10 e meia da noite em uma 3ª feira. Também está eu pus o José em apuros, pois não tinha pensamento direito, pois na região tinha uma assistente, quer dizer uma parteira que olhava a mulherada.



Figura 25 - Nascimento dos filhos - Parte II



Fonte: Arquivo pessoal.

### Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 25

[...] neste tempo que ficamos lá nasceu mais uma filha que colocamos o nome da minha mãe Olimpia Sardinha[...] a Olimpia nasceu no dia 7 de julho de 1960 ela é muito carinhosa e preocupada com nós. Então José resolveu ir para Rondonópolis, pois tinha muito serviço de pedreiro era a profissão dele. E lá tivemos morando 4 anos, tinha bons colégios, então Almir e Luciano [...].

Sim neste mesmo ano de 63 nasceu mais um filho mato grossense, Nilton Sardinha no dia 20 de julho, graças a Deus **forte e sadio e bonito é mais um para nos dar apoio e carinho** [...].

E no dia 4 de outubro de 1965 nasceu mais uma filha Cely Regina Sardinha Rodrigues é meiga e muito carinhosa com nós e em 1968 nasceu nosso caçulinha, Nelson Divino ele nasceu no dia 7 de dezembro 1968, graças a Deus, pois ele é forte e muito feliz, nos dá muita alegria ele pesou 4kg e 750g e 65 centímetros de comprimento e tinha os cabelos compridos quando eu vi pela primeira vez já fazia 24h do nascimento dele, eu chorei, pois pensei que tinham trocado o meu filho no berçário, pois era muito diferente dos outros a cabeça chata, e cabuludo.

Na passagem “[...] mergulhando em meus pensamentos. Sete de Setembro de 1947 foi um dia muito feliz em minha vida. Foi o nascimento da minha primeira filha”, o *ethos* revela

aspectos da identidade materna da narradora, que se constrói a partir do que narra, e está sujeita à construção que o outro pode fazer das marcas linguísticas deixadas no discurso narrado. Isso pode ser visto também na passagem “[...] graças a Deus é **forte e sadio, e bonito** é mais um para nos dar apoio **e carinho**”, na qual o uso dos adjetivos ‘forte, sadio, bonito’ (que intensificam as qualidades atribuídas ao filho) e do substantivo ‘carinho’ expõem o *ethos* afetivo da mãe.

No trecho “[...] **eu estava no coral**, lá em frente à igreja Nossa Senhora Auxiliadora, em Iporá”, a narradora demarca o espaço - que é a igreja - e evidencia a relação de pertencimento ao local em que vivia; mais uma vez, percebemos a influência religiosa em sua vida.

No fragmento “[...] no dia 4 de outubro de 1965 nasceu mais uma filha [...] é meiga e muito carinhosa com nós e em 1968 nasceu nosso caçulinha [...] pois ele é forte e muito feliz, nos dá muita alegria [...] quando **eu** vi pela primeira vez já fazia 24h o nascimento dele”, podemos destacar o dêitico pessoal ‘eu’, um recurso linguístico que permite à narradora se posicionar sobre o fato relatado.

Na passagem “[...] **eu chorei**, pois pensei que tinham trocado meu filho no berçário, pois **era muito diferente dos outros, a cabeça chata e cabeludo**”, percebemos que, ao narrar o nascimento do filho e se posicionar em relação ao fato de ele ser diferente dos demais, a narradora assume seu papel no meio social: o de mãe.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que narrar não é apenas contar acontecimentos do passado, mas recuperar e produzir, no discurso, as experiências vividas. Dessa forma, os relatos representam uma atividade interpretativa-identitária que compreende as adequações do contexto e as vivências reconhecidas pela narradora.

Em seguida, passamos a analisar o trecho representado na Figura 26:



Figura 26 - A esposa, mãe, avó e bisavó

a 7 de novembro BankBoston

Quinta, 4 de novembro	Sexta, 5 de novembro	Sábado, 6 de novembro
<p>Há 48 de Setembro de 2002</p> <p>Eu sou mãe de 9 filhos, um marido com 6 anos, os outros, já são casados, já Agostão, e só eu e meu marido, em casa, tem um filho que disquisito e me na com nos, mais aleus, e segun pai, mas deu mais uma filha, e grossa e fofa, no no, e grossa e fofa, para cá</p> <p>6 meu esposo</p> <p>Também tem, uns 2000 mais de saúde, deu de 3000, mais com a graça de Deus já está bem, mais com a saúde, e algumas coisas mais, e está com 19 anos, e eu com 16, anos, e já fizemos 58 anos de casados, temos 24 netos, 2 bisnetos, são 8 filhos casados, 4 e timos, 4 genros, e quatro netas, que para nos são mais aleus filhos, mas da toda a carinhoso e olímpico e nos faz muito feliz.</p> <p>Agora vou deitar para ver o sono já chegou São 11 horas e 30 minutos</p>		

Fonte: Arquivo pessoal



**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 26**

Hoje 18 de setembro de 2004.

Já são 10h 30 min da noite, eu ainda não consegui dormir, pois estou muito preocupada com a minha saúde, eu nem sei explicar a situação que está. Graças a Deus que estou recuperando bem, mas eu pensei que iria morrer, pois a dor foi muito forte. [...]

Eu sou mãe de 9 filhos, um morreu com 6 anos os outros já são casados. Agora é só eu e meu marido em casa tem um filho que desquitou e mora conosco, mas Deus é bom pai, nos deu mais uma filha a nossa afilhada, nós a trouxemos para cá [...]

[...] O meu esposo também teve um sério problema de saúde, deu derrame 3 vezes, mas com a graça de Deus já está bem, faz caminhada com alguns casais. E está com 79 anos e eu com 76 anos e já fizemos 58 anos de casados temos 24 netos e 7 bisnetos, são 8 filhos casados e temos 4 genros e quatro noras que para nós são mais oito filhos, nos dá todo carinho e atenção e nos faz muito feliz. Agora vou me deitar para ver e o sono já chegou. São 11h30min.

Na passagem “[...] hoje 18 de setembro de 2004. Já são 10h 30 min da noite, eu ainda não consegui dormir [...] agora vou me deitar para ver e o sono já chegou. São 11h30min”, há uma similaridade com o gênero diário pessoal, utilizado para criar uma memória com data e horário. A escrita autobiográfica é interrompida para dar espaço a inquietações do momento: “[...] estou muito preocupada com minha saúde” e como forma de autorrepresentação, fato que observamos no trecho “[...] **sou mãe** de 9 filhos, um morreu com 6 anos, os outros já são casados.

No excerto “[...] Mas Deus é bom pai, nos deu mais uma filha, é **nossa afilhada**”, a expressão ‘nossa afilhada’ caracteriza uma retomada do referente ‘filha’, evidenciando uma anáfora para especificá-la. A particularidade de retomar propicia a continuidade de um núcleo referencial com aspecto nominal - ‘nossa afilhada’ -, que encapsula e sumariza o referente pronunciado anteriormente: ‘filha’.

Em outro excerto, a narradora se reporta ao marido e aos demais membros da família: “[...] e está com 79 anos e eu com 76 anos e já fizemos 58 anos de casados, temos 24 netos, 7 bisnetos, são 8 filhos casados”. Desse modo, o discurso narrado evidencia a marca temporal em que a narradora deixa registrada sua identidade de esposa, mãe, avó e bisavó. Nesse sentido, a memória já não é mais apenas um espaço para a linguagem, um lugar onde ela se manifesta, mas é a linguagem que constitui a matéria, o tecido, da memória (PAVEAU, 2013).

O discurso narrado é rico em detalhes, como podemos verificar na passagem “[...] o meu esposo também teve um sério problema de saúde, deu derrame 3 vezes”; isso demonstra um recurso efetivo de convencimento da autenticidade da narração, pois, ao relatar as

particularidades, a narradora mostrou sua habilidade de memorização. Ricoeur (2007) menciona que a memória permanece como a habilidade de viajar e reconstituir o passado, sem obstáculos que impeçam a continuidade desse movimento ininterrupto.

Assim, percebemos que, na narrativa em análise, o tempo não é linear. A exemplo, no trecho em que a narradora conta o nascimento da última filha e do caçula - “[...] no dia 4 de outubro de 1965 nasceu mais uma filha [...] e em 1968 nasceu nosso caçulinha [...]” - há uma ruptura temporal. Dessa maneira, a narrativa autobiográfica não segue uma linearidade clássica; as memórias se entrecruzam e se desdobram de forma não linear, os eventos narrados não são mostrados em uma ordem cronológica, mas conforme a combinação de sentidos e experiências pessoais. Essa não linearidade retrata uma essência fluída e subjetiva da memória, que pode transpor o tempo, resgatar o tempo, recuperar vestígios do passado e entrelaçar momentos distintos de forma única.

Vejamos, agora, a Figura 27:

**Figura 27 - A velhice**

Nós éramos 9 irmãos, e já morreram 6, primeiro a Filhinha, era a mais velha, e depois o Osvaldo, e depois a Dudu, e depois a Guimã. e hoje está com 3 dias que morreu a madrinha Daria, com 90 anos, agora é só eu Luzia Sardinha com 72 anos de vida, a Doca com 82 anos e a Senhorinha com 92, graças a Deus, estamos todas bem, gozando de nossa velhice.

Fonte: Arquivo pessoal.

**Transcrição textualizada da autobiografia de Luzia - Figura 27**

Nós éramos 9 irmãos, e já morreram 6, primeiro a Filhinha, era a mais velha, e depois o Osvaldo, e depois a Dudu e depois a Guimã e hoje está com 3 dias que morreu a madrinha Daria, com 90 anos, agora é só eu Luzia Sardinha com 72 anos de vida, a Doca com 82 anos e a Senhorinha com 92, graças a Deus, estamos todas bem, gozando de nossa velhice.

Consideremos a passagem abaixo:

[...] nós éramos 9 irmãos, e já morreram 6, primeiro a Filhinha, era a mais velha, e depois o Osvaldo, e depois a Dudu e depois a Guimã e hoje está com 3 dias que morreu a madrinha Daria, com 90 anos, agora é só eu **Luzia Sardinha com 72** anos de vida, a Doca com 82 anos e a Senhorinha com 92, graças a Deus, **estamos todas bem, gozando de nossa velhice**” (LUZIA).

No trecho destacado, a ação de narrar sobre si mesma compreende a identidade individual e a coletiva: “[...] **nós** éramos 9 **irmãos**, e já morreram 6”. A maneira como a narradora se posiciona permite despontar o seu papel de irmã, exercido no contexto social do qual fazia parte. De acordo com Ricoeur (2007),

[...] nos três laços que costumam ser ressaltados em favor do caráter essencialmente privado da memória. Primeiro, a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de **minhadade**, de posseção privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. Em seguida, o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória (RICOEUR, 2007, p. 107. Grifo nosso).

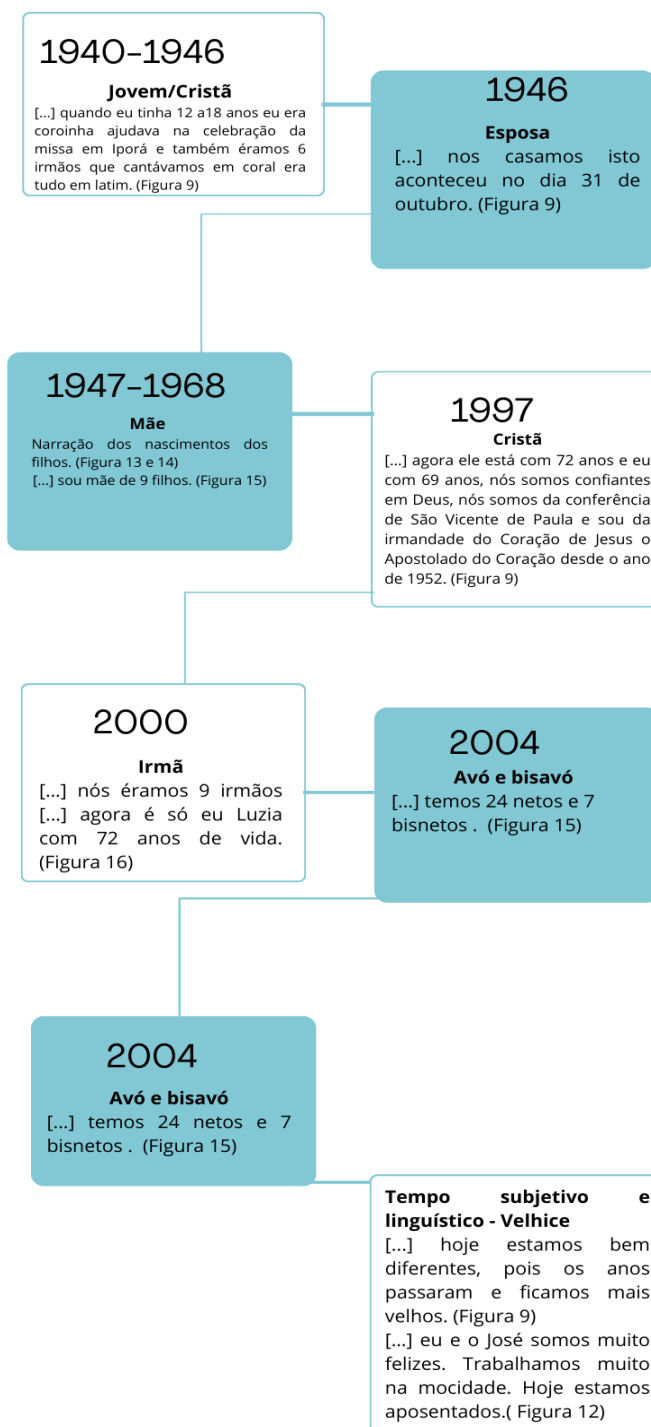
O termo “minhadade”, empregado por Ricoeur (2007), indica o momento em que o sujeito entende sua experiência, associa o passado, o presente e considera o futuro. Assim, a narradora inicia a história a partir da contagem de quantos irmãos havia na família; em seguida, menciona os que morreram e os que continuam vivos, indicando o nome e idade. O tempo relatado é marcado no cálculo dos dias que uma irmã faleceu. A história manifesta a relação afetiva da narradora com os irmãos e com a velhice. Podemos dizer que a representação de si ocorreu por meio de várias perspectivas de autorrepresentação: a esposa (que enaltece o esposo que construiu a própria casa), a mãe (que mergulhou em seus pensamentos para descrever o nascimento dos filhos), a avó e bisavó (que fala com carinho e quantifica os netos e bisnetos) e a irmã (que cita as mortes dos irmãos, sem deixar de destacar os que estavam bem e desfrutando da velhice).

#### 6.5.2 Múltiplas identidades

Nos excertos analisados anteriormente, pudemos observar que a narradora não apresenta uma única identidade, visto que os diferentes papéis assumidos foram construídos e transformados no decorrer da narrativa. As múltiplas identidades indicam as diferenças das experiências dos indivíduos, visto que cada um exerce papéis e se relaciona de maneira distinta. Assim, identificar as identidades é reconhecer que os indivíduos são multifacetados.

A seguir, na Figura 28, relacionamos as identidades evidenciadas a partir das marcações temporais citadas na narrativa:

**Figura 28 - Construção temporal das identidades**



Fonte: Elaborada pela autora.

As identidades não aparecem de maneira sequencial, no entanto elaboramos a linha do tempo com informações que demonstram indícios identitários, a fim de que pudéssemos relacionar como são revelados. Gagnebin (2009, p. 44) afirma que “[...] a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado que faz sua irrupção em um presente evanescente”. As identidades não se sobrepõem, mas sim se entrelaçam e se complementam, como os pedaços de uma colcha de retalhos, que, juntos, formam uma totalidade significativa e diversa.

Por meio do *ethos*, a narradora procura envolver os leitores e, ao mesmo, tempo cria identidades heterogêneas. Isso decorre de uma série de sentimentos e decisões conscientes e inconscientes da autoafirmação que ela faz quanto ao seu reconhecimento nas relações sociais. A esse respeito, Lejeune (2012) diz que não só a autobiografia se modifica com as estruturas sociais e ferramentas de comunicação, mas também a forma como conduzimos e entendemos a nossa identidade. Desse modo, os papéis assumidos são legitimados e dotados de significação, mas passíveis de mudança.

### 6.5.3 *Ethos* solidário e afetivo

O *ethos* é um elemento chave na AD, conforme vimos em nosso referencial teórico, e tem relação com a identidade do narrador. Ao longo de sua narrativa, Luzia mostra sua posição social a partir das escolhas de vocabulário, da simplicidade com que narra fatos e situações cotidianas. Amossy (2016; 2020) explica que o *ethos* é uma imagem discursiva construída por meio de estratégias retóricas que o orador ou escritor constrói de si mesmo. A finalidade da escrita/fala é conquistar a confiança do público. Em nosso objeto analisado, observamos que a escrita da narradora tem essa finalidade, a partir da constituição da sua identidade/imagem de si, apresentando uma produção repleta de valores, projetando credibilidade para aqueles que a leem. A dimensão emocional está presente em várias passagens de sua escrita e influencia na criação de vínculos afetivos com o leitor, conforme demonstram os seguintes trechos:

[...] o grande amor da minha vida, um rapaz forte e sadio, por nome José da Silva Rodrigues. Foi amor à primeira vista, quando avistamos já nos apaixonamos e namoramos 2 anos foi em 1944 e em 1946 nos casamos.

[...] e assumimos mais uma vez o juramento de fidelidade, abençoando as alianças. E na entrada cantaram o hino é o amor. Eu senti tanta emoção que

até chorei, os jovens cantando forte e a igreja cheia de convidados foi muito lindo.

A autobiografia analisada apresenta o que nomeamos de *ethos* solidário e afetivo, característica notável da escrita, porque o relato é permeado não só da voz da narradora, mas também do outro, com quem convivia. A escrita nos permite construir a imagem da escritora como uma pessoa solidária e afetiva, preocupada com a família. Como podemos perceber nos excertos: “[...] e ainda em 1960 tivemos uma grande tristeza, pois minha mãe faleceu [...] (Figura 21), “Eu e o José somos muito felizes, trabalhamos muito na modicidade [...] (Figura 23). A voz que ecoa não é apenas sua, mas apresenta uma linguagem inclusiva, de experiências e sentimentos compartilhados, reforçando o *ethos* solidário, que é construído na medida em que a vida individual é projetada no nós, no outro, e não apenas no eu. Podemos verificar o *ethos* por meio das referências do enunciador ou da forma particular de enunciar.

O *ethos* solidário e afetivo é percebido na forma como a narradora constrói uma imagem emotiva de si em relação à família, evocando emoções e sentimentos no leitor. Luzia demonstra solidariedade e preocupação com o bem-estar da sua família e captura as emoções do leitor para também se preocupar com a saúde da narradora em sua velhice, por exemplo, quanto relata: “[...] Já são 10h30min da noite e eu ainda não consegui dormir, pois estou muito preocupada com a minha saúde”. A escrita sobre si, com exemplos pessoais, é emocionalmente envolvente e possibilita a criação do *ethos* solidário e afetivo. Em outro trecho, Luzia demonstra sua preocupação com o cunhado, que estava em uma viagem: “Nós já estávamos preocupados com a demora, mas estava muito difícil lá sem chuva” (Figura 10).

A expressão de emoções é recorrente ao longo de sua escrita, demonstrando felicidade, alegria e tristeza em diversos momentos. A expressão de alegria se sobrepõe à de tristeza em sua narrativa. Observemos os excertos abaixo:

- Em relação ao esposo: “[...] somos muito felizes, somos os eternos namorados” (Figura 10).
- Em relação aos pais: “[...] e tudo o que eles faziam era com amor” (Figura 15).
- Em relação ao nascimento da primeira filha: “[...] foi um dia muito feliz em minha vida. Foi o nascimento da minha primeira filha” (Figura 24).
- Em relação ao nascimento do filho caçula: “[...] pois ele é forte e muito feliz, nos dá muita alegria (Figura 25).
- Em relação a morte do pai: “[...] também tivemos uma triste notícia que meu pai tinha morrido [...] (Figura 11).

- Em relação à mãe: “[...] minha mãe muito esforçada, forte e bonita cuidava de tudo com alegria” (Figura 12).
- Em relação aos filhos: “[...] uma grande alegria que tivemos no dia 28 de outubro. Nossos filhos nos deram esta alegria [...]” (Figura 19).
- Em relação à morte da mãe: “E ainda em 1960 tivemos uma grande tristeza, pois minha mãe faleceu com um problema cardíaco no dia 30 de março do mesmo ano, ela sofreu uns anos” (Figura 20).
- Em relação à morte do irmão: “faleceu o meu irmão Osvaldo Sardinha também problema de coração, foi mais uma tristeza para nós” (Figura 20).

Ao descrever seus pais, a narradora descreve detalhes sobre a figura do pai, como alguém atento para cuidar da esposa, e da mãe, igualmente atenta para cuidar do esposo. O cuidar é algo marcante em sua escrita e é como constrói sua identidade: uma pessoa que deve cuidar da sua família. Ao descrever a atitude do pai, a narradora emprega recursos linguísticos, descrições e julgamentos que levam o leitor a construir a imagem do pai como uma pessoa que cuidava da família: “[...] outras coisas que ele costumava comprar e chapéu para minha mãe, é diferente dos outros, era todo enfeitado de rosas, os forros dos cilhões era cochinil ou pelego e para proteger na época das chuvas sombrinhas para tapar o sol. Enfim, ele pensava em tudo e o carinho com que ele tratava a família” (Figura 16).

A projeção de si na narrativa leva o leitor a construir a imagem da narradora como uma pessoa afetiva, alegre, solidária, religiosa, amorosa e preocupada com a família. Os recursos linguísticos empregados em sua escrita estabelecem conexões emocionais de empatia e identificação com o público, despertando confiança e adesão. A narrativa mostra as experiências pessoais, transpassadas pelas sociais, tendo em consideração a cultura, as normas, as circunstâncias econômicas e sua estrutura.

É possível perceber que a escrita da narradora, produzida no período da velhice, constitui a autoexpressão e a conservação da memória, na qual ela reflete sobre sua vida, contextualiza suas experiências e registra suas impressões em relação a suas vivências. Além disso, notamos que a escrita analisada mostra uma narradora mais afetiva, sensível à decadência da própria idade no que diz respeito à saúde; no entanto, a narradora é positiva quando aborda as experiências associadas às expressões de afeto e relacionamento com a família, o que atribuímos às características da própria idade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do processo de produção desta pesquisa, nosso objetivo principal foi analisar o discurso em uma narrativa autobiográfica, considerando a constituição da memória e a construção da identidade. A partir disso, buscamos investigar como foi construído o discurso no texto selecionado; descrever e analisar as continuidades e rupturas narrativas da memória; identificar, no discurso, elementos narrativos de construção da identidade e verificar como o *ethos* foi construído na narrativa.

Para a análise, tomamos referencial teórico e metodológico a ADC, a partir da concepção tridimensional de Fairclough (2016), que é caracterizada por três aspectos: práticas sociais, práticas discursivas e o texto. As práticas sociais envolvem a ideologia e a hegemonia; as práticas discursivas compreendem as forças dos enunciados; o texto contempla o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. Essa abordagem busca compreender as relações entre discurso, ideologia e poder na sociedade. Para tanto, destaca a relação entre linguagem, estrutura social e processos discursivos, enfatizando como o discurso é empregado para reproduzir e preservar relações desiguais de poder.

Nosso objeto de estudo - uma narrativa autobiográfica produzida na velhice - nos forneceu dados para analisar a constituição do discurso, da memória e da identidade não somente de uma mulher chamada Luzia Sardinha Rodrigues, autora da escrita, mas de uma sociedade em um determinado tempo da história, especialmente referente ao século XX, em um estado brasileiro, uma vez que a identidade individual se relaciona e se produz na identidade coletiva, o discurso produzido não retrata apenas uma pessoa, mas uma coletividade.

A narrativa autobiográfica é uma forma de expressão individual que revela a experiência humana e nos auxilia na compreensão da subjetividade construída na coletividade. Ao analisar a narrativa autobiográfica, compreendemos questões referentes à memória, à identidade, à construção de significados e representações sociais, visto que a narrativa é uma forma de autorrepresentação em que a narradora projeta uma imagem de si e constrói uma representação do meio em que vive, manifestando concepções ideológicas. O estudo da narrativa autobiográfica nos permite compreender os processos sociais e culturais; assim, tal estudo tem importância histórica e sociológica, pois propicia informações sobre determinado período histórico, possibilitando o entendimento das transformações sociais, das experiências individuais e coletivas.



A narrativa autobiográfica escrita na velhice oferece uma oportunidade para aquele que escreve refletir sobre sua vida, suas experiências, memória(s) e identidade(s). Nesse importante período do desenvolvimento humano, cheio de vivências e situações para contar, os discursos são permeados por ideologias e hegemonias que precisam ser reveladas e analisadas à luz de teorias multidisciplinares, a fim de buscar a compreensão dos textos e práticas discursivas na relação com as práticas sociais. O idoso compartilha suas histórias e sabedoria acumuladas, explicando sua construção identitária na relação com o social e esclarecendo, para futuras gerações, discursos e expressões de um tempo. Assim, a narrativa autobiográfica produzida na velhice oportuniza o fortalecimento da identidade individual, ao mesmo tempo em que contribui para o enriquecimento da cultura e para a compreensão coletiva da experiência humana.

A autora da narrativa, Luzia, foi inspiração, exemplo de luta pelo amor e pela família. Foi o laço que uniu muitas histórias em sua escrita. Sua narrativa foi registrada e reescrita em muitos fragmentos e em diferentes momentos da vida, em seus caderninhos de capa dura. A memória era muito importante e valorizada pela escritora, fazia registros de datas que considerava importantes e gostava de escrever diários.

Ao longo da pesquisa, foi necessário manter um distanciamento do objeto estudado e, ao mesmo tempo, um esforço constante de aproximação cuidadosa, tendo em vista nossa relação pessoal com a autora da narrativa, uma relação de avó-neta, sendo, dessa maneira, coadjuvante da história de vida e pesquisadora onisciente, que conhece fragmentos da vida narrada. Nesse contexto, foi importante estabelecermos uma estrutura metodológica que favorecesse tal distanciamento, embora nosso ponto de partida seja a concepção de não-neutralidade, sustentada pelo nosso arcabouço teórico, uma vez que nossa individualidade é construída na relação com o social.

De maneira geral, podemos afirmar que a concepção tridimensional do discurso nos possibilitou compreender a relação entre linguagem, estrutura social e processos discursivos, enfatizando como o discurso é empregado para reproduzir e preservar relações desiguais de poder, bem como representar as concepções de mundo, as experiências, a partir da introjeção dos discursos por nós internalizados no meio em que vivemos.

Consideramos como categorias centrais o discurso, a memória e a identidade, as quais estão imbricadas, uma vez que o discurso é manifestado em toda relação social do indivíduo e constitui sua memória e identidade individual e coletiva. A partir disso, analisamos os sentidos manifestados na materialidade linguística, o que nos possibilitou estudar os elementos textuais (análise textual); as representações sociais; os espaços das ordens do

discurso; o tempo (linguístico, físico e subjetivo); os tipos de memória propostos por Candau (2021); a memória discursiva e a semântica propostas por Paveau (2013); a construção da identidade, em que verificamos a identidade legitimadora (CASTELLS, 2018). Com base nesses pontos observados e na análise cuidadosa da narrativa autobiográfica, estabelecemos as categorias: projeção discursiva da família; representação do matrimônio; digressão, continuidade e rupturas da memória; ser coletivo; múltiplas identidades e os *ethos* solidário e afetivo.

O primeiro aspecto analisado se refere à **construção do discurso na narrativa**. Percebemos que a narrativa não apresenta uma linearidade: há momentos em que a narradora conta a história de maneira sequencial e em outros ela interrompe para narrar outro fato ou, ainda, para fazer referência ao momento da escrita, narrando suas preocupações e como se sentia. Inicia contando a história dos pais e depois narra como conheceu o esposo, o nascimento dos filhos... É interessante notar que o uso a primeira pessoa do plural é recorrente e em poucos momentos usa a primeira do singular, como na história do nascimento da primeira filha. Tais aspectos estão relacionados a categorias da projeção discursiva da família e do matrimônio.

Ao contar a própria história, a narradora seleciona e organiza os acontecimentos, experiências e vivências, emoções, gerando significado e estrutura. Por isso, a memória exerce um papel importante nesse processo, uma vez que é a partir dela que as recordações são recuperadas e reconstruídas. Dessa forma, a memória realiza um processo interpretativo e seletivo e isso pode ser percebido nas digressões ao longo da narrativa. Verificamos que o discurso da narradora é influenciado por suas crenças, valores e percepções, assim como pelos contextos social e cultural em que viveu. A construção da identidade acontece por meio da seleção e da ênfase dada a determinados eventos e aspectos da vida, como o nascimento dos filhos, as comemorações das bodas, a preocupação com a saúde. Assim, a narrativa autobiográfica é uma maneira de expressão que retrata a interatividade entre a linguagem, a memória e a identidade, possibilitando que os sujeitos manifestem por meio da escrita a sua história, de acordo com suas perspectivas, objetivos e a maneira como compreende o mundo e se percebe no mundo.

A análise da estrutura textual nos permitiu verificar as intenções da escrita, bem como as estratégias e ideologias produzidas na narrativa. Identificamos o padrão discursivo das digressões temporais e da reflexão do passado em relação à velhice, ou mesmo do tempo presente, como na passagem em que a narradora escreve: “[...] Eu e o José somos muito felizes, trabalhamos muito na mocidade, hoje estamos aposentados”. No entanto, há

progressão cronológica quando ela descreve experiências e eventos da sua vida, desde o casamento dos pais, até o próprio casamento e velhice. As digressões, muitas vezes, evidenciam situações significativas para a narradora. Esse padrão discursivo possibilita construir uma narrativa coerente e, ao mesmo tempo, imprimir uma visão de si, de suas experiências e relações com a família e o meio em que vivia, o que nos permite compreender como suas visões de mundo e ideias foram reforçadas por meio da organização linguística do texto.

O segundo ponto de análise foi a **ocorrência das digressões, continuidades e rupturas de memória no discurso**. Embora as digressões ocorram ao longo da narrativa, rompendo com a linearidade do texto, elas não causam incompreensão. É possível perceber que a memória está relacionada ao tempo físico (dia, mês, ano), linguístico (citação temporal com marcadores que apontam ações no presente ou passado) e subjetivo (relacionado às experiências individuais e percepções da narradora). Em alguns excertos, a narradora está contando uma história e, de repente, interrompe a narração da situação para inserir um outro momento que recordou. Tal aspecto tem a ver com a memória discursiva, referente às lembranças e recordações por meio do discurso, e contribui também para a construção da identidade, tanto individual como coletiva.

A memória discursiva molda o nosso entendimento do passado, motiva nossas percepções de mundo e auxilia na formação de discursos manifestados no decorrer do tempo; ao mesmo tempo, preserva a memória coletiva e possibilita que eventos, vivências e significados sejam compartilhados e reinterpretados. Nesse sentido, podemos notar que a memória está relacionada tanto ao tempo (físico, linguístico e subjetivo) quanto à digressão temporal relativa ao instante da narração - em que a narradora evidencia uma representação de si e do 'outro' - e à mudança de um tópico discursivo para outro, sem prejudicar a coerência textual. Esses pontos foram associados à categoria da digressão, continuidade e rupturas da memória.

No terceiro ponto de análise, enfocamos a **identidade na escrita autobiográfica**. Em relação a esse aspecto, constatamos a manifestação de identidades múltiplas, construídas na estrutura da hegemonia ideológica do tempo de vida da narradora. Essa estrutura apresenta uma diversidade de papéis que compõe a totalidade da narradora. Dessa forma, a escrita nos possibilitou ver as combinações, ou seja, a posição que a narradora assume diante dos fatos narrados, que constituem uma unidade, um indivíduo, conforme esclarece Ciampa (1989). Percebemos mais fortemente a identidade legitimadora, que, de acordo com Castells (2018), é

aquela atravessada pela família, pela igreja, e tem valor ético que consolida a produção ideológica, visto que, de certa maneira, destaca o patriarcalismo da sociedade.

Tanto a família como a igreja exercem influência na construção identitária da narradora e reforçam ideias dominantes como parte da sua identidade individual como, por exemplo, as identidades de mãe, esposa, irmã, e a exaltação da figura masculina - o esposo. A identidade legitimadora surge quando os sujeitos e grupos seguem e internalizam as estruturas e ideias dominantes como parte de sua própria identidade, colaborando para a permanência e reprodução do sistema social existente. Essa perspectiva destaca a relação intrincada entre poder, controle ideológico e formação de identidades e oferece percepções sobre como as estruturas de poder influenciam e moldam as representações de si mesmo e dos outros na sociedade. Esses elementos podem ser observados nas categorias do ser coletivo e das múltiplas identidades.

Por fim, o quarto o aspecto analisado foi **a construção do *ethos* na narrativa**. Verificamos que o *ethos* é construído quando a narradora evidencia sua experiência de vida, incluindo momentos importantes, situações superadas e ensinamentos aprendidos. Isso corrobora a imagem de sabedoria e autoridade relacionada à velhice. Além disso, a narradora compartilha valores e princípios pessoais, que formam sua identidade ao longo do tempo, sustentando um *ethos* de concepções e crenças que guiaram suas ações e decisões.

Na narrativa, verificamos o *ethos* afetivo ligado às emoções, aos sentimentos e à maneira como esses elementos estão associados aos papéis identitários de filha, esposa, mãe, irmã, avó e bisavó, deixando emergir crenças e valores por meio da expressão da linguagem e atitudes retratadas; à forma como a narradora se relaciona com o outro e como demonstra amor. O *ethos* solidário se relaciona à voz que ecoa no plural: apesar de iniciar a narrativa contando a história dos pais, a narradora resgata momentos em que ecoam, por meio da desinência verbal, vozes em conjunto. Assim, os fatos descritos abordam não só o sentimento relacionado a ela, mas também ao esposo. Nesse sentido, estabelecemos as categorias de análise relacionada aos *ethos* afetivo e solidário, que desempenham um importante papel na formação da identidade, das interações que a narradora vivenciou, bem como se relaciona com a escrita na velhice, uma vez que a narradora se mostra sensível à decadência da saúde, em decorrência da idade, e à valorização dos modos de expressão de afeto.

Portanto, enquanto uma forma de autorrepresentação, o estudo da narrativa autobiográfica nos permitiu compreender os processos sociais e culturais presentes no discurso de Luzia, o que, para nós (e para outrem) tem grande importância histórica e sociológica, considerando que, por meio de textos como o aqui analisado, podemos perceber

e compreender a memória, a identidade, a construção de significados, as representações sociais e a manifestação das concepções ideológicas presentes no discurso narrado, bem como a subjetividade do(a) narrador(a), que é construída na relação com o outro.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1998.

ALVES, Rubens. **Sobre o tempo e a eternidade**. 16ª edição, Campinas, São Paulo: Papirus, 2012. p.61.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Estrutura etária, bônus demográfico e o envelhecimento populacional. In ALVES, José Eustáquio Diniz; GALIZA, Francisco. **Demografia e economia nos 200 anos da independência do Brasil e cenários para o século XXI**. Supervisão e coordenação metodológica da Diretoria de Ensino Técnico; assessoria técnica de José Eustáquio Diniz Alves. Rio de Janeiro: ENS, 2022. 6,9 Mb; PDF. Disponível em: [https://ens.edu.br:81/arquivos/Livro%20Demografia%20e%20Economia\\_digital\\_2.pdf](https://ens.edu.br:81/arquivos/Livro%20Demografia%20e%20Economia_digital_2.pdf). Acesso em: jun. 2023.

AMOSSY, Ruth. Da noção da retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016. Cap. 1. p. 9-28.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. 1ª ed. Trad. Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira; Trad. Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2020.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARFUCH, Leonor. Referência no estudo de relatos biográficos, a argentina Leonor Arfuch fala sobre a polêmica das biografias. Entrevista cedida a Alessandra Noal. **GZH Cultura e Lazer**, Porto Alegre, 07/12/2013. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/12/referencia-no-estudo-de-relatos-biograficos-a-argentina-leonor-arfuch-fala-sobre-a-polemica-das-biografias-4357746.html>. Acesso em: 10 out. 2022.

ARISTÓTELES. **Política**. 1ª. ed. Trad. Mário da Gama Kury. São Paulo: Madamu, 2021.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARROS, Solange Maria de. Bases filosóficas da análise do discurso crítica. In: BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. Cap. 2. p. 36-47.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3ª ed. (Kindle). Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BOGDAN, Robert; BICKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In: OLSON, David R. TORRANCE, Nancy (Orgs.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995. p. 141-161.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1ª ed. Trad. Maria Letícia Ferreira. 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 9ª ed. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: CODO, W.; LANE, S. T. M (Orgs.). **Psicologia social**: o homem em movimento São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 58-75.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. 21ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CONTE, Maria-Elisabeth. Anaphoric Encapsulation. **Belgian Journal of Linguistics**. Bélgica, p. 1-10. jan. 1996. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/bjl.10.02con>. Acesso em: 13 fev. 2023.

CUNHA, Maria Angélica da; SOUZA, Maria Medianeira. Situando o funcionalismo. In: CUNHA, Maria Angélica da; SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 1, p. 21-35.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: rethink Critical Discourse Analysis. Edinbourg University, 1999.

CREMA, Roberto. **Saúde e plenitude**: um caminho para o ser. São Paulo: Summus, 1995, p. 13.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DOMÈNECH, Miguel; TIRADO, Francisco; GÓMEZ, Lúcia. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Trad e Org.). **Nunca fomos humanos nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. 2ª ed. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.

EAKIN, Paul John. **Vivendo autobiograficamente**: a construção da identidade na narrativa. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2ª ed. Brasília: UnB, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman.; MELO, I. F. de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728> . Acesso em: 9 jun. 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. Simultaneously published in the USA and Canada: Routledge, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Comp.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Trad. Tomás Fernández Aúz y Beatriz Eguibar. Barcelona: Gedisa, 2003. Cap. 6. p. 179-203.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**. São Paulo: Contexto, 2017.

FERREIRA, Luiz Antonio. Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do ethos. In: FERREIRA, Luiz Antonio (Org.). **Inteligência retórica: o ethos**. São Paulo: Blucher, 2019, p. 9-23.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2016.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Vol. V - Ética, sexualidade e política. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbaso. Rio de Janeiro, Forense, 2004, p. 144-162.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21ª ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2ª ed. São Paulo: 34, 2009.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e prática social. In: BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. Cap. 4, p. 78-103.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002

IZQUIERDO, Iván. A mente humana. **MultiCiência**. Porto Alegre: Centro de Memória do Instituto de Pesquisas Biomédicas da PUC-RS, Brasil, 2004.

Disponível em: <https://online.pucrs.br/campus-digital/progresso/aprender-para-liderar>. Acesso em: nov. 2022.

IBGE, PNAD - **Características gerais dos moradores 2020-2021**. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957_informativo.pdf) . Acesso em: junho 2023.



JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Identidade. In: STREY, Marlene Neves *et al.* **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 158-166.

JODELET, Denise. **Representações sociais e mundos de vida**. Trad. Lilian Ulup. Paris: Éditions des archives contemporaines; São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Ed.). **Les représentations** so \_Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Trad. Tarso Bonilha Mazzotti. Rio de Janeiro: UFRJ - Faculdade de Educação, dez. 1993, p. 1- 21. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324979211\\_Representacoes\\_sociais\\_Um\\_dominio\\_em\\_expansao](https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao). Acesso em: 20 jun. 2022.

KOCH, Ingedore Villaça. Principais objetos de estudo: o estado da arte. In: KOCH, Ingedore Villaça *et al.* **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2021. Cap. 2. p. 59-102.

KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. Cap. 2. p. 33-52.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3ª.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos de discurso. **Veredas** - Revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v. 6. N. 1, 2002, p. 29-42. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap022.pdf> . Acesso em: 22 jan. 2022.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSHI, Luis Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 14, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43402>. Acesso em: 22 jan. 2022.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rosseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEJEUNE, Philippe. **Autobiografia e novas ferramentas de comunicação**. Palestra proferida no Dia do Encontro Regional Rhône-Alpes da XVII Semana da Língua Francesa e da Francofonia, Lyon, 6 de outubro de 2012. Disponível em: <https://cle.ens-lyon.fr/anglais/litterature/les-dossiers-transversaux/theories-litteraires/l-autobiographie-et-les-nouveaux-outils-de-communication>. Acesso em: jan. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7ª ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 2013.

MAGALHÃES, Ana Lucia. Artimanhas do ethos. In: FERREIRA, Luiz Antonio (Org.). **Inteligência retórica: o ethos** São Paulo: Blucher, 2019. p. 29-44.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas** - Revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v. 1. n .1, 2002, p. 43-62. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/25295-Texto%20do%20artigo-99210-1-10-20160720.pdf> . Acesso em: 22 jan. 2022.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MATEUS, Samuel. **Retórica afetiva**. Subsídios para a compreensão da natureza do pathos. Sopcom, 2020. (*Online*).

MATTOS, Tiago Ramos. **Biografias e autobiografias**: um estudo de estilo em ambos os gêneros do discurso. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

MEYER, Michel. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Estatuto do idoso**. 2ª ed. Série E. Legislação de Saúde Editora MS. Brasília, 2007. Disponível em: [https://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/estatuto\\_idoso2edicao.pdf](https://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/estatuto_idoso2edicao.pdf). Acesso em: jun. 2023.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. Cap. 1, p. 11-31.

MOMBERGER, Christine Delory. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, vol. II, 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 13-52.

NORONHA, Jovita Maria Gerhim. Entrevista com Lejeune. **IPOTESI** - Revista de estudos literários. Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 21-30, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19271>. Acesso em: nov. 2021.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Entrevista com Philippe Lejeune. **IPOTESI** - Revista de estudos literários, v. 6, p. 21-30, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19271>. Acesso em: mar. 2023.

OLIVEIRA, Fátima Oliveira de; WERBA, Graziela Cucchiarelli. Representações sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa; STREY, Marlene Neves; BERNARDES, Maria Guazzelli; GUARESCHI, Pedrinho Arcides; CARLOS, Sérgio Antônio; FONSECA, Tânia Maria Galli. **Psicologia social contemporânea**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Cap. 2, p. 104-117.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 13ª ed. Campinas: Pontes, 2020.

PAVEAU, Marie Anne. **Os pré discursos**: sentido, memória, cognição. Trad. Greciely Costa e Débora Massmann. Campinas: Pontes, 2013.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise do discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas, São Paulo: Pontes, 2011. (Coleção: Linguagem e Sociedade. v.1).

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REIS, Clayton Washington dos. FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A velhice sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. In: MARTINS, Lígia Márcia, ABRANTES, Angelo Antonio, FACCI, Marilda Gonçalves Dias, (Orgs.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico**: do nascimento à velhice. Campinas: Autores Associados, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François *et. al.* Campinas: Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** - Tomo I. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa**: uma introdução. 5ª ed. Trad. Tomás da Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SEVERINO, Joaquim Antônio. **Metodologia do trabalho científico**. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Franklin Leopoldo; BERGSON, Henri. **Tempo e memória**. *YouTube*, 24 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kWS5Wnv0LEw> Acesso em: 28 out. de 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIEIRA, Josenia Antunes; MACEDO, Denise Silva. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. Cap. 3, p. 48-77.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WODAK, Ruth. De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Trad. Tomás Fernández Aúz y Beatriz Eguibar. Barcelona: Gedisa, 2003. Cap. 1, p. 17-33.